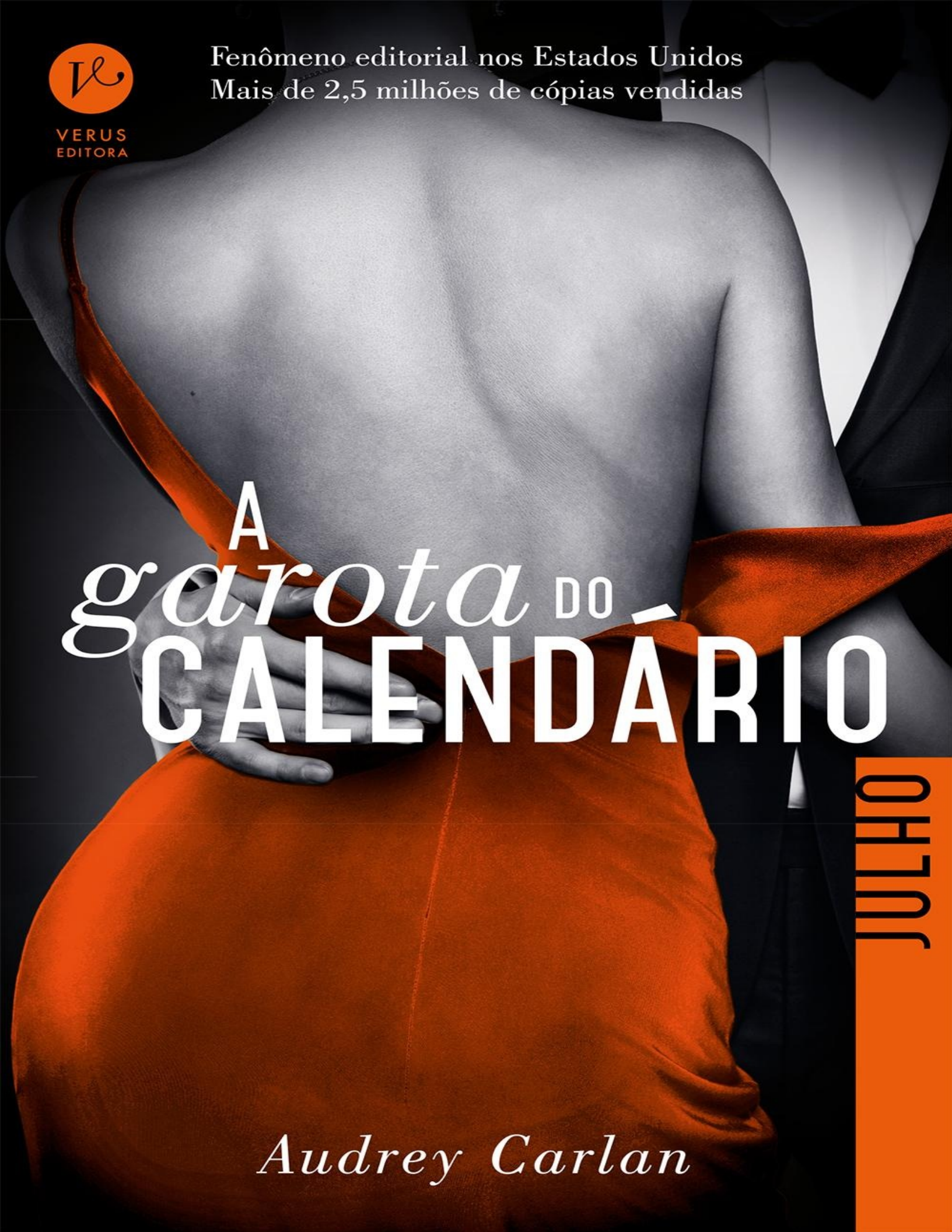
Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas
VERUS
EDITORA
A garota do CALENDÁRIO
JULHO
Audrey Carlan

Audrey Carlan

A garota do CALENDÁRIO

JULHO

Tradução
Andréia Barboza



VERUS
EDITORA

Editora
Raïssa Castro

Coordenadora editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Lígia Alves

Revisão
Maria Lúcia A. Maier

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa
André S. Tavares da Silva

Foto da capa
© Mayer George/Shutterstock (casal)

Título original
Calendar Girl: July

ISBN: 978-85-7686-561-2

Copyright © Audrey Carlan, 2015
Todos os direitos reservados.
Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

C278g

Carlan, Audrey
A garota do calendário [recurso eletrônico]: julho / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 7)

Tradução de: Calendar Girl: July
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-561-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.

16-36264

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Rosa McAnulty

Julho é dedicado a você, minha princesa porto-riquenha.

Obrigada por garantir que a linguagem e os maneirismos da cultura de Porto Rico fossem autênticos e coerentes com os personagens.

Obrigada por fazer parte da minha equipe, por me apoiar e, acima de tudo, por ser tão amiga.

Besos, meu anjo.

SUMÁRIO

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

A garota do Calendário | Agosto

1

1



Loira. Olhos azuis. Alta. Uma deusa. Jesus. O universo ria de mim enquanto eu permanecia parada, olhando de cima a baixo a mulher que parecia uma top model. Ela poderia ser a irmã perfeita da Rachel, e olha que a Rachel já era bem impressionante.

A mulher estava ao lado de um Porsche Boxster preto, balançando a perna, como se estivesse muito ansiosa. Seus dedos batiam de forma contínua na placa com meu nome que ela segurava. O fato de ela apoiar o peso do corpo em uma perna e depois na outra sobre os saltos agulha — de forma não tão sutil — aumentava as ondas de ferocidade que emanavam dela. Mas também poderia ser culpa do calor de Miami. Meu Deus, era sufocante, e ainda assim aquela mulher estava perfeitamente composta, como se tivesse saído de um clipe de rock. Vestia um jeans skinny tão justo que deixava ver a bela curva do traseiro. Sua blusa regata me fez babar, com um texto em cima dos peitos grandes que dizia: "Me abrace e morra". Havia pelo menos dez colares de contas, de tamanhos e comprimentos variados, ao redor de seu pescoço. O cabelo dela era demais, preso de um jeito complicado que lhe dava a aparência de uma roqueira chique.

Depois que eu a inspecionei por alguns minutos, ela fixou os olhos azuis em mim. Um sopro de ar deixou seus pulmões quando ela jogou a placa dentro do carro pela janela. Me olhou de cima a baixo, começando pelos cachos, passando pelo vestido de verão e pelas sandálias simples que eu usava.

— Isso nunca vai dar certo. — Ela balançou a cabeça, exasperada. — Vamos, tempo é dinheiro — disse, petulante, olhando para trás, em minha direção. O porta-malas se abriu e eu joguei a bagagem lá dentro.

— Eu sou a Mia, a propósito. — Estendi a mão no momento em que ela colocava um par de óculos aviador superdescolado. Virou a cabeça e olhou para

mim por cima deles.

— Eu sei quem você é. Fui eu que te escolhi. — Seu tom continha uma pontada de desgosto quando ela ligou o carro e pisou no acelerador, sem esperar que eu colocasse o cinto de segurança. Meu corpo foi jogado para a frente e eu apoiei a mão no painel de couro liso.

— Eu fiz alguma coisa que te irritou? — Coloquei o cinto e observei seu perfil.

Sua respiração saiu em um suspiro longo e lento antes que ela negasse com a cabeça.

— Não — gemeu. — Desculpe. O Anton me irritou. Eu estava fazendo uma coisa superimportante quando ele pediu para eu vir buscar você, já que *ele* precisava do nosso motorista para que *ele* pudesse transar com umas groupies no banco de trás do Escalade.

Eu me encolhi. Que maravilha. Parecia que o meu novo chefe era um babaca que pegava todas. *Mais um, não*.

— Que péssimo.

Ela fez uma curva rápida para pegar a rodovia.

— A gente pode recomeçar? — A voz dela refletia sinceridade e um pedido de desculpas. — Sou a Heather Renee, assistente pessoal do Anton Santiago. O cantor de hip-hop mais famoso do país.

— É mesmo? — Uau. Eu não tinha me dado conta de que ele era tão importante assim. Não costumo ouvir hip-hop. Sou mais uma garota do rock.

Heather assentiu.

— Sim. Todos os álbuns que ele lançou ganharam discos de platina. Ele é "o cara" do hip-hop, e o bom é que ele sabe disso muito bem. — Ela sorriu. — O Anton quer te conhecer imediatamente, mas você não pode usar isso aí. — Seu olhar se concentrou no meu vestidinho verde liso. Ele destacava meus olhos e fazia meu cabelo parecer incrível. Além disso, era confortável para viajar.

— Por que não? — Puxei a bainha para baixo, me sentindo envergonhada.

— O Anton está esperando uma modelo gostosa, um mulherão. — Mais uma vez, seus olhos percorreram minha roupa. — Você tem curvas, mas esse vestido te faz parecer muito comum, tipo a Sandra Bullock. Você vai precisar usar uma das roupas que eu comprei. Na casa tem um closet cheio de peças para você. Não deixe de usá-las. Ele espera que você esteja estonteante em todos os momentos.

Carrancuda, concentrei a atenção do lado de fora quando o Porsche cruzou a Ocean Drive. Os edifícios art déco com vista para o Atlântico se alinhavam em uma enorme extensão de terra.

— Tem água dos dois lados? — observei quando passamos sobre uma das pontes principais.

Heather fez um gesto com a mão.

— A baía Biscayne e o Atlântico estão dos dois lados da faixa de terra, como você pode ver. — Ela apontou para cima, em direção a um conjunto de construções altas. — A maior parte dos prédios aqui são hotéis, como o Colony, e outros pontos turísticos. E tem as pessoas — as sobrancelhas dela se ergueram — que podem se dar ao luxo de morar aqui, como o Anton.

Olhando para os edifícios enquanto o Porsche deslizava pela estrada, com o vento soprando pela janela e balançando meu cabelo, notei uma paleta de cores que eu não via com frequência. Em Las Vegas, tudo parecia marrom ou terracota. Em L.A., as coisas iam do branco puro a uma variedade de tons suaves que se encaixavam na vibração da Califórnia. Aqui, porém, as cores pareciam explodir em laranjas pálidos, azuis e rosas misturados com branco.

— Está vendo esses lugares? — Ela apontou para os hotéis Colony e Boulevard com um movimento leve e rápido da mão contra o vento. Anuí e me estiquei para ver melhor. — Eles ficam todos iluminados de neon à noite. Como em Las Vegas.

Vegas. Tive certeza de que meus olhos se arregalaram quando um baque constante começou em meu peito. Uma pontada atingiu meu coração. Eu precisava ligar para Maddy e Ginelle. Cara, Gin ficaria tão puta da vida quando eu contasse o que aconteceu em Washington. Talvez eu não contasse. Iria pensar nessa possibilidade.

— Que legal. Eu nasci em Vegas. Vai ser bom ver os prédios iluminados. — Eu me ajeitei no banco do carro, apreciando a brisa e permitindo que se dissipasse a tensão que sofri em Washington e em Boston, quando tive de deixar Rachel e Mason para trás.

Atrapalhada, liguei o celular. Várias notificações chegaram, e eu verifiquei uma por uma: uma mensagem de Rachel me pedindo para avisar quando chegasse. Outra de Tai, perguntando se o novo cliente era um cavalheiro ou se ele precisaria pegar mais um avião. E uma de Ginelle. *Ah, droga.* Aquilo não era nada bom.

Meu estômago parecia um poço do tamanho do Grand Canyon, uma caverna sem fim de tanto medo, quando abri a mensagem de Gin.

> Você foi atacada? Ficou no hospital? Por que caralhos eu tive que saber disso pelo irmão do Tai? Se você ainda não estiver

morta, eu mesma vou te matar!

Respirando fundo, digitei a resposta:

Foi só um pequeno incidente. Nada de mais. Estou ótima. Não se preocupe comigo. Te ligo mais tarde, quando me instalar com o Latin Lov-ah.

Latin Lov-ah? Não brinca! Ele é um dos maiores nomes do hip-hop e quente feito pimenta.

Ouvi falar que ele é um babaca.

Esse cara pode ser um babaca comigo quando quiser... de preferência, com a língua...

Você é louca!

Eu queria ser o arroz com feijão pra acompanhar a mistura dele. O churro da sobremesa. O pudim quente que ele sopra e lambe.

Para! Vadia doida. Meu Deus do céu. Perto de você eu sou uma santa.

Pelo menos eu sei que, se for para o inferno, você vai estar lá para me dar carona!

Ri alto quando Heather perguntou:

— Trabalho? — e apontou para meu celular. Apertei um botão e o coloquei no modo silencioso antes de guardá-lo na bolsa.

— Desculpe. Era a minha melhor amiga. Ela queria saber se está tudo bem. — Suspirei e joguei o cabelo sobre o ombro. O calor estava incomodando. Eu me inclinei e ajustei a entrada de ar para me refrescar com o ar-condicionado. *Ah, bem melhor*. Obviamente, Heather não estava preocupada com o desperdício, já que mantinha as janelas abertas.

— Vocês são chegadas? — Seus lábios se contraíram quando ela entrou em uma garagem subterrânea.

Minhas sobrancelhas se franziram. Que parte do "melhor amiga" ela não tinha entendido?

— Sim, unha e carne. A gente se conhece desde sempre.

Ela bufou e estacionou em uma vaga.

— Você tem sorte. Eu não tenho nenhum amigo. — As palavras dela me atingiram como uma descarga elétrica.

— Como assim? Todo mundo tem amigos.

Heather balançou a cabeça.

— Eu não. Sou ocupada demais para cultivar relacionamentos. O Anton tem que ser o melhor. Mesmo que eu seja apenas a assistente dele, preciso manter as coisas em ordem. Além disso, a minha formação é na área de gestão empresarial. Talvez um dia eu seja responsável por tomar as decisões sobre a carreira de um artista. Se eu quiser que os meus sonhos se tornem realidade, preciso trabalhar muito.

— Acho que sim. — Dei de ombros e a segui enquanto ela caminhava rapidamente para o elevador, passando por uma fila de carros de luxo bastante impressionante.

— Caramba — sussurrei baixinho, apreciando o Mercedes, o Range Rover, o Escalade, o BMW, o Bentley, a Ferrari e outros carros europeus que não consegui identificar. Mas o que realmente me fez parar e permanecer colada ao concreto foram as motocicletas, seis das coisas mais sexy que eu já tinha visto.

Havia uma BMW HP2 Sport branca, com aros azuis e motor de 1.170 cilindradas. Eu devo ter ficado molhada quando olhei. Depois, uma MV Agusta F4 1000, a única moto do mundo que tem o motor com um sistema de válvulas radiais. Eu me virei, soltei a mala e passei a mão no banco desbundante da terceira máquina. A Icon Sheene era toda preta com cromo brilhante. Eu a acariciei como um amante faria, com a ponta do dedo, traçando suas curvas arredondadas e o design de vanguarda das bordas audaciosas. Aquela moto custava mais de cento e cinquenta mil dólares. *Que foda. Sério, eu preciso de uma foda em cima dela.*

Ar! Eu precisava de ar! Engoli em seco e me agachei, ainda incapaz de tirar os olhos daquela belezura. *Bebezinho, venha para a mamãe!* Eu poderia viver feliz naquela garagem, só olhando para a moto dos meus sonhos.

— Hum, olá! Terra para Mia! O que é que você está fazendo?

A voz de Heather vibrou, mas eu não respondi. Era como um mosquito irritante que sempre voltava, não importava quantas vezes você tentasse afastá-lo.

Lentamente eu me levantei, respirei devagar e observei a fila mais uma vez. Uma KTM Super Duke laranja e preta estava na parte de trás. Provavelmente era a mais acessível de todas. Definitivamente estava na lista de motos incríveis que um dia eu poderia pagar.

— De quem são essas motos? — perguntei. Minha voz caiu alguns tons com aquela sensualidade sobre rodas.

— Do Anton. Este prédio é dele. Tudo fica aqui: o estúdio de gravação, a sala de dança, a academia e, é claro, a cobertura onde ele mora. Todos os membros da equipe têm apartamentos aqui. Você também vai ter um. Nós reservamos esse para as celebridades que vêm visitar o Anton ou para as pessoas que estão trabalhando na produção dos discos dele.

— Ele dirige todas essas motos?

Ela sorriu.

— Fanática por motos, hein?

— Digamos que sim. — Tive que forçar as palavras, mesmo tendo afastado o olhar daquelas tentações.

— Talvez ele te leve de carona num passeio.

Aquilo chamou minha atenção.

— De carona.

Ela assentiu, o sorriso tão bonito que poderia aparecer em anúncios de publicidade no mundo todo.

— Nem pensar. Eu não vou de carona, meu bem. Eu mesma piloto.

Heather me deu quinze minutos para me refrescar antes de me levar para conhecer Anton. Entrei no chuveiro, tirei a poeira da viagem e vi a roupa que ela havia escolhido. “Roupa” era uma descrição muito generosa. O que estava em cima da cama era um pedaço de tecido, um short muito curto e uma sandália de salto agulha

com tiras que cruzavam até os joelhos. Vesti o short e me olhei no espelho. A polpa do bumbum era visível para quem prestasse atenção. Merda. Eu me virei de frente. Era tão curto que o fundo do bolso aparecia. A blusa era bonita. Evidenciava os seios e ficava presa por duas alças finas em cada ombro. Fechando os olhos, contei até dez e tive uma conversa comigo mesma.

Você consegue, Mia.

Há pouco mais de um mês, você estava pra lá e pra cá de biquíni com o Tai e a equipe da campanha. Isso aqui é muito mais roupa que aquilo. Além disso, você não está aqui pela sua moral ilibada e sua decência. Você veio para ser sensual e fingir que é uma paquera dele em um clipe de rock. Digo, em um clipe de hip-hop.

Um gemido escapou da minha boca enquanto eu prendia o cabelo em um rabo de cavalo. O clima parecia insuportável de tão quente, ou talvez minha temperatura interna é que estivesse muito elevada.

Inspirando lentamente pelo nariz e expirando pela boca, saí para a sala de estar. Heather estava lá, falando ao telefone. Seus olhos observaram minha roupa, da ponta dos pés ao cabelo. Quando chegaram à cabeça, ela fez uma careta. Sem parar de falar, veio em minha direção, tirou meu elástico e deixou os fios grossos caírem ao redor dos meus ombros.

— Melhor — sussurrou enquanto afofava minha cabeleira, então estalou os dedos e caminhou até a porta.

— Você acabou de estalar os dedos pra mim? — O clima de camaradagem que conseguimos no caminho do aeroporto havia implodido.

Heather teve a decência de parecer envergonhada.

— Desculpe — ela murmurou. — Sim, Anton, eu estou com ela agora. — As palavras demonstravam irritação, como se fosse algo que se pode jogar no ar e pegar num impulso. — Vamos nos encontrar na sala de dança. Sim, em cinco minutos.

Ela desligou o telefone e se virou para mim.

— Mia, desculpe. Ele me deixa tensa. Hoje ele está daquele jeito. Eu não quis ser rude. Parece que os dançarinos estão péssimos, não conseguem se mexer nem se alguém colocar abelhas dentro da cueca deles.

Tentei rir com ela, mas não consegui. O medo atingiu minhas costelas e pousou pesadamente em meu estômago. Com certeza ele não ficaria feliz quando descobrisse que esta garota aqui não sabe dançar. Pelo menos eu sabia que não haveria devolução. Ele pagou a taxa, independentemente de eu saber dançar. Isso não fazia parte do meu portfólio, e eu jamais afirmaria o contrário.

O elevador se abriu para um corredor ladeado por paredes de vidro. As luzes

normais estavam apagadas na sala. Luzes negras cintilavam e holofotes brilhavam sobre corpos se contorcendo ao ritmo da batida obscenamente alta. Um homem usando short de corrida e camiseta fez uma contagem para os dançarinos, me fazendo pensar que era algo relacionado à posição dos pés ou das mãos, mas eu não tinha certeza.

Heather me levou para um canto. Foi quando dei a primeira olhada em Anton Santiago. Observei seu perfil elegante e seus músculos, e senti a boca secar. A sala ao meu redor parecia pulsar como um batimento cardíaco enquanto ele caminhava para a frente, bem devagar. Cada batida da música acentuava o movimento de seus ombros, um na frente do outro. Ele girava o quadril no ritmo. Seu corpo estava coberto de suor, na clavícula protuberante, sobre o peitoral musculoso e pelos vales do abdome tonificado. Ele não era apenas definido — seu corpo gritava "me abrace, me toque, cole seu peito nu no meu".

Ele se virou, os bailarinos imitando seus movimentos, até que Anton bateu no chão... com o corpo. Fez uma série de flexões no ritmo da música e depois mais algumas, só com uma mão. Os músculos do antebraço incharam deliciosamente. Ele repetiu o movimento, mas com um balanço adicional do quadril, como se estivesse transando com o chão. Minha nossa... Eu queria me deitar ali e rebolar para que ele pudesse praticar aquele movimento com uma mulher de sangue quente. E eu estava quente. Muito. Me abanei enquanto observava seu corpo se contorcer, girar e se lançar no ar para depois cair em pé e repetir o giro e o impulso pélvico com a letra sexy da música.

"Monte em mim, baby, monte"... *giro de corpo*.

"Comigo, vou a noite toda"... *impulso*.

"Me deixe te fazer bem"... *giro de corpo*.

"E monte em mim, baby, monte"... *impulso*.

Ele segurou seu pacote com aquela mão grande, puxando-o para cima enquanto seu corpo se arqueava. Parecia um deus dourado que tinha acabado de devorar a garota dos sonhos e estava checando sua arma antes de voltar para a batalha do sexo.

A música chegou ao fim de repente.

— Certo, pessoal. Já chega por hoje. Anton, mandamos bem — o cara de short falou.

Anton não disse uma palavra, só fez um gesto com o queixo. Um bando de meninas foi até ele com água e toalha.

— Ah, Anton, você foi incrível. Tão sexy.

Ele parou alguns metros a minha frente, os olhos nunca se afastando dos meus.

Verde com verde. Os seus pegando fogo, os meus ficando excitados.

— Me deixem.

— Mas eu achei que depois do ensaio a gente ia se divertir. — As garotas clamavam por atenção.

Suas sobrancelhas se franziram.

— Anton não repete. *Vete al carajo* — ele disse e, com um movimento, as enxotou dali. Pela careta e pela tristeza em seus rostos, o que ele falou não era bom. Depois eu descobri que significava algo como "vá pro inferno".

— *Lucita*. — Ele lambeu os lábios de um jeito que fez minha coluna formigar e meu centro apertar. Sim, ele fez meu sexo se *contrair* com uma única lambida nos lábios. — Agora que está aqui, o que nós vamos fazer com você? — O sotaque porto-riquenho despertou coisas malucas em meus sentidos, enquanto seus olhos me observavam de cima a baixo novamente. Era como se ele tivesse estendido a mão e passado em minha pele, tamanha a eletricidade que senti com aquele olhar.

Os olhos esverdeados estavam vidrados, plenos do que só poderia ser definido como luxúria. Ficamos ali, presos um no outro, como se estivéssemos numa guerra silenciosa. Minhas narinas inflaram, os olhos se apertaram, e eu finalmente falei:

— Você poderia me dar alguma coisa para comer. Estou morrendo de fome.

Heather, que estava muito mais perto do que eu pensava, bufou com uma risada, quebrando a tensão entre mim e Latin Lov-ah. Agora que eu o havia conhecido pessoalmente, fazia todo o sentido ele usar esse nome.

Sua cabeça se virou para ela.

— Desculpa, Anton — ela disse e desviou o olhar, falhando em esconder o sorriso no rosto.

Ele estendeu a mão para mim.

— Mia, vamos te satisfazer. — A maneira como ele disse isso me fez pensar em uma centena de coisas completamente inadequadas além de comida. Lambi e estalei os lábios.

— Sim, vamos.

2



Anton nos levou pelo elevador até chegarmos à cobertura, onde ele morava. No momento em que as portas se abriram, ele entrou, nos deixando para trás.

— Você sabe o que fazer, H — gritou por cima do ombro, sem sequer olhar para nós.

Heather me levou na direção oposta.

— Venha, garota. Acho que vamos precisar de uma bebida. Uma bem grande.

Entramos em uma cozinha ampla. Armários brancos cobriam uma parede inteira, cada um com um puxador exclusivo com arabesco preto, como se fossem feitos individualmente. Uma bancada longa e eletrodomésticos de última geração ficavam na frente dos armários. Dez banquetas com assento arredondado estavam perfeitamente alinhadas sob o balcão de granito preto. Eu me sentei em uma delas, puxando o máximo possível o short minúsculo para garantir que partes da minha bunda não ficassem expostas na borda do banco. Não seria uma boa paisagem para ninguém.

— Você gosta de romã? — Heather pegou duas taças de martíni feitas de cristal.

Assenti.

— Adoro.

Ela apanhou uma garrafa gigante de vodca Grey Goose, uma coqueteleira de metal e suco.

— E aí, o que o Anton planejou para mim? — perguntei quando ela deixou os cubos de gelo caírem na coqueteleira e adicionou uma dose generosa de vodca e um pouco do suco concentrado de romã.

Heather sorriu de um jeito afetado.

— Você quer dizer, além de te comer? — A declaração foi mais uma acusação que uma pergunta. Recuei, incapaz de acreditar na sua audácia. — Não se faça de

tímida. Eu vi vocês dois se comendo com os olhos lá no estúdio. Dou até à noite para ele ter você deitada embaixo dele.

Ela deslizou para mim a taça de martíni cheia até a borda com um líquido cor de vinho.

— Saúde — disse, antes de tomar um grande gole.

Fiz o mesmo, precisando de coragem líquida para colocá-la em seu lugar.

— Você realmente não faz um bom juízo de mim, não é? — As palavras saíram com veneno, como uma mordida de cascavel.

Suas sobrancelhas se juntaram.

— Você não transa com todos os seus clientes? Você é uma *acompanhante*. — A palavra carregava um desprezo enorme.

Com essa observação, bati a taça no balcão e o líquido vermelho respingou.

— Eu transo com quem eu quero, quando eu quero. Isso não faz parte do contrato. Sou uma acompanhante, não uma *prostituta*. — Soltei uma respiração áspera e continuei: — Eu ofereço companhia ou satisfaço necessidades, mas isso não inclui necessariamente transar com os clientes. — Meu tom estava cheio de indignação, embora, tecnicamente, eu tivesse transado com alguns deles, mas não todos.

Eu escolho com quem e quando. Ponto-final.

Lembranças do homem que quis me tomar à força rastejaram de maneira sinistra pelo meu subconsciente. Se eu pudesse, empurraria aquelas cenas repugnantes para longe com uma marreta, as trancaria em um armário muito escuro e jogaria a chave fora. *Você não vai me controlar.*

A sede de vingança invadiu meu peito, subindo pela garganta, alimentada pelo medo persistente do que tinha ocorrido recentemente com Aaron.

— Agora eu sei por que você não tem amigos. Você gosta de julgar as pessoas, é arrogante e rude!

Heather recuou alguns passos, até bater no balcão em frente à geladeira dupla de aço inox. Se eu não estivesse prestando atenção, não teria reconhecido o azul brilhante em seus olhos. Ela limpou a garganta, levou a mão longa e delicada ao peito e falou:

— Desculpe, Mia. Isso foi grosseiro da minha parte.

— Pode ter certeza que foi! — Minha boca doía de tanto apertar os dentes. Engoli o resto da bebida, permitindo que o ardor disfarçasse a acidez na boca do estômago.

Ela umedeceu os lábios, e seus olhos se moveram de um lado para o outro.

— Mais uma vez, por favor, me desculpe. Eu não contratei você para ser companheira de cama dele. O Anton já tem muitas. Você vai ser o destaque no novo clipe. Uma mulher sedutora que ele deseja, mas não pode ter.

Sedutora. Taí uma coisa que eu não era. Parecia tão ridículo, especialmente com a conversa acalorada que havíamos acabado de ter, que inclinei a cabeça para trás e ri. Soltei uma enorme gargalhada, bufando e soluçando, e o volume e a histeria foram aumentando.

As sobrancelhas de Heather se ergueram.

— Hum, certo. Chega de martíni para você! — Ela piscou, aliviando de forma eficaz o clima.

Coloquei o cotovelo sobre o balcão e apoiei o queixo na mão.

— Hoje foi estranho. Aliás, o mês passado inteiro foi uma loucura. Essa foi apenas a cereja do bolo que eu chamo de vida. — Balancei a cabeça e passei os dedos no cabelo. Ele estava ficando muito comprido. Talvez eu conseguisse arrumar um tempo longe do Latin Lov-ah para cortá-lo.

Ao contrário do que havia dito, Heather nos serviu mais um drinque.

— Podemos fazer uma trégua? Eu não quero que você me odeie e não tinha entendido o que você faz. — Seus olhos azuis pareciam grandes e arredondados no rosto bonito, até mesmo inocentes.

Estendi a mão. Heather olhou para ela, o cansaço tornando seus movimentos lentos quando a apertou.

— Trégua. — Sorri. Ela retribuiu e repetiu a palavra.

— Duas mulheres trocando um aperto de mãos enquanto tomam bebidas alcoólicas pode ser motivo para deixar um homem nervoso. O que vocês duas estão tramando? — Anton entrou, vestindo uma calça fluida de linho branco, com um cordão pendurado de forma displicente perto da prova de sua virilidade. Ele havia combinado a calça com uma camisa verde-hortelã, que usava aberta, expondo o abdome finamente esculpido. Pés muito bem cuidados apareciam sob a bainha da calça larga. Puta merda, até seus pés eram deliciosos. Isso dizia muito sobre o espécime maravilhoso diante de mim. Eu o vi se mover com a graça de um puma, mesmo com seus músculos fortes. Anton não era baixo, mas também não era extremamente alto. Devia ter cerca de um metro e oitenta, o que era bom para mim, que tinha um e setenta e três. Mas eu preferia homens mais altos, como Wes e Alec.

Wes e Alec. Dois homens, dois sentimentos completamente diferentes correndo pelo meu sistema com o simples pensamento neles. Um trazia a possibilidade de um futuro juntos, e o outro, um desejo inesgotável.

Anton caminhou até Heather e colocou um braço ao redor dos ombros dela.

— Então, H, a *Lucita* aqui vai ser a mulher que eu não posso ter no clipe? — Ele apertou o braço de Heather, puxando-a para o seu lado de forma amigável, mas seus olhos nunca deixaram os meus. Ela assentiu em silêncio e revirou os olhos. Ele ergueu a outra mão na direção do próprio rosto e começou a acariciar o lábio inferior com a ponta do polegar enquanto me avaliava. Era como se aquele dedo estivesse rastreando minhas curvas, considerando a maneira como seus olhos se moviam sobre cada centímetro da minha pele.

Não vou mentir. Quase desmaiei. De verdade. Caramba, ele era incrível na aparência, e também na maneira como se movia e falava. A sugestão de seu sotaque, a maneira como as palavras pareciam rolar de sua língua, como se fossem sexo encarnado... provocava algo em mim. Algo que eu *não queria* sentir, depois do que tinha acabado de passar com Aaron no mês de junho. No entanto, o Latin Lov-ah devia ter feromônios superdesenvolvidos, pois eu senti cada um deles como um golpe no meu sexo.

— Você é incrível, garota. — Ele inclinou o queixo para mim. — Pode fazer alguns movimentos?

— Hum, que tipo de movimentos? — perguntei.

Ele girou para longe de Heather na ponta dos pés e fez uma série de círculos rápidos, até rodear o balcão todo, deslizando em minha direção com uma batida de palmas, uma requebrada nos quadris e uma estufada de peito. Anton parou à distância de um fio de cabelo do meu rosto, cheirando a sabonete e coco e me fazendo lembrar de estar deitada em uma praia ensolarada no Havaí. E eu queria estar deitada numa praia do Havaí agora, de preferência embaixo desse deus.

— Movimentos, *muñeca* — ele sussurrou. Senti o calor de sua respiração em meu rosto, pequenos sopros de ar atormentando meus nervos e despertando os receptores de luxúria de seu sono de um mês.

Sustentei seu olhar e me inclinei, encostando a bochecha na sua para poder sussurrar em seu ouvido:

— O que quer dizer *muñeca*? — As palavras eram suaves, quase uma carícia contra sua pele.

— Boneca. — Sua voz era rouca, como se tivesse engolido uma porção de areia.

— E *Lucita*? — Deixei meus lábios pairarem perto o suficiente de seu rosto para que pudesse sentir sua barba em meu queixo.

Ele gemeu e pôs a mão em meu quadril, num toque leve como uma pluma, que minha mente descartou casualmente.

— Luzinha.

Luzinha? Afastei a cabeça, quebrando a intensidade do momento e o halo de desejo a nosso redor.

— Luzinha? — Não consegui segurar a risada. — Por quê?

Com o mais leve toque da ponta de dois dedos, ele traçou meu ombro e deslizou para baixo, ao longo da pele sensível do braço. Arrepios se levantaram na superfície, como um par de garras retorcidas seguindo desde onde ele segurava meu pulso até o braço, passando pelo peito para enrolar meu coração e comprimi-lo. Minha visão escureceu e o coração bateu mais forte. Minha pele parecia estar contraída. Todos os nervos formigavam com a vontade de correr, me esconder... escapar.

— Está pronta para ser abatida? — ele rosna, seu hálito atingindo meu rosto com pequenas gotas de saliva.

Meu corpo está pressionado contra a parede de concreto da biblioteca. O ruído doentio da calça sendo aberta e do zíper descendo é como minha própria sentença de morte. Grito o mais alto que posso, mas ele morde meus lábios, engolindo o som que sai deles, e bate minha cabeça no concreto. A dor irradia flashes em minha visão, como estrelas em um céu claro.

— Não!

— Não! — gritei e empurrei o corpo maciço que estava perto demais, depois fui para trás até bater na borda de um sofá. Sofá? Hã? Virando a cabeça, sacudi as lembranças que nublavam meu julgamento.

Puta que pariu! Que. Merda. Foi. Essa?

Dois pares de olhos horrorizados me observavam quando voltei a mim.

— Mia... — Heather ofegou, a mão sobre a boca.

— *Lucita*, eu... *Perdóname*. Desculpa. Eu machuquei você de alguma forma? — Havia um toque de desgosto e algo que eu só poderia nomear como medo na voz de Anton.

Merda. Aquilo não estava indo bem. Por que eu tive aquele flashback? Que raios tinha provocado aquilo?

Balancei a cabeça.

— Não, não. Eu é que peço desculpas. Acho que só estou cansada da viagem. Não comi nada e bebi o martíni rápido demais... É, eu tenho certeza que foi isso. —

Tinha que ser.

Os lábios de Anton se apertaram em uma linha fina.

— Vamos alimentar você. Não vou tolerar que a minha equipe passe alguma necessidade. Vem, H, vamos no nosso restaurante preferido. — Ele estendeu a mão para mim e eu a segurei. As agitações familiares de excitação ainda estavam lá, mas agora misturadas com um pouco de nervosismo. Pelo simples ato de segurar sua mão. Que. Merda. É. Essa? *Esta não é você, Mia.* Eu precisava descobrir o que estava acontecendo, e rápido. Mas como?

Sem saber o que fazer, segui Anton e Heather para fora, com a mente confusa e o medo ainda beliscando meus calcanhares.

O jantar foi incrível. Comi um nhoque ao molho de gorgonzola delicioso no Il Gabbiano, o restaurante italiano sofisticado aonde Anton nos levou. Eu estava muito malvestida para o lugar, mas ele e Heather também estavam. Enquanto caminhávamos até nossa mesa, vários seguranças de Anton vinham logo atrás. Entramos como se fôssemos da realeza. Quando o gerente do restaurante nos viu, se apressou em nossa direção como se estivesse caminhando descalço sobre brasa. Ele nos acomodou em uma mesa de canto, com uma bela vista para o oceano Atlântico, sem espera. Anton pediu vários aperitivos com floreios e um sorriso branco imaculado. Seus olhos castanho-esverdeados deslumbravam todas as mulheres em um raio de seis metros e chamavam a atenção dos outros clientes. Heather e eu pedimos um antepasto. Querendo alguma coisa decadente e repleta de calorias, pedi meu prato favorito: nhoque coberto com molho cremoso. Era o paraíso absoluto para as papilas gustativas.

Anton pediu uma massa com camarão e comeu com rapidez e eficiência, como se os bichinhos fossem saltar do prato e voltar para o mar. Quando questionei a respeito de seu jeito de comer, voraz, ele franziu a testa, limpou a boca e olhou para fora, em direção ao Atlântico. Heather mudou de assunto com cuidado, antes que ele pudesse responder. Aparentemente, ela sabia algo a respeito daquele assunto delicado que eu não sabia. Olhei para ela, que balançou a cabeça rapidamente. A conversa se voltou para o clipe e os planos para ele.

Naquele momento, tive que soltar a bomba atômica gigante de que eu não tinha absolutamente nenhuma habilidade na arte da dança.

— Nenhuma? — As sobrancelhas de Anton se juntaram. Neguei e mordi o lábio. Ele ergueu a mão, passou-a na barba rala e inspirou. — Vamos ter que fazer algo a respeito. Você — ele fez um gesto da minha cabeça até a borda da mesa — vai ser *perfecta*... hum, perfeita como a sedutora. H, você não poderia ter escolhido alguém melhor. Vamos precisar resolver esse probleminha. — Ele esfregou as mãos. Suas pupilas escureceram. — Está pensando o mesmo que eu? — Ele estava falando com Heather, não comigo.

Os lábios dela se curvaram para cima. Ela bateu o dedo indicador contra a boca e deu de ombros.

— Se ela estiver disponível. A companhia de dança em San Francisco terminou as apresentações, e aquele pervertido que estava perseguindo o grupo de amigos dela se foi. — Ela se remexeu no assento. — As notícias foram claras. Talvez contratá-la como coreógrafa possa resolver os problemas que você anda tendo com os dançarinos. Vou ligar e descobrir se ela está interessada em salvar a sua pele. Você sabe que isso vai custar caro.

Anton riu.

— E o que é que não custa, H? Eu quero ela. Estou cansado de lidar com aquele filho da puta imbecil, e o trabalho contemporâneo dela é melhor. Vai acrescentar um toque latino. Ela vai saber treinar todo mundo. Eu quero que todos os olhos estejam na Mia. Quero que ela esteja desejável a ponto de dar água na boca. Todos os homens vão querer a Mia e ninguém vai ter. — Ele sorriu de forma provocante e colocou um camarão inteiro na boca, deixando o rabo cair sobre o pratinho ao lado. Anton estava radiante, obviamente animado com sua nova ideia.

— Então, hum... quem é essa coreógrafa? — perguntei.

Heather tomou um gole de vinho branco e limpou a boca.

— Uma dançarina contemporânea muito talentosa que tem se apresentado com a Companhia de Dança de San Francisco nos últimos anos. Por isso nós não conseguimos roubá-la antes. — Ela apontou um dedo para Anton, ainda segurando sua taça de vinho. — O Anton se apaixonou pelo físico dela e pela forma como ela se move quando vimos sua apresentação, no ano passado.

Aquela informação me surpreendeu.

— Você gosta de produções teatrais? — eu me intrometi.

— Sim, *Lucita*. Isso me acalma e ajuda na criatividade. Eu adoro ver os outros dançando, cantando e fazendo apresentações inovadoras.

— Enfim — Heather interrompeu —, nós descobrimos que ela dá aulas de dança exclusivamente para o Teatro de San Francisco. Você sabe que ela não vai

trocar San Francisco por Miami. — Anton franziu a testa quando ouviu isso. — Tem algo a ver com a necessidade de estar perto das irmãs dela. Mas, se oferecermos dinheiro suficiente e a contatarmos logo, talvez ela se disponha a ficar pelo mesmo tempo que a Mia. Isso poderia adicionar o elemento necessário para levarmos o clipe a outro nível. — Heather se levantou de repente. — Vou ligar para ela agora. — Olhou para o relógio. — Em San Francisco são três horas a menos que aqui, então não tem problema. — Sem mais comentários, ela deixou a mesa e se dirigiu para a varanda aberta.

Tomei um gole de vinho e olhei para o mar. A brisa soprava ao nosso redor, mas as lâmpadas de calor perto da mesa nos mantinham aquecidos.

— Essa sua assistente trabalha muito bem.

Anton sorriu.

— Trabalha sim. É por isso que eu não a deixo ir embora.

— Posso ser franca? — perguntei, pressionando os lábios e esperando.

Ele se reclinou na cadeira, apoiou o tornozelo no joelho e abriu os braços.

— Claro.

— Por que você usa esse tom áspero com ela? Não tem medo que ela te deixe? — Eu realmente me perguntava por que alguém ficaria com um homem que agia como se fosse mais importante que os outros em metade do tempo e, na outra metade, se comportava como a pessoa mais normal do mundo. Era como se houvesse dois lados completamente diferentes em Anton.

— O que faz você pensar isso? — Seus olhos se estreitaram.

Dei de ombros.

— Não sei. Talvez porque você grita com ela no telefone, caminha na frente como se ela fosse sua serviçal e dá ordens a distância enquanto anda.

Anton fez uma careta.

— Eu valorizo mais a opinião da Heather que a de qualquer outra pessoa. Ela é a única para quem eu dou crédito... sempre. Eu confio nela cegamente.

— Eu posso ter me enganado.

Anton pegou sua taça e tomou o resto do shiraz.

— Ela falou alguma coisa sobre ir embora? — Seu tom provou que a ideia de Heather deixá-lo não era bem-vinda.

— Não! De jeito nenhum. Eu tenho a sensação de que ela quer mais.

— Mais? — A pergunta soou pesada. — Tipo, um relacionamento?

Balancei a cabeça. Ele era mesmo tão narcisista assim? Observando o corpo e o rosto que fariam anjos chorar, pensei que ele tinha o direito de ser. Mais ou menos.

— Que eu saiba, não. Eu estava me referindo ao trabalho. Ela mencionou alguma coisa sobre o sonho de gerenciar a carreira de um artista. Você parece estar precisando de um empresário.

A mão de Anton foi até a boca e ele acariciou o lábio inferior, extremamente beijável, com a ponta do polegar.

— Eu não tenho empresário. Geralmente deixo as decisões para a Heather, e ela faz tudo acontecer.

Interessante.

— Então ela meio que já gerencia a sua carreira, mas sem os benefícios ou a influência que o título de empresária carrega. Que chato pra ela. — Brinquei com meus cabelos de maneira casual e ajeitei minha cadeira, ficando de frente para a água, a fim de lhe dar espaço. O mar era impressionante. Uma pontada atingiu meu coração quando percebi que estava com saudade de casa.

Casa.

Porcaria. Parecia que, sem querer, eu havia respondido a uma pergunta que estava remoendo por todos aqueles meses.

Minha casa era a Califórnia.

3

O sol surgiu através das cortinas, me cegando com seu esplendor. No terceiro dia finalmente senti que tinha conseguido dormir o suficiente. No dia anterior tivemos reuniões com a esteticista, o estilista e a equipe. Naquela noite encontraríamos a coreógrafa. Ela pegou o avião de manhã e queria se encontrar com toda a equipe no estúdio de dança imediatamente. Eu esperava que ela não fizesse o tipo sargento linha-dura. Ansiedade e entusiasmo guerreavam em proporções iguais, tentando dominar meus sentidos, enquanto eu me perguntava se ela seria capaz de me fazer dançar sem que eu parecesse a Elaine naquele episódio de *Seinfeld* que meu pai adorava.

Eu não sei dançar. Esse sempre foi um ponto de desentendimento entre mim e meu agente. Eu sei cantar, atuar e, aparentemente, posso modelar numa boa, mas não tenho o dom da dança. Ginelle, por outro lado, é um furacão no palco. Seu trabalho no show burlesco Dainty Dolls a colocou no mapa, e o palco a ama. Mesmo fazendo o tipo mignon, ela tem uma forma excelente e se movimenta no palco melhor que qualquer um que eu conheça.

A tristeza me abraçou como um manto. Minha amiga amaria estar aqui para conhecer uma coreógrafa fodona de San Francisco. Assim que eu descobrisse quem era a profissional, entraria em contato com Gin para ver se ela sabia algo sobre a mulher misteriosa que tinha virado a cabeça de Anton. Bem, pelo menos no que se referia à dança.

O alerta do meu telefone soou quando o liguei. Chequei as mensagens com os olhos turvos por uma noite completa de sono. Uma delas era de Maddy, falando sobre as aulas e agradecendo o cheque que eu tinha enviado recentemente para livros e comida. Ainda me incomodava o fato de eu não ter mais que pagar por suas despesas. Respirei fundo e decidi dar um passo de cada vez. Eu jamais deixaria

totalmente de lado minha responsabilidade em relação a minha irmãzinha. Isso estava enraizado em cada fibra do meu ser. No entanto, eu tinha que me lembrar o tempo todo de que ela era adulta, morava agora com o noivo e tinha uma carreira e objetivos à sua frente. Ela estava feliz, saudável e morando bem, com um cara que parecia atender, sem pensar, todos os seus caprichos. Era melhor mesmo que ele fizesse tudo por ela, ou eu amarraria o filho da mãe e arrancaria todos os pelos do seu corpo, um por um, com uma pinça.

A mensagem seguinte gelou meu sangue.

> Um passarinho me contou que o seu aniversário é na próxima semana e que você está em Miami. Consiga um dia livre. Você não pode passar o aniversário com um estranho. Vou te ver. Esteja preparada. Nós temos que compensar os meses perdidos.

Ah, a minha melhor amiga ia se ver comigo. Só havia uma forma de Wes saber a respeito do meu aniversário: alguém tinha contado. Rapidamente, liguei para aquela viborazinha.

— A-alô — uma voz sonolenta respondeu. — Mia, você está bem? — ela perguntou, desta vez um pouco mais alerta.

— Como você pôde? — grunhi, segurando o celular como se fosse um martelo pronto para atacar.

Ginelle suspirou e murmurou:

— Tinha que ser feito. — Então bocejou.

— Sério? Tinha que ser feito? É essa a sua resposta? Estou louca da vida com você — sussurrei, com raiva. Eu não fazia ideia do motivo de estar sussurrando, pois não havia ninguém comigo no apartamento.

Ela gemeu e bocejou mais uma vez.

— Mia, eu fiz uni-duni-tê com os números de telefone dos caras gostosos que roubei do seu celular. — Revirei os olhos e cerrei os dentes. Era bem a cara dela roubar os números em vez de pedir. — Parei no Wes. Você não devia passar o seu aniversário sozinha. — Sua voz era a mistura de um bocejo agudo e de seu tom espirituoso normal. — Eu iria, mas depois das férias que tirei em maio não vou conseguir uma folga. Aliás, que horas são?

Olhei para o relógio sobre a mesa lateral. Oito da manhã na costa leste. Rindo, respondi:

— Cinco, no seu horário. Bem feito. Agora vou ter que enfrentar o Wes.

— Enfrentar? Hum, eu faria muito mais do que enfrentar. Afinal, por que você está tão brava?

Bom argumento. Gin interferia na minha vida o tempo todo e eu jamais havia ficado zangada com ela. Talvez eu não estivesse pronta para ver Wes logo após o desastre com Aaron e ainda estivesse processando o que tinha acontecido. Tudo isso somado à descoberta de que eu estava me apaixonando por ele. Merda. Aquele era o problema. Minha mente podia brigar com meu coração quanto quisesse, mas, no fim das contas, a verdade é que eu estava apaixonada pelo deus do sexo loiro que ficava lindo vestindo sunga, smoking ou nu. Definitivamente, eu preferia a sua versão nua. Umedeci os lábios, lembrando do nosso último encontro em Chicago. Foi intenso, carnal e estava gravado na minha memória para sempre.

— Alô, Mia? O gato comeu a sua língua? Eu realmente espero que sim. Você anda mal-humorada desde que aquele político idiota colocou as mãos sujas em você.

— Gin! Eu fui atacada. Dá um tempo.

Sua voz ficou suave.

— Eu sei, amiga. Desculpa. Eu só não quero que você deixe aquele filho da puta tirar o melhor de você. Nenhum homem pode ter esse poder. Não esquece. Foi isso que você me disse depois de toda a merda que passou com o Blaine.

Eu gemi.

— Eu não sei, amiga. O Anton aqui é tão gostoso que mexeu comigo...

Ginelle me cortou:

— Menina, o que eu não daria para estar no seu lugar agora. Não, no seu lugar, não. Você gosta de dar uma de difícil. "Olhe pra mim e pros meus peitos maravilhosos. Ah, não, você não pode colocar as mãos." Já eu ficaria de joelhos na frente daquela delícia morena e chuparia sua masculinidade como se fosse um picolé sabor cappuccino.

Dei risada.

— Você faria isso mesmo, sua vadia.

— Quem, eu? — Ela fingiu estar surpresa.

Gemi e caí de costas na cama.

— Mas, Gin, aí é que está o problema. No momento em que ele chegou perto, eu surtei. Tive um flashback completo daquela noite com o Aaron. — Com uma carranca, comecei a cutucar a cutícula até fazê-la sangrar. A dor não era nada

comparada à preocupação com a possibilidade de eu estar mais ferrada da cabeça do que achava depois do que havia acontecido.

— Humm, acho que você precisa se dar um tempo. Ele está te pressionando? — Sua voz se tornou mais dura, num tom mais elevado. Era um aviso de que ela estava prestes a explodir.

— Não, não, não. De jeito nenhum. No início rolou uma paquera entre a gente, mas agora é como se a minha libido tivesse tomado um banho de água fria.

— Hum, talvez você precise justamente receber o Wes aí. Sabe, retomar o seu ritmo quente.

— Você está realmente citando o título de um filme?

— Querida, eu não posso fazer nada se você não quer ficar com um pedaço de mau caminho podre de rico, superdefinido e maravilhoso. Vai contra tudo o que eu sou.

— Verdade... sua grande biscate — acrescentei, maliciosa.

— Tenho que ficar com o que eu conheço.

Revirei os olhos e suspirei.

— Tá bom. Mas você me deve uma. — Precisei fazer um esforço para soar dura e inflexível, especialmente para minha melhor amiga, mas senti que consegui.

— Então eu estou perdoada por me intrometer? — ela perguntou baixinho, quase nervosa.

Olhei para o teto, deixando os redemoinhos no gesso acalmarem meu humor.

— Por enquanto, sim. Mas não entre em contato com mais nenhum deles. Estou falando sério, Gin!

— Palavra de escoteira! — ela se apressou a acrescentar.

— Você nunca foi escoteira! — eu a repreendi e ri.

— Pareceu válido para o momento. — Ela riu.

— Que seja. Volte para a cama, vagaba! — Sorri e, mesmo que ela não pudesse me ver, eu tinha certeza de que ela sabia que tudo havia sido perdoado apenas pelo meu tom.

— É pra já! Te amo, cadela.

— Te amo mais, vadia.

Desligamos e eu li a mensagem de Wes novamente. Ele estaria aqui em pouco mais de uma semana. Meu aniversário era em 14 de julho. Dia da Queda da Bastilha.

Achei que seria melhor acabar logo com aquilo.

A Ginelle devia ter mantido a boca fechada. Não precisa vir.
Vou ficar bem. Eu amo saber que você está pensando em mim.

Amo? Ali estava aquela porcaria de palavra de novo. Amor. Eu amava Wes? De verdade? Não sabia. Talvez. Provavelmente. Possivelmente. Definitivamente aquilo não era algo em que eu deveria pensar quando estivesse com outro cliente. Um cliente que, segundo as palavras de Gin, era uma delícia morena e também um *jogador*. Por outro lado, eu também não era? Estive com Wes, Alec e Tai, e ali estava eu, no apartamento de outro cara rico, considerando quão "pegável" ele era.

Rapidamente, abri o navegador e digitei a palavra "jogador". A internet, de forma muito útil, forneceu o seguinte:

Jogador
1. Aquele que faz parte de um esporte ou jogo. Ex.: jogador de futebol.
2. Aquele que tem o vício do jogo (de azar).

Não era o tipo de jogador que eu estava buscando. Logo abaixo, havia um link para um site diferente, chamado Dicionário Metropolitano. Cliquei.

Jogador
Homem com talento para manipular ou "jogar" com as pessoas, hábil em seduzir o sexo oposto ao fingir se importar, quando seu único interesse é sexo.

Hum, o termo "jogador" só era utilizado para descrever homens? Um lado meu queria pegar a carta de saída livre da prisão do Banco Imobiliário imaginário, descontá-la o mais rápido possível, pegar os duzentos dólares e comprar o imóvel mais importante do jogo. Mas, infelizmente, minha consciência culpada e autodepreciativa não me permitiria pensar tão bem de mim. O que me fez abrir a Intelectipédia. Ela jamais havia me decepcionado.

A primeira definição dizia tudo, preto no branco, descrevendo exatamente o que eu temia.

Jogador pode se referir a:

Jogador (relacionamentos): homem ou mulher que tem relacionamentos românticos ou sexuais com outros sem a intenção de se casar ou manter uma relação monogâmica.

Isso era tudo o que eu precisava ver. Confirmado. *Mia Saunders, querida, você é uma jogadora.*



Depois de passar um tempo absurdo num banho escaldante de banheira que deixou minha pele com um tom rosado e hipersensível, fui até o elevador. A mensagem que recebi de Heather pedia para eu me vestir de maneira casual e encontrar Anton no terraço no topo do prédio. Por que ali eu não fazia ideia, mas eles mandavam. Fazia uma hora que eu tinha enviado a mensagem para Wes, e ele ainda não havia respondido. Eu não sabia o que queria que ele dissesse. Será que ele se oporia à minha resistência e forçaria caminho até meu coração? Uma parte de mim queria tanto aquilo que eu mal podia respirar. A outra parte queria que nossa relação continuasse como estava, pelo menos por enquanto. Sem expectativas, sem direitos um sobre o outro, apenas amigos. Com benefícios.

Amigos coloridos.

Era esse o tipo de relacionamento que eu realmente queria com Wes? O meu Wes? E quando ele se tornou o meu Wes? Eu suspeitava que tinha sido em algum ponto entre eu admitir que estava me apaixonando por ele e pensar que o meu lar era a Califórnia. Não, não apenas a Califórnia. A casa dele, em Malibu. Foi onde me senti mais eu mesma. Livre para ser apenas Mia.

Grunhindo, apertei o botão do elevador com tanta força que meu polegar doeu. Balancei-o e observei os números subirem. Por que agora? Depois de lidar com uma experiência de merda, lamber minhas feridas em Boston com Rach e Mace e vir para cá encontrar um cara sensual que mostrava de forma evidente seu interesse por mim, ou pelo menos pelo meu corpo, tudo culminava nisso? Tudo sempre acabava neste ponto? Onde eu sentia que minhas emoções e meus medos estavam fervendo como lava, um vulcão que poderia entrar em erupção a qualquer momento?

O elevador abriu, e fui catapultada para um mundo muito estranho. Plantas, árvores e o ar úmido que soprava contra a minha pele, tornando difícil respirar. A umidade era tão espessa que era quase palpável.

— Uau... — Engoli instintivamente, tentando ignorar o fato de estar me sentindo um peixe fora d'água.

— *Lucita!* Por aqui — ouvi Anton chamar, mas só vi a forma de um homem, um borrão branco, quando ele passou de planta para planta. Observando bem, sua camisa, a calça de linho e até mesmo o mocassim eram brancos, e a poeira sobre eles marcava os dedos dos pés. Um chapéu enorme, estilo asiático, apareceu por cima de um arbusto grande conforme me aproximei.

Parei e olhei para Anton, que tirava as ervas daninhas torcendo a parte inferior e puxando-as, arrancando-as pela raiz.

— O que você está fazendo?

— Jardinagem. Tem mais luvas ali. Você tem mão boa para plantas? — ele perguntou, parecendo ter esperança.

Balancei a cabeça.

— Pior que não. Eu mato a maioria das coisas.

Ele era alto, sua camisa de linho marcando todos os músculos. A espiral de excitação começou devagar em minha barriga, mas morreu quando ele chegou perto demais. Olhe, mas não toque. Interessante.

— Acho que vamos ter que mudar isso, não é?

Encolhendo os ombros, peguei as luvas.

— Eu nunca fiz jardinagem. Em Vegas nós temos o que é chamado de paisagem nula. Rochas em vez de gramados, cactos no lugar de arbustos e plantas suculentas no lugar de flores. Você não precisa fazer muito para manter essas coisas vivas.

— Ah, mas a alegria vem de cuidar de algo além de você.

Bela maneira de pensar.

— Aqui, está vendo esta planta? — Segui seus dedos e observei o broto verde selvagem que não se parecia com os outros. — Essa erva daninha vai acabar se infiltrando por toda essa caixa de paw paw. — Franzi o nariz, sem ter certeza de que raios era um paw paw. Ele sorriu. — É um arbusto, mas dá flores. Está vendo? — Ele levantou uma haste que continha uma flor diferente de qualquer uma que já vi. Era de um roxo escuro e profundo no centro, com três pétalas longas num tom claro, amarelo-esverdeado. Única, com certeza. — A erva daninha vai infestar o lote inteiro e destruir a beleza crescendo aqui dentro. Como os pensamentos negativos fazem.

Pensamentos negativos.

— Como assim?

Ele sorriu de forma suave, os olhos em um tom verde brilhante.

— Sente aqui comigo, *Lucita*. — Fiz o que ele pediu, apoiando o bumbum na pequena borda da caixa de flores. — Os pensamentos negativos são plantados como uma semente no cérebro e, uma vez que crescem, tomam conta da mente, infectando a nossa capacidade de enxergar a verdade e a beleza de forma clara. De ver a honestidade por trás de uma pessoa ou situação. No fim, esses pensamentos tomam conta e você perde de vista a alegria de ter essa pessoa na sua vida. Como a erva daninha. Ela vai crescer e infestar a caixa com a plantação inteira, até que toda a beleza seja destruída. Só vai restar aquilo que você não quer. A erva daninha ou, no caso, o pensamento negativo.

— Você me surpreende. — Pus a mão em seu braço e o apertei. Quando ele colocou a sua sobre meu joelho, congelei. Medo e feiura se arrastaram do seu toque para todo o meu corpo, e a tensão me apertou o peito. Sem perceber, prendi a respiração. Seus olhos verdes procuraram os meus e ele os fechou, piscando lentamente antes de soltar meu joelho. Era como se eu pudesse respirar de novo. Virei a cabeça, apoiei as mãos nas pernas, inspirei pelo nariz e expirei pela boca, tentando ser discreta. Não funcionou. Ele percebeu, mas não comentou nada.

Quando me senti estável de novo, ele finalmente respondeu à minha observação. Balançou as sobrancelhas e lambeu aqueles lábios carnudos adoráveis.

— Eu surpreendo a maioria das pessoas. — E ali estava seu lado sarcástico.

— Então a jardinagem é o seu hobby?

Ele assentiu.

— *Sí*. Eu gosto de ver coisas bonitas crescerem. Amo comer o que plantei. — Havia orgulho em seu tom. Aquele passatempo parecia ser muito caro ao Latin Lovah. De alguma forma, isso o fez mais real, um pouco mais pé no chão.

A palavra *comer* ressoou em minha mente. Me fez lembrar da forma como ele tinha jantado na outra noite e como reagiu quando eu disse que não havia comido nada, depois que apaguei.

— Você é fissurado por comida? — perguntei, brincando com uma folha de arbusto cujo nome eu não sabia. Tudo era muito exótico para o meu olhar destreinado.

Anton se levantou e caminhou até outro arbusto.

— Comer é uma necessidade básica. Ninguém deveria ser privado de comida.

— Parece que você viveu sem isso e sabe como é.

Sua mandíbula e seus lábios se apertaram. *Bingo!*

— Você vai me contar por que congela quando eu encosto em você, mesmo de uma forma amigável? E olha que eu gostaria de te tocar de outras maneiras. Se você

estivesse disposta.

Andando pelas filas de flores e arbustos, ignorei sua pergunta e o comentário sobre estar atraído por mim.

— O que é isso? — Apontei para um arbusto que tinha bolas amarelas distorcidas e brilhantes com folhas verde-escuras, como as de samambaia, presas a elas.

— Acácia-doce. Ela floresce o ano todo, mas não toque... — ele disse, no momento em que segurei o botão amarelo e fui espetada.

— Ai! — Afastei o dedo e o balancei no ar. Ele o agarrou e levou até a boca. Três coisas aconteceram ao mesmo tempo:

1) Um fogo acendeu em minha barriga, trazendo com ele todos os tipos de desejo lascivo e necessidade, tão fortes que a umidade se estabeleceu entre minhas coxas.

2) Uma sensação assustadora de medo e ansiedade envolveu meu corpo, me paralisando.

3) Minha visão escureceu. Quando abri os olhos, estava lá de novo. Contra a merda daquela parede.

4



— Você acha que é especial, não é? — As palavras saem pingando veneno.

Balanço a cabeça e tento parecer calma.

— Nem um pouco. — É verdade, mas, com base em sua reação, ele não acredita.

Ele faz uma careta e avança até eu estender as mãos à minha frente, me defendendo. Ele continua avançando e eu me vejo pressionada contra a parede de concreto de uma área escura. Mais alguns passos e seu peito está contra o meu, antes que eu perceba o que está acontecendo. Com a respiração curta, penso na melhor maneira de lidar com isso, mas o champanhe está retardando meus reflexos.

— Aaron, você não quer fazer isso.

Seu rosto está mais perto agora, e ele desliza o nariz pela minha têmpora. Arrepios de medo sobem por minha coluna, levantando os cabelos da nuca.

— Claro que quero. — Sua voz soa morta, desprovida de emoção. Empurro seu peito, sem sucesso. Uma sensação de puro medo invade meus sentidos. — Tentando escapar, putinha? — ele diz, enrolando as palavras.

— Eu não sou uma puta, Aaron. Você sabe disso.

Empurro e forço o corpo para a frente, tentando, precisando escapar. E é aí que as coisas pioram.

Aaron morde o ponto em que o ombro e o pescoço se encontram. Com força. Tanto que eu grito, a dor pulsando em minha carne. Ele não parece se importar e usa sua força contra mim.

— Eu sei que o meu pai te contratou para ser a piranha dele na frente dos amigos ricos. Eu sei que você trabalha para uma agência de acompanhantes e é paga por mês. Está na hora de fazer o dinheiro do meu pai valer a pena.

— *Por Dios*, Mia! Por favor! Estou aqui. É o Anton. Anton! Não vou te machucar! — Ele estava me segurando com firmeza, os braços ao redor do meu corpo, impedindo qualquer movimento.

A sensação de ser agarrada era tão forte que usei toda a força que tinha, me virei em seus braços e gritei. Ele me soltou como se eu fosse uma granada. Corri para a lata de lixo no canto e vomitei. Espasmos violentos me dominaram, abalando meu corpo. Eu não tinha muita coisa no estômago, já que não havia tomado café da manhã ainda. Graças a Deus. Era só café e bile. Anton estava por perto, mas não tanto a ponto de o medo me atingir novamente. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, o chapéu pendurado por uma cordinha, caído nas costas. Seus olhos estavam escuros e cheios de tristeza. Talvez até pena.

— Não olhe para mim desse jeito! — rosnei e limpei a boca com o antebraço. Eu precisava de outro banho. O suor escorria em minha testa, e o estômago apertou mais uma vez. Fraca, fui até um banco próximo e me sentei. Anton me seguiu, mas não se juntou a mim.

Ele se abaixou apoiado em um joelho e esperou até que eu levantasse o queixo e nossos olhares se cruzassem.

— Pode falar comigo. — Seu tom era solidário, cheio de preocupação.

A frustração e a raiva me atingiram como um soco.

— Você vai falar comigo? — Bati em meu peito. — Qual é o seu lance com a comida, Anton? — revidei.

Inspirando, ele apertou os lábios entre o polegar e o indicador. Algo sombrio surgiu nos olhos verdes, tornando-os nebulosos. As linhas em seu rosto se suavizaram quando ele suspirou.

— Eu fui uma criança pobre. Muito pobre. Em alguns dias a gente sobrevivia à base de água e de restos que os meus irmãos e eu conseguíamos pegar nas lixeiras dos restaurantes caros perto do nosso barraco. Porto Rico não é só a luz do sol, mulheres lindas de biquíni e praias intermináveis. Tem muitas partes que ainda são bem parecidas com um país de terceiro mundo. O lado leste da ilha, que é onde eu fui criado, é muito perigoso.

— Quantos irmãos você tem?

— Dois. Um irmão e uma irmã. Mas *mi papa* morreu quando a gente era muito pequeno. *Mi mama* fez o melhor que podia, mas em muitas noites eu fui dormir com fome. Vários anos com a barriga roncando. — Anton se levantou e abriu bem os braços, a imagem do rei em seu castelo. — Agora, não mais. *Mi mama* recebe muito dinheiro de mim e tem uma vida feliz e tranquila, sem passar nenhuma

vontade. A mesma coisa acontece com os meus *hermanos*. Meus irmãos — ele esclareceu, em inglês.

Fechei os olhos e contei até dez. Aquele era meu jeito de lidar com o assunto. Quando meus batimentos cardíacos se acalmaram, abri os olhos e falei:

— Meu último cliente tinha um filho, um político muito conceituado no país. Ele me atacou e tentou me pegar à força. Chegou muito perto de me estuprar. Muito perto mesmo. — Até as palavras tinham um gosto ruim.

— Quando? — A maneira suave como ele perguntou me fez acreditar que eu poderia confiar nele para compartilhar o meu trauma.

— Há cerca de três semanas.

— *Coño*, tão recente assim? Meu Deus, Mia. O filho da puta está na cadeia?

Aí é que estava o problema. Neguei e seus olhos se estreitaram.

— Eu não dei queixa. — Admitir aquilo em voz alta machucava, como uma faca cortando meu estômago. Mesmo sabendo que era por um bem maior, eu ainda me debatia com a realidade: ele havia escapado. Sim, eu estabeleci algumas condições e exigências para não entregá-lo, mas nenhuma delas aliviaria aquele buraco dentro de mim, que só seria preenchido com a certeza de que a justiça havia sido feita. — Havia algumas circunstâncias atenuantes. Eu fiz o que tinha que fazer. Não existia nenhuma boa opção. Se eu tivesse denunciado o sujeito, outras pessoas sairiam machucadas. Um monte de gente seria prejudicada por causa daquele doente de merda.

Anton assentiu.

— Às vezes, as decisões que precisamos tomar são mais difíceis para nós do que qualquer um poderia imaginar. — Ele disse essas palavras sem nenhum julgamento. Contei a ele que um homem me atacou e quase me estuprou e que eu optei por não o colocar atrás das grades. Ele não sabia nada sobre a situação, mas aceitou a decisão que eu tinha tomado. Por que eu não conseguia aceitar também?

Deixando clara sua intenção, ele se sentou ao meu lado e abriu a mão, oferecendo apoio e conforto. Assustada, mas determinada a superar aquilo, eu a segurei. Será que a sensação seria a mesma de pegar na mão de Tai ou Mace? Não, não foi. Aqueles dois sabiam o que eu tinha passado e, por algum motivo, o toque deles, depois da agressão, não me afetou.

O medo, agora familiar, vibrou ao longo da minha mão. Eu apertei a de Anton e me afastei.

— Obrigada — sussurrei.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Por quê?

— Por não me julgar. — Minha voz falhou, e a emoção tomou conta do ambiente.

Anton suspirou devagar.

— Eu não vivo a sua vida. Não posso entender como uma decisão, de um jeito ou de outro, poderia ser melhor ou pior, porque não me diz respeito. Só você precisa conviver com as suas escolhas. E dá para perceber que isso está pesando demais em você.

Assentindo, inspirei e apertei a palma das mãos uma na outra, até que meus dedos ficaram brancos com a tensão.

— Então nós podemos ser amigos... sem outras possibilidades? — perguntei de repente, preocupada que ele pudesse estar chateado com essa decisão em particular.

— Você está atraída por mim, *Lucita*? — Luzinha. Homem tolo.

— Sim — respondi, sem rodeios.

— E mesmo assim vai se privar dos prazeres de se acasalar comigo?

Abri um grande sorriso. Prazeres de se acasalar? De onde ele tirou aquela merda?

— Infelizmente, acho que não é o momento de eu arranjar um novo companheiro para *acasalar*. Além disso, meio que existe outra pessoa. — Certo, eu admiti. O que faria a respeito agora?

Anton bateu em suas coxas e se levantou.

— Que pena. Eu estava louco para te levar pra cama.

— Não acredito que você vá ficar sem companhia num futuro próximo.

— Isso é verdade. — Ele balançou as sobrancelhas novamente. — Amigos, então? — Estendeu a mão, desta vez como se fosse para fechar um negócio.

— Amigos.

Ele fez uma mesura com o chapéu.

— Agora, como minha amiga, você vai me ajudar a arrancar todas essas ervas daninhas.

— Acho que eu vou gostar disso, Anton. — Um pouco de trabalho ao sol levaria embora as toxinas das emoções que estavam perto demais da superfície. Seria catártico. — Com uma condição... — Apoiei a mão no quadril e inclinei a cabeça para o lado.

Ele sorriu, com um brilho juvenil e diabólico nos olhos que me fez lamentar a decisão do "não acasalamento".

— Defina seus termos, mulher. — O sotaque fez a resposta soar absurdamente sugestiva.

— Eu quero dar uma volta em uma das suas motos.

Anton jogou a cabeça para trás e riu.

— Você anda de moto? — O choque evidente na linguagem corporal e em seu tom me incomodou.

— Eu não ando, *boneco* — enfatizei, usando contra ele um de seus apelidos carinhosos. — Eu piloto, meu bem.

Sua expressão feliz me deu esperança. Ele franziu os lábios.

— Eu não vejo a hora de pagar a minha parte do acordo. — Apontou para um grande cesto. — Luvas, chapéu e balde.

— Feito!



Maria De La Torre.

Esse era o nome da coreógrafa. Ao vê-la pessoalmente, meu queixo quase caiu. Seu cabelo muito preto rivalizava com o meu no quesito "incrível", e, para uma dançarina, ela tinha curvas que não acabavam mais. Era mais musculosa que eu, e seu corpo poderia ter sido esculpido em mármore e adorado por séculos. Ela falava inglês, mas mudava para espanhol no meio das frases. Sua etnia era única. Se tivesse que adivinhar, diria que tinha ascendência grega ou italiana, talvez até espanhola. Definitivamente mediterrânea. Em suma, ela era completamente exótica. Quando se movia, todos os olhares a seguiam. Maria tinha fluidez e graça, diferentemente de qualquer outro dançarino ali.

— A sedutora! — Maria gritou, olhando para um pedaço de papel. — Mia Saunders? — Ela examinou a multidão, até que todas as cabeças se viraram para mim.

Fui até a frente do estúdio onde todos estavam sentados. Eu estava encostada na parede do fundo. Ela questionou cada bailarino, mandando-os fazer uma série de passos, e vetou metade deles. Mandou-os para casa na hora. Brutal, mas eficiente.

Os olhos de Maria eram de um azul gélido enquanto observavam meu corpo.

— Você não é dançarina — ela falou diretamente, sem pedir que eu repetisse os passos que os outros tinham feito. Quase me senti aliviada por não ter que passar vergonha na frente de todo mundo.

— Não. Sou uma acompanhante contratada. — Dei de ombros e coloquei as mãos nos quadris.

Seus olhos se estreitaram, e um pequeno V se formou no alto da testa.

— Está saindo com alguém aqui? — ela perguntou. Graças a Deus alguém conhecia a definição de "acompanhante" e não concluía automaticamente que eu era uma prostituta.

Sorri.

— O Anton e a Heather me contrataram para esse papel. Você pode discutir com eles os motivos e a lógica por trás dessa decisão.

Maria inclinou a cabeça para um lado e depois para o outro.

— Vire-se. — Fiz o que ela pediu. — Mais uma vez. — Girei novamente até estar de frente para ela. — Você sabe dançar?

— Profissionalmente?

Ela riu.

— Não, eu sei que você não dança profissionalmente. O seu corpo não mente. Embora eu possa entender, pelas curvas e pela beleza, por que você foi escolhida para o papel da sedutora. Mas eu estou querendo saber se você consegue dançar para se divertir, mexer os quadris. Hula, salsa, tango, qualquer coisa.

Balancei a cabeça, com medo da maneira como ela reagiria. Se bem que ela estava agindo do jeito mais técnico possível, mesmo quando dispensou metade dos dançarinos.

— Tudo bem. Eu vou ter que pensar no seu papel e em como vamos apresentá-la para as câmeras. Você não estaria aqui para um clipe de hip-hop se o Anton não quisesse você nesse papel. Vamos contornar as suas eventuais deficiências.

Não parecia tão ruim. Pelo menos ela não me cortou totalmente da produção. Teria sido muito mais fácil, e eu ainda teria recebido meu pagamento, já que a cláusula de não devolução continuava em vigor. De qualquer forma, a ideia de falhar ou decepcionar Anton, Heather ou tia Millie ao ser mandada para casa não me caía bem. Fiquei surpresa quando notei que estava feliz por permanecer no clipe. Mesmo com a coisa de não-sei-dançar e tudo o mais.

Maria trabalhou com o restante dos dançarinos. Havia poucos na sala quando Anton entrou.

— *Mamacita!* — ele cumprimentou Maria com um abraço entusiasmado. — *Mama*, você está muito linda. — Ele examinou as outras pessoas que estavam por ali, se alongando na barra de balé e repassando uma série de passos. — Estou vendo que você limpou o salão.

Maria sorriu.

— Anton, você sabia que eu ia dispensar a maioria deles. Você não precisa de

muitos dançarinos para o que eu tenho em mente. Eu ouvi a música várias vezes no avião. Com base no conceito que desenvolvi, nós vamos precisar principalmente dela. — Ela apontou um dedo na minha direção. — E talvez de mais uns dois, além dos que sobraram aqui. — As sobrancelhas de Heather se ergueram, mas ela se manteve em silêncio, atrás de onde Anton e Maria estavam conversando. Fiquei um pouco afastada, sem querer bancar a enxerida, mas ainda tentando não perder nenhum detalhe.

— Vamos conversar em particular. A menos que você queira trabalhar hoje à noite. — A pergunta pairou no ar, à espera da resposta dela.

Maria bateu nos lábios com um dedo.

— *No, vamos a dejar descansar esta. Van estar muertos de los pies con lo que he planeado para el resto de la semana* — falou num espanhol rápido e seus lábios se curvaram para cima.

Anton assentiu e sorriu, conduzindo Maria e Heather para fora do estúdio.

— *Usted es una mujer malvada. Me encanta.* — Quando chegaram à porta, ele se virou e me encarou. — *Lucita*, você vai aonde eu for, a menos que um de nós — ele apontou para si e para as duas mulheres — diga algo diferente. *Entiendes?*

Concordei, coloquei as mãos nos bolsos de trás da calça jeans e os segui. Ele segurou a porta aberta. Seus olhos deixaram meu rosto, seguiram um curto caminho para baixo, observando meus seios, e deram uma olhada em minha bunda quando passei.

Maria riu.

— Ah, sim, ela é uma *seductora*, com certeza.

Enquanto caminhávamos, bati o ombro no de Heather.

— Eu gostaria de saber o que eles falaram em espanhol lá no estúdio.

Ela mexeu no cabelo enquanto caminhávamos, ajeitando algumas mechas.

— Ah, a Maria basicamente disse que os dançarinos não iam trabalhar hoje à noite porque precisam descansar. Ela vai tirar o couro deles no resto da semana. — Abri a boca, mas as palavras não saíram. — Aí o Anton respondeu que ela era má... — o timbre da sua voz mudou quando ela terminou com: — e ele adora isso nela.

— Uau, você fala espanhol?

Heather sorriu.

— Comecei a estudar logo que vim trabalhar como assistente do Anton, depois que me formei na faculdade, há quatro anos. Uma semana foi suficiente para eu perceber que, para me encaixar no mundo dele, eu precisaria saber, o tempo todo, exatamente o que ele estava falando. Só que o espanhol de Porto Rico é um pouco

diferente do mexicano e até do europeu. Na maior parte do tempo eu entendo o que eles falam, mesmo quando as palavras ou o estilo são diferentes. É que nem os diferentes dialetos e gírias que existem dependendo de onde você mora nos Estados Unidos, seja no leste, no meio-oeste ou no sul.

— Ah, que legal. Eu percebi que você significa muito para o Anton.

Heather ficou vermelha e olhou para baixo antes de encolher os ombros.

— Talvez você esteja vendo algo que não existe.

Franzi as sobrancelhas e a detive com a mão em seu cotovelo. Anton e Maria avançaram para pegar o elevador.

— Vocês vêm? — Anton segurou a porta.

— Hum, pode nos dar um minuto? — perguntei.

— Tudo bem — ele concordou e continuou a conversar em sua língua nativa com Maria.

— O que está rolando? Você está agindo de um jeito estranho desde que a Maria chegou.

Heather mordeu o lábio inferior e encostou na parede.

— Com ela aqui, todas as ideias e os conceitos que eu desenvolvi para o clipe vão ser completamente esquecidos. Eu tinha convencido o antigo coreógrafo a incluir algumas das coisas novas que pensei, mas agora... — Ela parou de falar. A decepção escorria de cada frase como uma torneira enferrujada vazando.

— Você comentou com o Anton sobre as suas preocupações? — perguntei.

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Não. De qualquer forma, ele não me ouviria. Agora que ela está aqui, todo mundo só vai prestar atenção no que ela diz e faz.

Eu me encolhi.

— Mas eu achei que você quisesse a Maria aqui. Você foi toda proativa, ligou correndo pra ela e a trouxe pra cá.

— Porque ela é a melhor. O Anton merece o melhor.

Encostando a palma das mãos uma na outra, pensei no assunto por um momento. Será que havia algo mais ali do que ela estava admitindo?

— Você está apaixonada pelo Anton? — A pergunta escapou dos meus lábios antes que eu pudesse pensar em ser mais sutil.

Os olhos de Heather se arregalaram e ela se inclinou, com as mãos apoiadas nos joelhos, enquanto todo o seu corpo tremia. Em seguida, uma gargalhada saiu de seus pulmões conforme ela se endireitava, com as bochechas vermelhas. Ela bufou e uivou, com uma alegria desenfreada.

Aparentemente, eu estava *muito* errada.

— Acho que a resposta é não — falei.

— Desculpe, não. — Ela enxugou as lágrimas e respirou fundo, enchendo os pulmões. — Meu bem, eu nunca me apaixonaria por ele. Eu quero um homem para quem eu seja uma prioridade, não uma opção. — Ela riu. — Nós duas sabemos que o Anton ama todas, mas não se compromete com nenhuma.

Ama todas, não se compromete com nenhuma. Em minha memória recente, não encontrei nada mais verdadeiro que aquilo. Anton não parecia ser do tipo que se acomoda ou se compromete com uma mulher, por qualquer período de tempo.

— Então por que você não conversa com ele?

— Não sei. Toda vez que eu abordo o assunto da direção criativa de um projeto, ele ergue muros de pedra antes que eu possa expressar minhas ideias. Eu estou num ponto da minha carreira, Mia, em que preciso crescer ou seguir em frente.

Assenti.

— E o que você vai fazer?

— Bem, aqui entre nós — ela olhou para um lado, na direção do salão, e em seguida para o outro, se certificando de que não tivesse ninguém ouvindo. — Eu fui sondada por um agente para outra banda. Uma pessoa está disposta a me dar o cargo de diretora criativa, logo abaixo do empresário deles. É um grupo de hip-hop de New Jersey. Eles têm muito potencial para fazer sucesso. Com os contatos que eu tenho e os conceitos que esbocei, o cara me quer. Está disposto a pagar quase o dobro do meu salário para eu deixar o Anton.

Meus olhos se arregalaram.

— Uau, Heather! Isso é incrível. O que você está esperando?

Ela mordeu novamente o lábio carnudo. Seus lindos olhos azuis desviaram para o lado e ela chutou o chão com a ponta do sapato, arrastando-o ao longo do tapete.

— Hum, é difícil. Eu estou com o Anton há quatro anos. Ele sempre foi o meu foco. Quer dizer, eu não tenho família de verdade. Sou filha única. Meus pais morreram quando eu era muito nova. Fui criada pelos meus avós, que também já se foram.

— Mas o que isso tem a ver com tomar a decisão de trabalhar em outro lugar? Em um lugar onde vão te dar carta branca para você fazer o que quiser, usando a formação que batalhou tanto para conseguir? Para ter a carreira que você sacrificou a sua vida para ter?

Ela passou a mão pelo cabelo loiro e indisciplinado.

— Mia, é tão difícil. O Anton é o mais próximo de uma família que eu tenho.

Mesmo que eu não seja a prioridade dele, ele ainda é a minha. — Seus ombros caíram. — Ele é o meu melhor amigo, o meu único amigo.

— Ah, querida — acariciei seu braço.

— Não é triste? Eu sou leal a um homem que não dá a mínima pra mim, mas ele é tudo que eu tenho.

Segurando Heather pelo braço, puxei-a e a abracei. Ela me apertou forte. Curiosamente, seu toque não me provocou um miniataque de pânico. As lágrimas escorriam por suas bochechas enquanto ela se agarrava ao meu corpo e fungava contra o meu pescoço. Acariciei seu cabelo e disse várias vezes que tudo ia ficar bem. Com o tempo, os soluços se transformaram em risadinhas. Dando um passo para trás, limpei as lágrimas dela com a ponta dos dedos e olhei em seus olhos.

— Você é inteligente, bonita, e o Anton dá mais atenção às suas ideias do que você imagina. Converse com ele.

Ela suspirou profundamente e assentiu.

— Eu vou conversar. Obrigada, Mia.

— As coisas vão funcionar como devem, mas você tem que ser honesta consigo mesma e com o Anton. Ele não vai saber como é que você se sente se você não contar. E ele, definitivamente, não vai mudar nada se não souber das suas necessidades e do fato de que você tem outras oportunidades em vista.

— Você acha que ele vai ficar bravo? — ela perguntou enquanto caminhávamos para o elevador. Apertei o botão e ele zumbiu em algum lugar acima de nós.

— Você conhece o Anton melhor do que eu. Acho que ele vai ficar muito preocupado por você não ter falado com ele. Você estava pensando em sair sem dar a ele a chance de consertar as coisas. Pelo que eu pude perceber, você é a única pessoa que ele escuta.

Heather balançou a cabeça.

— Não. Ele faz o que quer, quando quer.

— Acho que isso é um pouco duro e não muito verdadeiro.

Ela revirou os olhos e cruzou os braços sobre o peito.

— Talvez.

Sorri e entrei no elevador quando as portas se abriram.

— Vamos, garota. Vamos ver o que o demônio está fazendo com a srta. Dança dos Famosos.

Heather riu.

— Não deixe a mulher ouvir você dizer isso. É bem capaz de ela chutar o seu traseiro. Ouvi dizer que ela tem um temperamento difícil.

— Heather, meu bem, eu também. Eu. Também.

5



Quando entramos na cobertura, Anton e Maria não estavam sentados de braços cruzados. Não. Eles estavam no meio da sala de estar, dançando.

— E aí o seu personagem faz isto aqui. — Maria fez uma série de passos complicados, girou o corpo, remexeu os quadris, tocou o chão e voltou a girar, batendo o pé em seguida, fazendo um barulho alto. — "Monte em mim, baby, monte."

Anton repetiu perfeitamente os movimentos dela, mas, quando o fez, nós três ficamos hipnotizadas. Usando uma calça de linho larga e nada além de um coração incrustado de diamantes balançando no peito suado, o cara era lindo de doer. Uma obra de arte viril.

Heather limpou a garganta. Dois pares de olhos se concentraram em nós.

— Você precisa da gente para alguma coisa? — A timidez em sua voz me incomodou. Aquilo estava longe de fazê-la conquistar credibilidade com as duas personalidades impetuosas à nossa frente.

De forma corajosa, eu me intrometi:

— O que a Heather quer dizer é que ela tem algumas ideias que esteve trabalhando com o coreógrafo anterior e gostaria de compartilhar com a turma. — Olhei para Anton, que me encarou e inclinou a cabeça. Fiz um sinal de "se liga" com os olhos e um leve arquear de ombros.

Demorou um minuto, mas ele finalmente entendeu a mensagem. Pegou uma toalha de rosto que estava pendurada no encosto do sofá e limpou o suor da testa.

— Ah, é, H? Por que não me disse antes? — Suas sobrancelhas se estreitaram em uma acusação velada.

A boca de Heather se apertou e ela travou a mandíbula.

— Anton, eu tentei falar com você sobre as minhas ideias várias vezes. Você pediu para eu desenvolver as coisas com o coreógrafo que você veria o resultado final.

Foi então que Maria e eu percebemos que eles não paravam de se encarar. Maria se intrometeu:

— *Mi amiga*, já que você me contratou como a nova coreógrafa, que tal me contar suas ideias? Podemos discuti-las no jantar. *Suena bien?*

— Posso pedir comida pelo telefone — ofereci.

— Esse é o meu trabalho. — Heather suspirou.

— Esta noite, não. O que vocês acham de sushi? — Fiz uma dancinha, que foi mais uma confusão de membros, com um remelexo de ombro.

Maria observou a exibição e gemeu, sussurrando tão baixo em espanhol que mal pude ouvi-la:

— *Tengo mucho trabajo por delante.*

— O que ela disse? — Apontei um dedo acusador para Maria ao falar com Heather. Os olhos da coreógrafa se iluminaram com malícia e um sorriso atrevido.

Heather me deu um tapinha no ombro e me entregou seu cartão de crédito.

— Relaxa. Ela só disse alguma coisa sobre ter muito trabalho pela frente. Nada ofensivo.

Fuzilando a coreógrafa com os olhos, rosnei:

— Estou de olho em você.

Anton e Maria riram e caminharam em direção à cozinha.

— Quer uma bebida, Mia? — Anton perguntou.

— Sim, o que vocês forem tomar está bom. — Eu me virei e fui para a sala de estar. Peguei o telefone e abri o aplicativo iFood. Na hora, o Yummy Sushi Bar apareceu com mais de cem avaliações positivas, a maioria cinco estrelas. E o melhor... entrega grátis! Temos um vencedor. Sushi para o jantar!



— Não, não, não. Você não entendeu! — As palavras de Heather eram cortantes, estimuladas pela vodca de excelente qualidade que estávamos bebendo. Ela se levantou e caminhou até o centro da sala. A terceira rodada de martínis estava na mesa à nossa frente, cortesia das habilidades-fantásticas-de-bartender da Mia. Eu me

dei os parabéns e esperei Heather concluir. — A minha ideia era uma coisa totalmente Michael Jackson em *Billie Jean* com Billy Joel em *Uptown Girl*.

Maria observou suas anotações, chacoalhando a cabeça de um lado para o outro. Ao fundo, a nova música de Anton estava no repeat, para manter a criatividade fluindo.

— *Sí, sí*, entendo. A Mia pode entrar desfilando e se exibindo, assim. — Ela imitou uma caminhada sensual. — Aí o Anton vai atrás dela, seguindo um pouco da influência do balanço dos quadris e dos pés rápidos do Michael Jackson, mas com o seu próprio estilo de mistura latina com o hip-hop — ela concluiu, animada.

Anton foi para trás de Maria conforme ela repetia os movimentos. Enquanto ela balançava os quadris, prestei muita atenção, pois aquele seria o meu papel quando estivéssemos na frente das câmeras.

— Venha aqui, Mia. — Fiquei de pé, meio alta por causa do álcool, limpei os dedos grudentos de martíni na calça jeans e me aproximei. Ela se virou e segurou meus quadris, como se fosse um homem dançando comigo. — Agora, finja que eu não estou aqui e movimente o quadril quando eu der um tapinha nele.

Demos alguns passos e ela bateu. Balancei para a frente e para trás, pegando o ritmo.

— Agora pare e se curve, tocando os dedos dos pés lentamente, como se fosse amarrar o sapato. Depois acaricie suas pernas, seguindo pela cintura e pelos seios.

Fiz o que ela mandou.

— *Tan caliente* — Anton murmurou, então segurou meus quadris e esfregou a virilha no meu traseiro. Ele não estava duro, mas aquela vibração nojenta me atingiu do nada e eu comecei a suar.

— An-ton — avisei. Meu lábio tremeu, expondo o medo que devia estar evidente em meus olhos, dizendo algo que não fui capaz de verbalizar, pois suas mãos me soltaram como se tivessem sido queimadas.

— Desculpe, *muñeca*.

Eu me virei e coloquei a mão em seu peito.

— Não, eu é que peço desculpas. Estamos só ensaiando. Vai ficar mais fácil. Prometo. — Fechei os olhos e fiz uma oração silenciosa para conseguir superar logo aquela coisa de toque. Meu trabalho dependia disso.

Do outro lado da sala, ouvi meu celular anunciando uma nova mensagem. Anton ergueu o queixo, como que aprovando que eu desse uma pausa. Corri até a bolsa, em cima do balcão, peguei o telefone e li a mensagem de Wes.

De jeito nenhum. Sem chance de eu perder o seu aniversário. Aceita de uma vez. Vou estar em Miami daqui a uma semana. Vamos fazer isso da maneira fácil ou da mais difícil. O que você preferir, linda. Mas você não vai se livrar de me ver.

Mal sabia eu que tinha plateia. Heather nem disfarçou que estava lendo a mensagem sobre o meu ombro.

— Quem é Wes? Seu namorado?

Quem era Wes? De fato, era uma excelente pergunta. Meu amigo, amante, namorado, homem dos sonhos? De certa forma, ele era todas essas coisas e muito mais.

— Hum, definitivamente amigo, meio namorado, eu acho. Nós não temos nenhum rótulo por enquanto. Estamos indo devagar. Sabe como é.

Ela bufou.

— Eu? Hum, não. Sou a rainha dos casos de uma noite. Com o meu trabalho, não tenho espaço para uma pessoa especial, embora espere ter, um dia.

Anton passou um braço ao redor do ombro de Heather.

— Ah, nem vem, H. Tinha aquele cara em cima de você algumas semanas atrás. Lembra? Ele ficou doido quando eu entrei no seu apartamento sem interfonar.

Ela gemeu.

— Eu lembro, Anton. Não precisa me contar.

Ele riu e deu um tapa na coxa.

— Você estava montando aquele pônei com vontade! O que aconteceu com ele?

— Você! Você aconteceu com ele, Anton. Assim como com o Reece, o David, o Jonathan. Toda vez que eu me aproximo de um cara, você estraga tudo com as suas exigências, ou entrando no meu apartamento sem interfonar. Você assusta os caras antes mesmo de eu ter chance de pensar em algo mais. — Ela pigarreou e fez beicinho.

Os olhos de Anton se arregalaram até parecerem dois pontos incandescentes.

— Está de sacanagem. Você está me culpando por não ter sorte no amor?

Ela cruzou os braços.

— Não. Eu não estou de sacanagem! Quando o maior cantor de hip-hop do país entra na sua casa sem mais nem menos, com a sua aparência e me chamando de *baby*, isso não deixa a melhor das impressões para os futuros pretendentes. — Ela

levou a mão à testa e apertou o indicador e o polegar nas têmporas. — Por que eu aturo isso? — resmungou, baixinho.

Os ombros de Anton caíram e ele ergueu o queixo.

— H, baby, vamos conversar?

— Conversar?! Vamos conversar, então. Me ofereceram outro emprego. E eu acho que vou aceitar. Que tal esse tipo de conversa? — Sua voz estava alta.

— O quê?! Você *não vai* me deixar! — ele gritou.

Ah, não. Maria e eu demos alguns passos para trás, até chegarmos à beira do balcão. Heather apontou o dedo para ele.

— Estou cansada de você não me ouvir. De não me promover! — sua voz se elevou, e eu levei meu martíni aos lábios. Maria fez o mesmo enquanto víamos a briga se desenrolar.

— Ouvir *você*? Você é a única pessoa que eu ouço! — ele respondeu. — E nunca pediu para ser promovida! O que você quer? Mais dinheiro? Feito!

O rosto de Heather se contorceu numa careta, uma expressão tão dolorida que pude sentir o calor da sua raiva.

— Nem tudo tem a ver com a porra do dinheiro! Ai, você é tão irritante. — Ela sacudiu o cabelo e se virou para a parede envidraçada com vista para o oceano Atlântico. — Talvez seja melhor eu ir embora.

Anton deu dois passos e colocou as mãos em seus ombros.

— Não. Eu não vou deixar. — As palavras estavam cheias de pesar.

— Talvez você não tenha escolha. É a minha vida — ela sussurrou, e as lágrimas encheram seus olhos.

— Você é tudo pra mim. Eu não posso trabalhar com mais ninguém.

— E eu não posso ser sua assistente pra sempre.

Ele fez uma careta.

— Você não é a porra da minha assistente. É verdade, você cuida de mim, mas você faz tudo! O que você quer de mim? Basta pedir, H. Eu não consigo ir pra lugar nenhum sem ter você do meu lado.

Maria me cutucou.

— Eles transam? — Se eu não soubesse a verdade, teria presumido a mesma coisa. Balancei a cabeça. — Talvez eles devessem — ela comentou.

— Que nada, é briga de irmãos. Tipo uma discussão entre melhores amigos. Você tem algum amigo?

Um enorme sorriso iluminou seu rosto e a deixou ainda mais bonita. Vaca. Eu queria odiá-la, mas ela era muito legal e provou ser uma força a ser admirada.

Também era totalmente profissional, além de ser boa no que fazia.

— Três irmãs de alma. Aquelas vadias mandam em mim. Me deixam completamente *loca*. É igual a esses dois, só que parece que eles nunca falaram da importância deles um para o outro. E nós estamos vendo a consequência desse erro.

Seus lábios formaram um O silencioso enquanto continuávamos assistindo à discussão. Infelizmente, tudo acabou muito rápido, com Heather saindo feito um furacão e batendo a porta. Droga. Devo ter perdido a melhor parte.

— Merda! — Anton gritou. — *Terca puta mujer!* — acrescentou.

Olhei para Maria.

— Acho que é a nossa deixa.

Ela assentiu.

— Quando um homem está gritando por causa de uma mulher maluca e teimosa, é melhor sair da frente e deixá-lo esfriar a cabeça.

Na ponta dos pés, saímos da sala e da cobertura. Estávamos hospedadas em apartamentos mobiliados para convidados, por isso descemos no mesmo andar. Maria foi para um lado, e eu, para o outro.

— Ei — eu a chamei.

— Sim?

— Você acha que eu vou ser capaz de fazer esse trabalho direito?

— Claro que vai. Você tem a mim para te ensinar. — Ela piscou, abriu a porta e acenou.

O motor roncou embaixo de mim quando saí da garagem para as ruas de Miami. Anton pilotava a Icon Sheene. A moto era preta, com detalhes cromados. Ele usava calça jeans e jaqueta de couro pretas e camiseta branca. Eu estava exibindo meu jeans Lucky Brand gasto e macio nos lugares certos. Ou seja, na bunda. Meu traseiro ficava excelente naquela calça, e eu sabia disso. Meu cabelo estava trançado e enfiado na jaqueta de couro que eu usava por cima de uma camiseta regata vermelha, branca e preta do White Stripes que comprei quando Ginelle e eu fomos ao show em Vegas. "Seven Nation Army" ainda era uma das minhas músicas favoritas.

A KTM Super Duke laranja e preta zumbia entre minhas coxas, acariciando meu ponto central melhor do que um amante faria. Havia algo absolutamente belo e

libertador em pilotar uma moto.

Anton fazia gestos com as mãos, levando-me por Miami e South Beach. Quando parávamos nos faróis, ele me contava coisas interessantes sobre as diferentes regiões.

— É aqui que os moradores e os turistas balançam o *culo*. — Apontou para um fluxo interminável de clubes na Washington Avenue. Em seguida, atravessamos a Collins Avenue, onde ele mostrou restaurantes e hotéis.

Claro que passamos pela Ocean Drive. Um lado era repleto de edifícios quadrados, estilo art déco, que Heather havia apontado quando cheguei, quase duas semanas antes. O outro lado era uma vasta extensão de grama pontilhada de palmeiras até o ponto onde a areia começava, e depois só havia o mar.

Paramos em um lugar frequentado por turistas e moradores, chamado Gelato-Go. Eu nunca tinha provado aquilo, mas Anton jurou que era bom.

Um pouco deslocados, entramos na pequena sorveteria. Acho que funcionava bem para Anton, pois ele geralmente era muito fácil de reconhecer. Ali dentro, ele continuou de óculos escuros. Ergui os meus enquanto analisava as opções.

— Gelato é tipo um sorvete?

Ele assentiu.

— É, sim. Sorvete estilo italiano, só que não é feito com creme, e sim com leite. E eles batem muito menos, deixando com menos ar dentro. Isso faz o sorvete parecer mais denso. Eu prefiro, porque os sabores são mais encorpados e é mais saudável.

Observei todas as opções. O de chocolate era muito escuro, me fazendo pensar que devia ter o gosto daquele cannoli amargo oferecido em restaurantes italianos. *Blergh.* Eu odeio cannoli.

Um cara magro porém definido se aproximou de mim. Seu cabelo era alto e penteado para trás, de um jeito muito estiloso. Ele usava uma camiseta em que se lia: "Gelato-Go, fresco todos os dias, saudável, leve, baixo teor de gordura, delicioso e cremoso". A etiqueta com seu nome dizia "Fresh Francesco", e, embora ele pudesse muito bem ser italiano, era difícil dizer.

— *Bella signora*, como Francesco pode ajudá-la hoje? — O sotaque era definitivamente italiano. Fim do mistério.

— Não sei. Meu amigo aqui — apontei para Anton, que mais parecia o Exterminador do Futuro que o seu alter ego Latin Lov-ah — disse que o gelato daqui é de matar. Como eu nunca tomei gelato, o que você recomenda?

Fresh Franny sorriu como um maníaco.

— Ah, *signora*, você vai amar tudo. Fazemos os sorvetes diariamente, com

receita caseira, pouco açúcar e nenhum creme gorduroso. Você vai manter esse corpinho por anos se tomar o nosso gelato — ele prometeu e eu ri.

Apontei para o verde com pedacinhos em cima.

— Que sabor é esse?

— Ah, boa escolha. O nosso famoso pistache. Nós trazemos as sementes da Sicília. É por isso que ele é tão especial.

Anton se inclinou para mim e sussurrou em meu ouvido:

— É surpreendente e muito saboroso. Mas eu recomendaria algo um pouco mais simples. Gosta de caramelo?

— Um apostador gosta de dinheiro? — Lancei a ele meu olhar "está-de-sacanagem-comigo", que era minha marca registrada. Ele riu. Ah, como eu amei aquela risada. Me fez lembrar outro cara muito gostoso que estaria aqui no dia seguinte. — Tenho certeza de que noventa e nove por cento da população adora caramelo. Quem disser que não está mentindo. Normalmente pela necessidade de evitar uma coisa que pode fazer engordar só de olhar.

Francesco aguardou pacientemente enquanto discutíamos os méritos de cada sabor. Como o fato de morango ser muito sem graça para começar, já que eu queria tentar algo novo e incomum. Eu queria começar com tudo. Vá com tudo ou vá pra casa, como dizem.

— Fresh Franny, eu quero o de caramelo com *dulce de leche*, por favor.

— Excelente escolha! — Ele serviu uma porção da delícia cremosa no maior pote.

Tenho certeza de que meus olhos se arregalaram quando ele me entregou o sorvete.

— Eu devia ter pedido o pequeno — declarei, avaliando a sobremesa gigantesca.

Ele balançou a cabeça. Seu cabelo sacudiu com o esforço, mas continuou perfeito.

— Todo mundo volta para pedir mais. Vai com tudo.

— Se você está dizendo...

— Com certeza.

Anton, é claro, pediu o de pistache, o que me deixou louca da vida. Ele havia me feito desistir daquele sabor e depois o pediu.

— Filho da mãe! — xinguei.

— O quê? — Ele ergueu os óculos e enfiou uma colherada enorme entre os lábios. Humm, eu poderia vê-lo tomar gelato pelo resto dos meus dias. Ele era

gostoso. De repente, começou a me dar calor. Tirei a jaqueta e a coloquei sobre o encosto da cadeira. Ele fez o mesmo.

Por um tempo, ficamos em silêncio aproveitando o gelato mais gostoso do mundo. Claro que foi o meu primeiro, mas eu não podia imaginar nada melhor que aquilo. A textura e a maciez pareciam um misto de sorvete e frozen iogurte. Virei fã.

— O que você vai fazer sobre a Heather? Ela ainda está brava?

— Furiosa. Quase não está falando comigo. — Ele franziu a testa e deu outra colherada. — Não sei o que fazer. Não posso deixá-la ir embora.

— E se for isso o que ela precisa?

Ele estreitou as sobrancelhas e se encolheu.

— Eu já sou famoso. Trabalhar comigo vai trazer mais reconhecimento do que com alguém que está tentando crescer.

— E você está preparado para dar a influência de que ela precisa?

— Influência?

— Você sabe, o respeito. O cargo.

Seus olhos e seu nariz franziram.

— É disso que se trata? De ela não querer ser minha assistente?

Eu queria dizer "dãáã", mas me abstive, já que ele obviamente não havia entendido.

— A Heather me parece muito inteligente. — Ele assentiu. — Linda. — Mais uma vez, ele concordou. — Mas ela é muito mais do que a sua assistente. Naquela noite, você mesmo disse que ela resolve tudo. Ou pelo menos está envolvida em tudo.

— Sim, e daí? Aonde você está querendo chegar? Me diga, *Lucita*.

Dei uma colherada no gelato e o deixei derreter na língua, então coloquei a colher no pote.

— Acho que ela quer ser sua agente e empresária. Não sei o suficiente a respeito da indústria para dizer com toda a certeza, mas, se ela marca seus shows, comanda a sua equipe e cuida de você — peguei a colher e a apontei para ele —, então me parece que já está fazendo esse trabalho, mas sem o pagamento, o respeito e o título no currículo, além de se desdobrar para tentar fazer tudo sozinha. Talvez *ela* precise de um assistente! — ri.

Ele colocou as mãos no rosto, deslizando-as sobre a testa e passando-as pelo nariz e os lábios, demonstrando frustração.

— Você está certa, Mia. *Cristo en una cruz, tienes razón*. — Entendi bem, sem precisar pedir que traduzisse.

— A garota não tem vida, só cuida de você. Sabe, ela me disse que não tem nenhum amigo além de você. Que você é a única família que ela conhece. O melhor amigo dela.

— Ela disse isso? — Seus olhos escureceram e ele segurou o queixo com a palma da mão. Assenti. — A H sempre foi a minha melhor amiga mesmo.

— Você já disse isso a ela?

— Eu supus que ela soubesse. — Seu tom revelou que ele estava destruído pela infelicidade de Heather.

Eu ri.

— Você sabe o que dizem sobre pessoas que fazem suposições, né?

Seus olhos endureceram e ele mordiscou o lábio enquanto balançava a cabeça.

— Supor te leva a fazer papel de idiota.

Anton tomou um pouco mais do seu sorvete verde.

— Você é louca. Alguém já te disse isso?

— O tempo todo. Mas normalmente a minha melhor amiga, Ginelle, usa uma versão mais colorida dessa palavra.

Quando eu disse as palavras "melhor amiga", Anton pareceu desanimado novamente. Ele pegou seu gelato inacabado e o jogou no lixo. Uma linha dura se formou entre suas sobrancelhas e uma ligeira carranca desfigurou seu rosto bonito.

— Vamos. Você tem o ensaio, e eu preciso falar com a minha garota.

Vibrei por dentro, fazendo uma dancinha feliz.

Então olhei para a Super Duke que eu estava pilotando e comemorei mais uma vez.

6



— De novo! — Maria gritou. — Não. Parem a música. — Ela acenou com a mão erguida e a música foi interrompida.

Eu estava no canto, esperando minha vez de ser maltratada. Tinha trabalhado na mesma cena o dia todo. Na maior parte do tempo, fazia uma caminhada ultrassexy, seguida de um giro de quadril para o lado e depois para o outro, me curvava para a frente, subia, remexia o peito e arqueava as costas. Então, Anton ficava atrás de mim, fazendo seus movimentos com os dançarinos. Alguns dos passos que aprendi eram iguais aos que ele fazia. Com toda a honestidade, não era nada em comparação com o que Maria estava obrigando os dançarinos a fazer, mas eu já estava exausta. O dia havia sido longo e agitado. Eu precisava de um banho, comida e cama. Além disso, meu aniversário era no dia seguinte, e Anton tinha me dado folga. Isso também significava que Wes chegaria.

Partes iguais de animação e apreensão guerreavam dentro de mim quando eu pensava no meu surfista que fazia filmes. Eu queria tanto vê-lo que chegava a doer. No entanto, não queria que meu coração fosse partido quando eu dissesse a ele que estava pronta para ser exclusiva. Uma mulher de um homem só. Sua garota.

Só que, para isso acontecer, ele teria que terminar com Gina DeLuca. Nada mais de sexo causal com a atriz de cinema mais gostosa do país. Só de pensar nela, o ciúme já mostrava as garras. Se fôssemos fazer aquilo, teríamos que nos comprometer. Puta que pariu. *Comprometimento*. Era uma palavra que eu não dizia havia muito tempo, muito menos me referindo a alguém do sexo oposto. Principalmente porque, todas as vezes que eu a disse, me dei mal, de uma forma ou de outra.

— Mia, *hermosa*, venha aqui. — Maria apontou para uma marca no chão, em que havia um X preto. Aquele era o lugar onde eu precisava parar e girar o corpo contra o de Anton no clipe. Ela me fez decorar quantos passos tinha que dar, a

posição exata que meu corpo deveria assumir e como todos os outros dançarinos estariam posicionados. Entre ela e Heather, todos os dançarinos estariam me cobiçando e dançando ao meu redor enquanto eu andava, sentava e me inclinava contra a parede. Havia uma série de passos que eu precisava aprender, mas a maior parte eu já tinha decorado. Ela era uma professora gentil e tinha uma paciência sem fim. Toda vez que eu errava, os outros dançarinos faziam careta, pois sabiam que precisariam repetir tudo. Maria, no entanto, não via nenhum problema em fazê-los executar os passos novamente. Insistia que isso serviria para aperfeiçoar a parte deles.

Ela me posicionou e depois interpretou o papel de Anton.

— Façam os seus movimentos. — Seus olhos se voltaram para os dançarinos. — Não estou fazendo isso porque a Mia precisa de ajuda. Vocês todos estão relaxando. Não me importa se estão cansados. Muito menos se os músculos estão doloridos ou os pés machucados. Querem estar no clipe de hip-hop mais bombado do momento? — Seus olhos ficaram frios como gelo enquanto ela analisava cada um deles. — Esse é o preço. *Trabajar por el*. Trabalhem por isso! — ela repetiu a advertência em inglês, como sempre fazia. — Agora, Mia, vamos desde o início.

Voltei para o canto da sala e respirei fundo. Fechei os olhos e me concentrei no que devia fazer. Aquele era o meu primeiro videoclipe. Meu rosto estaria nas TVs, na internet e nos celulares do mundo todo. *Você consegue, garota. Faça pela Maria, pelos dançarinos, pelo Anton... Quer saber? Para o inferno com tudo isso; vou fazer essa merda por mim!*

A música começou, as luzes se apagaram e eu balancei os quadris e os ombros de um lado para o outro. Muito Jessica Rabbit. Quando a nota certa tocou, desfilei pelo espaço. Antes que eu pudesse dar mais que cinco passos, mãos masculinas tocaram meus quadris.

A base da música soou mais forte, eu fechei os olhos e me deixei levar, arqueando as costas e permitindo que Anton se esfregasse no meu traseiro quando coloquei a mão na nuca. O aroma de coco flutuou ao meu redor. Quadris requebraram, mãos agarraram e Anton me girou, fazendo, em seguida, um movimento de corpo que passou por minhas coxas, pélvis e barriga, onde ele arqueou para trás. Eu o imitei, forçando o corpo para a frente. Ele caiu de costas no chão, como se tivesse sido derrubado por mim. Foi o mesmo movimento que os dançarinos fizeram. Em segundos ele estava de joelhos, remexendo os quadris para cima, numa demonstração vívida de sua masculinidade.

"Monte em mim, baby, monte"... *impulso.*

"Comigo, vou a noite toda..."

"Me deixe te fazer bem"... *impulso.*

"E monte em mim, baby, monte..."

A música combinava perfeitamente com nossos movimentos. Perto do fim da canção, Anton fez alguns saltos de frente para o espelho do estúdio, como se fosse um ninja urbano, aterrissando no chão. Ele me puxou pela cintura, me apoiou no joelho e me fez cair contra si. Minhas costas arquearam quase dolorosamente sobre ele, que deu um beijo forte e estalado na minha boca.

E foi quando aquilo aconteceu... de novo.

Dou um soco em sua boca, cortando seu lábio, antes que ele segure meus braços com uma mão e apalpe meu corpo com a outra. Gotas rubras descem por seu queixo, seus dentes em um tom de vermelho nauseante. Ele me esmaga contra a parede com tanta violência que posso sentir a pele das costas raspando e sendo machucada. Ele pressiona a virilha com força, se esfregando em mim, sua ereção como um cano de ferro tentando me invadir.

Começo a gritar, mas ele cola a boca na minha, e a única coisa que escapa é um som distorcido. Estou tentando berrar com todas as forças quando ouço o ruído de sua calça sendo aberta e do zíper descendo, como se fosse em câmera lenta. Aaron se vinga mordendo meu lábio e batendo minha cabeça no concreto. Vejo estrelas, e as coisas ficam confusas. Ele puxa a barra do meu vestido para cima, até a cintura. O ar frio atinge minha pele nua. Mais turbilhões de luz aparecem em minha visão. Pisco várias vezes, tentando permanecer consciente. Aaron desce os dedos pela minha barriga, atingindo o alvo, segurando meu sexo com brutalidade, pressionando a pele macia. Ouço meus próprios lamentos conforme a bile sobe pela minha garganta, queimando e me fazendo engasgar e quase vomitar.

— Vou te foder com força, te comer como a puta que você é. Seu lixo de merda — ele ruge, saliva voando em meu rosto. Este é o homem que me tocou enquanto eu dormia e não sentiu remorso. Aaron Shipley, senador da Califórnia, está prestes a me estuprar. Aqui, num lugar público, com uma festa enorme acontecendo a não mais que sessenta metros.

Sinto seu membro contra minhas pernas, se esfregando ao longo da minha coxa.

— Não — sussurro e balanço a cabeça, apenas para receber um sorriso nojento em resposta. Ele coloca a mão sobre a minha boca para abafar o som enquanto eu grito. Eu o mordo, o gosto de sal e de sangue invadindo minha boca. Ele me xinga e bate minha

cabeça na parede de novo. Desta vez eu caio contra a superfície, meu corpo quase um peso morto, e, conforme a escuridão me domina, sei que ele vai me estuprar.

— Tire as malditas mãos de cima de mim! — gritei, alto o suficiente para que todos me olhassem.

— Mia! Não, não! *Lo siento. Lo siento.* Desculpe. *Lucita*, volte. Merda! — Anton segurava minha cabeça enquanto eu voltava a mim. Meu estômago revirou e se contraiu. Cambaleando, corri para a lata de lixo mais próxima e botei o almoço para fora. Maria veio na minha direção, segurando meu cabelo e sussurrando coisas suaves no meu ouvido.

Quando terminei, uma toalha e uma garrafa de água foram colocadas em minha mão. Bebi o líquido refrescante, mas parecia estar engolindo lâminas de barbear, até que toda a bile se foi.

Os olhos de Maria estavam duros, escuros e frios. Ela pegou minha mão e me levou para uma salinha do lado de fora do estúdio de dança.

— Quem está te machucando? Eu conheço algumas pessoas. Pessoas muito ricas que não vão aceitar que um maldito qualquer machuque uma mulher bacana.

— Maria, não. Não é o que parece.

Suas mãos foram para os quadris e ela inclinou a cabeça para o lado. Mechas negras escaparam do rabo de cavalo.

— Sério? Porque me parece que alguém te machucou tanto que você está tendo flashbacks. Sem mencionar o fato de você congelar toda vez que um dos dançarinos ou o Anton encosta em você. Então me diga: não é verdade? Estou imaginando essa merda? Eu sei exatamente como uma mulher que foi agredida se comporta, *hermosa*, porque eu fui uma delas. Por muitos anos. Não vou permitir que esse tipo de merda aconteça com outras mulheres, muito menos quando ela é minha amiga. Nem o Anton aceitaria isso.

Afastando o cabelo, respirei fundo e olhei para ela.

— O Anton sabe. Não há nada que qualquer um de vocês possa fazer a respeito. Já foi resolvido — menti. Tecnicamente havia sido, então não era uma mentira completa. A forma como eu estava lidando com o resultado daquilo, por outro lado, não havia sido resolvida.

— Eu preciso saber mais, Mia, porque agora o meu sangue esquentou. *Muy caliente*, e no mau sentido. Eu quero ver sangue. Então me conta. Mesmo que doa, mesmo que você chore, que queira bater em alguém. Você tem que pôr pra fora...

não pode guardar isso. Acredite em mim, eu já passei por essa situação e saí mais forte e mais esperta. — Sua declaração foi quase um discurso. Não, uma bênção. Algo em que ela acreditava cem por cento. Algo particular, uma parte de sua alma, e ela era forte o suficiente para compartilhar comigo.

— O filho do meu último cliente me atacou. Me bateu e quase me estuprou. Fiquei no hospital por alguns dias. — Os olhos dela se arregalaram e brilharam, como se mil incêndios fossem provocados em uma floresta de árvores secas. — Estou tentando superar, mas é difícil ser tocada. É estranho. Eu não entendo.

Maria se aproximou de mim e se sentou sobre a mesa no centro da sala, onde eu estava apoiada.

— Não é estranho. Sua confiança no sexo oposto foi quebrada, e pode ser difícil recuperar. O Anton sabe? — Assenti. — Então ele não deveria ter te abraçado e te beijado daquele jeito.

Deixei escapar um suspiro frustrado.

— O Anton e eu estamos trabalhando nisso. Tenho lidado bem com a dança, mesmo quando ele me segura, mas, no momento em que ele me inclinou e me beijou daquele jeito, eu... eu voltei ao passado. Para aquela noite.

Ela concordou e passou o braço ao meu redor.

— Para começo de história, o Anton não devia ter feito o que fez. — Tentei interrompê-la, mas ela levantou a mão. — Não. Ele sabia do seu problema e te agarrou de uma maneira que te deixou em uma posição sexualmente vulnerável. Isso não foi inteligente. Vou conversar com ele sobre essa improvisação. Aquela ceninha não fazia parte da coreografia. Na verdade, aquele *cabrón* não vai conquistar a sedutora. A questão toda é que ela é inacessível! — Sua indignação era grande. As sobrancelhas pretas perfeitamente esculpidas se estreitaram, e a boca bonita fez um bico.

— Ele deve ter se empolgado na hora — justifiquei, com um pequeno sorriso.

Ela apertou os olhos.

— Sim, sim. Vou cuidar da mão boba dele. — Mais uma vez, ela apertou meu ombro. — Você vai ficar bem, mas vai levar um tempo. Você devia buscar um profissional para falar sobre isso. E precisa permitir que eu, o Anton e outras pessoas que se importam te ajudem.

Aquilo me fez pensar em Ginelle. Eu precisava falar com ela sobre o assunto. Realmente conversar com ela, não varrer a história para debaixo do tapete e fingir que não era nada. Eu precisava desabafar e encarar o que tinha acontecido. Ela ficaria com raiva. Mais do que com raiva. Ficaria a ponto de cometer homicídio,

mas me ouviria, me deixaria falar e me ajudaria a superar. Era isso o que eu faria. Mais tarde ligaria para ela e colocaria tudo para fora.

— A gente já ensaiou bastante a cena. Você está de folga amanhã. Por que não vai para o seu apartamento? Quer sair para jantar hoje à noite?

Balancei a cabeça.

— Desculpe, Maria. Estou exausta. Eu só quero tomar um banho, fazer um sanduíche de pasta de amendoim com geleia e vegetar em frente à TV antes de desmaiar na cama. Você tem ideia do trabalho que está nos dando? E olha que eu não tenho uma participação tão intensa quanto o resto do pessoal!

Seus olhos brilhavam, a raiva de antes diminuindo, trazendo de volta o azul-prateado normal. Juro que era possível olhar para aqueles olhos por dias sem cansar.

— O trabalho duro vai te fazer bem. Vai te fazer apreciar ainda mais o produto final.

Nós nos levantamos e ela me levou de volta para o estúdio.

Anton andava de um lado para o outro, quase fazendo um buraco no chão.

— *Lucita!* — Seus ombros caíram. — Eu me empolguei. *Lo siento*. Por favor, me perdoe. — Ele estava desolado, como se tivesse feito algo terrivelmente errado. Não tinha. Claro, talvez ele tivesse perdido a noção por um momento, mas sua resposta ao clima da sala e à forma como a coreografia estava sendo feita foi perfeitamente natural. Se eu não estivesse tão perturbada, teria me divertido.

— Anton, sério. Está tudo bem. — Fui até ele e abri os braços. Ele caminhou em minha direção e ficou ali, me deixando abraçá-lo. Quando suas mãos não estavam me agarrando, era fácil ficar perto dele. Confortável. — Pode me abraçar.

Ele levantou os braços e me puxou para seu peito. O medo e a ansiedade começaram a aparecer, mas eu os afastei. Anton era um bom homem, com um coração enorme. Ele cometeu um erro — que nem teria sido um erro se eu não tivesse sido vítima de agressão.

— Desculpe, Mia. Não vai acontecer de novo — ele sussurrou em meu ouvido e me soltou.

Maria bateu palmas para chamar a atenção de todos.

— Terminamos por hoje, pessoal. Podem ir. Amanhã vamos ter o dia de folga e, quando vocês voltarem, vamos ensaiar direto por dois dias para aperfeiçoar a coreografia. E depois vamos gravar! — Os dez dançarinos gritaram e comemoraram, batendo nas mãos uns dos outros e se abraçando.

— Tem certeza que vai ficar bem? — Anton me perguntou quando Heather entrou na sala. Ela notou nossa posição e franziu a testa. Tentei sorrir para ela

enquanto se aproximava.

Ela parou a alguns metros de nós, cruzou os braços e apertou os lábios.

— Você queria falar comigo?

Anton se irritou.

— Que recepção fria — murmurou e eu ri, abracei-o mais uma vez e me afastei.

— Vai sair para comer? — Heather me perguntou.

— Não, vou comer em casa. Preciso descansar e tomar um banho quente para *aliviar a dor nos músculos*! — falei alto o suficiente para Maria ouvir. Ela empinou os seios e inclinou a cabeça, rindo, obviamente orgulhosa de si. A mulher era incrível. Desde o corpo até a habilidade com a dança e a beleza. Eu me perguntei se ela tinha alguém. Alec balançaria o mundo dela. Como balançou o meu, muitas vezes.

Mas agora nada mais de Alec.

Suspirei, fui até Heather, abracei-a e sussurrei:

— Pegue leve com ele. O Anton pode ser meio sem noção, mas te ama como uma irmã. Dê a ele o benefício da dúvida, tá? — Eu me afastei e a segurei. Seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas não derramadas, e ela assentiu. — Certo, agora arrasa, tigresa — falei e bati em seu traseiro com força antes de sair.

— Ai! Sua vaca! — Heather gritou, embora o entusiasmo em seu tom provasse que ela não estava com raiva.

Coloquei a mão nas costas e mostrei a ela o dedo do meio.

— Aqui pra você!

Atrás de mim, pude ouvi-la dizer a Anton:

— Você pode acreditar nela?

Anton riu, e então um grunhido abafado encheu meus ouvidos. Eu me virei para vê-lo apertando Heather.

— Não me deixe, H. Eu preciso de você.

— Você não precisa de mim.

— Claro que preciso! Você cuida de mim.

Esperei para ver como ela responderia.

— É... Sabe de uma coisa? Eu cuido mesmo. Está na hora de você perceber isso e fazer algo a respeito, senão eu vou embora.

— Se você for, eu corro atrás de você. Nenhuma outra banda vai ficar com a minha empresária — ele gritou.

— *Empresária?* — A palavra saiu quebrada e rouca, quase como se machucasse dizê-la.

— Isso mesmo. As pessoas querem que eu toque nas casas de shows? Que falem

com a minha empresária. Querem que eu divulgue produtos? Falem com a minha empresária. Querem que eu participe de premiações? Falem com a minha empresária. Que é você, *chica*. De agora em diante, Heather Renee é a empresária do Latin Lov-ah.

Ela começou a andar de um lado para o outro.

— Então isso significa que eu consegui um aumento?

Ele assentiu.

— Bem grande, H. Que tal quinze por cento sobre cada trabalho?

Maria assobiou.

— Sério?

— Você me consegue trabalho e ganha por isso. Eu pesquisei, H. É mais que justo. Além disso, suas despesas ficam por conta da empresa quando viajarmos. O seu nome vai aparecer nos álbuns e tudo o mais. Então — ele estendeu a mão —, temos um acordo ou não?

Os olhos de Heather estavam arregalados. Sua boca abria e fechava, como se ela não pudesse recuperar o fôlego.

— Mas... mas... isso é demais.

Foi uma declaração retórica, mas Anton respondeu de qualquer maneira.

— Não. É o necessário para reconhecer o seu talento e manter você comigo. Agora, você vai apertar minha mão ou vai me manter em suspense?

Heather estendeu a mão, que tremia enquanto apertava a de Anton. Sem hesitar, ele a puxou para seus braços no que eu sabia ser um abraço esmagador.

— Nunca duvide do meu amor por você, H. Você é a mulher mais talentosa que eu conheço. É você que me mantém na linha. Ter a minha irmã, a minha *hermana*, a minha *mejor amiga* garantindo que eu estou sendo cuidado e conseguindo os melhores contratos era o meu sonho. Me desculpe por não ter feito isso antes.

Ela fungou em seu pescoço, com lágrimas escorrendo no rosto. Eu me abracei, incapaz de lhes dar privacidade. Era lindo demais testemunhar aquilo.

— H, vamos ter que contratar uma nova assistente. Você vai estar ocupada demais para lidar com as necessidades do dia a dia. Ahhh, contrate uma latina sexy. — Seus olhos brilharam e um sorriso sensual surgiu em seus lábios.

Ela balançou a cabeça.

— Pode esquecer. Você estaria na cama com ela em cinco segundos. Vou contratar um gay! Ponto-final. Nada que distraia nenhum de nós.

Anton deu de ombros.

— Desmancha-prazeres. — Ele a girou e a colocou de pé. — Agora, pode ligar

para esse bastardo que está tentando te roubar de mim e dizer que está fora do mercado, que foi promovida e que é para ele ficar bem longe. Se eu vir esse *hijo de puta* pegajoso, não vou ser gentil. Ele tentou roubar a minha garota.

Heather riu.

— Na verdade ele é bem legal. — A cabeça de Anton se virou rapidamente e ele a encarou, mostrando os dentes. — Está bem, está bem! Ainda hoje vou avisar que não estou interessada.

Seus olhos se suavizaram e ele sorriu.

Naquele momento, saí do estúdio de dança na ponta dos pés e fui para a minha casa longe de casa. As coisas já estavam bem novamente. Bom, pelo menos no mundo de Anton e Heather. Ainda faltava definir como ficariam entre mim e Weston. O dia seguinte iria dizer.

7



Observando-me no espelho, imaginei o que aquela roupa faria. A parte superior do vestido preto era uma regata canelada, e a parte de baixo, fluida e soltinha, terminando cerca de um palmo acima do joelho. Era bonito. Eu me examinei de costas e de frente mais uma vez. Me senti sexy, jovem, moderna, mas ainda eu mesma. A Mia casual. Em vez de calçar sandálias altíssimas para combinar, fiquei descalça. Wes estaria aqui em breve, e eu não fazia ideia de quais eram seus planos. Nós iríamos conversar? Ou sair? Será que seria estranho? Afinal, seria a primeira vez que nos veríamos desde a nossa transa em março.

Nossa transa. Eu me encolhi. Soou "vadia casual" demais para o meu gosto. Além disso, Wes tiraria o meu couro se me ouvisse me chamar de vadia. Provavelmente ele considerava a brincadeira de março uma extensão da nossa amizade colorida a longo prazo. Isso me fez lembrar de um momento logo depois que nos conhecemos.

— A que estamos brindando? — perguntei.

— Que tal à nossa amizade? — Ele sorriu e colocou a mão quente sobre a minha coxa, com muito mais intimidade do que um "amigo" faria. A sensação era gostosa. — À nossa boa amizade. — Seus olhos desceram para minha boca quando mordi o lábio.

— Amizade colorida? — perguntei, arqueando uma sobrancelha para causar mais efeito e cruzando as pernas. Sua mão subiu mais alguns centímetros, até tocar a pele nua da minha coxa. Seu olhar estava focado no meu, me fazendo sentir quente, positivamente quente.

— Eu espero que sim — ele sussurrou e se aproximou mais.

Sim, aquilo foi o começo de algo que eu não fazia ideia do que se tornaria. Mais amizade, mais diversão, mais vida e, acima de tudo, mais amor. A campainha tocou, muito alta.

Respirando fundo, endireitei os ombros, segurei a maçaneta e abri a porta. Ali estava ele, como os raios de sol da Califórnia brilhando sobre o oceano Pacífico. Perfeição surreal.

— Wes... — foi tudo o que consegui dizer antes que ele tocasse minha barriga, me empurrando para longe da porta. Ele deixou a mala cair no chão, chutou a porta para fechá-la e me puxou para seus braços. Sua boca estava na minha num piscar de olhos. Sua língua com sabor de menta mergulhou enquanto eu ofegava. Línguas se tocaram, recordando. Mãos tatearam, voltando a se familiarizar.

Em questão de segundos, eu estava pressionada contra a porta, as pernas em volta da cintura dele, suas mãos segurando minha bunda, e as minhas agarrando seu cabelo. Eu o abracei apertado, invadindo sua boca como alguém que não toma um gole de água há dias. Ele tinha gosto de menta com um toque de álcool. Mojito. Sorri e mordisquei seus lábios. Ele gemeu e pressionou sua ereção, coberta pelo jeans, diretamente em meu feixe de nervos sensível. Gemendo, afastei a boca da dele. Enquanto eu recuperava o fôlego, seus lábios estavam no meu pescoço, chupando, mordendo, provando.

— Eu não enjoo do seu gosto. Caramba, eu preciso estar dentro... — Seu rosnado foi abafado quando ele chupou meus seios, que escapavam pelo decote. Ele conseguiu empurrar a parte de cima do vestido o suficiente para ter acesso a eles.

— Preciso de você também. — Levantei a cabeça e tomei sua boca de novo.

Ouvi vagamente minha calcinha sendo rasgada nas laterais e senti um aperto de dor quando ele a puxou do meu corpo, com pressa para me deixar nua. Então ele me pressionou com mais força contra a porta. Gemi, sentindo seus dedos tocarem minha umidade enquanto ele abria o cinto e o zíper.

— Eu vou possuir você. Com força. Te fazer minha de novo. — Ele mordeu meu lábio enquanto uma mão segurava minha bunda e a outra se esgueirava pelas minhas costas até agarrar meu ombro. — Porra, Mia — ele rugiu quando seu pau encontrou minha fenda.

— Ah, ah, nossa... — Minha mente girou, cheia de prazer. Tensionei em todos os lugares, me movendo como um trem em alta velocidade de encontro a minha libertação. Muito rápido. Com Wes, isso era sempre certo.

A cada vez que ele se aproximava e me penetrava fundo, eu me estilhaçava. Meu corpo estalava com tanto desejo que eu ia perder o controle a qualquer segundo.

— Vou gozar... — avisei.

Wes lambeu meu pescoço.

— Já? — rosnou entredentes e respirou rápido. — Puta merda, a sua boceta sentiu a minha falta. Caramba, linda. Você está toda apertada em volta do meu pau. Tão. Apertada. E. Toda. Minha.

Aquela declaração e mais seus movimentos metendo em mim, acompanhados de sua pélvis pressionando meu clitóris, foram o suficiente. Contraindo-me, gemendo e contorcendo os dedos, eu me agarrei a Wes conforme ele entrava em mim mais e mais, encontrando seu próprio paraíso com um rugido poderoso. Seu corpo afundou em mim enquanto eu estimulava sua liberação. Sua respiração saiu em golpes potentes contra o meu pescoço, e eu senti a porta arranhando dolorosamente minhas costas.

Momentos mais tarde, quando nossa respiração estava mais relaxada, afastei sua cabeça do meu pescoço, até que seus olhos procuraram os meus. Ele sorriu, preguiçoso.

— Ei, lindo. Senti saudade. — Notei o timbre tímido em minha voz.

Ele riu e esfregou a testa na minha.

— Eu percebi. Obviamente não tanto quanto eu, já que eu te ataquei assim que te vi.

Sorri e o beijei, colocando nesse beijo toda a minha felicidade, meu contentamento e arrependimento pelo tempo que passamos longe um do outro.

— Se você percebeu, eu não me importei nem um pouco. — Apertei seu membro semiereto dentro de mim. — Eu estava de total acordo. — Dei uma piscadela e desenrolei as pernas de sua cintura, gemendo quando nos desconectamos. — Quer uma bebida? Um cochilo? Mais uma rodada?

Ele riu e o som reverberou como um tambor dentro do meu peito. Eu adorava ouvi-lo rir.

— Talvez não nessa ordem, mas estou pensando em chuveiro, comida, mais uma rodada e depois uma soneca. — Ele balançou as sobrancelhas.

Ajeitei a saia do vestido.

— Agora que você falou, estou com muita fome. — Principalmente porque eu não havia comido nada, já que estava ansiosa demais para revê-lo. — Que tal eu pedir alguma coisa enquanto você toma banho?

Ele franziu a testa.

— Eu queria tomar banho com você, linda.

— Desse jeito nós nunca vamos chegar na parte alimentar do seu plano. —

Empinei o queixo e coloquei a mão no quadril. Ele observou minha postura e sorriu.

— O chuveiro é por ali? — apontou para os fundos do apartamento.

— Sim. Vou pedir comida. Vá tirar a poeira da viagem e, hum, você sabe. — Apontei para a metade de baixo do seu corpo.

— Meu pau? Você quer que o meu pau fique limpo, linda? — Ele sorriu, e a forma espirituosa e sexy daqueles lábios atingiu diretamente meu sexo, que começou a pulsar e depois assumiu uma batida cadenciada.

Eu me contorci, apertando as pernas, e bufei, tentando fingir que aquela discussão não me afetava.

— Ei, se você quer ficar com o pau sujo, o problema é seu. Com certeza eu não vou colocar a boca nele depois de uma viagem de seis horas e uma transa suada encostados na porta. Vá tomar banho. Vou cuidar da comida, depois nós podemos tirar o atraso.

Wes se virou e foi em direção ao banheiro.

— Contanto que a parte de "tirar o atraso" signifique passar um bom tempo entre as suas coxas com isso — ele segurou o membro em uma exibição vulgar que me fez rir —, isso — mexeu os dedos — e isso — indicou a boca —, a minha vida vai estar completa.

Revirei os olhos e balancei a cabeça, ignorando-o para que ele fosse se limpar, mesmo sabendo que aquilo me afetou da forma como ele pretendia. Foi quando comecei a sentir nossos fluidos escorrendo pela parte interna das coxas. Merda. Ele tinha rasgado a minha calcinha. Não havia barreira nenhuma ali. Eu precisava de uma toalha e, depois, talvez o acompanhasse no chuveiro.

Depois de nos empanturrarmos de sushi e rolinho primavera, Wes e eu nos aconchegamos no sofá. Sua mão acariciava metodicamente meu cabelo. Deixei que secasse naturalmente enquanto nós comíamos e conversávamos. Agora, estávamos contentes só em aproveitar a companhia um do outro. Eu não conseguia lembrar de uma época em que estar com um homem por quem eu tinha sentimentos fosse tão simples. Sem exigências sobre tempo, sem estresse e sem drama. Só ficar juntos. Era gostoso. Mais que gostoso — era exatamente o que eu queria: criar raízes e deixá-las se tornarem algo ainda melhor, mais duradouro.

Sem dizer nada, Wes se levantou e pegou minha mão. Eu o segui porque... bem, provavelmente o seguiria para qualquer lugar agora. O céu, do lado de fora das janelas, havia mudado para um tom de rosa, laranja e azul quando o sol começou a se pôr.

Wes me virou de frente para a janela. Estávamos em um arranha-céu com vista para o oceano. O mar sempre me fazia lembrar do tempo que passamos juntos em Malibu. Ele deslizou as mãos ao redor da minha cintura e se inclinou.

— Amanhã de manhã nós vamos surfar. — Sorri e me inclinei contra suas costas.

— Eu adoraria.

Ele murmurou em meu pescoço e colocou os dedos sob as alças do vestido. Depois do banho, eu havia colocado o vestido novamente, mas sem sutiã. Ei, uma garota pode ter esperança. Ele empurrou o tecido para baixo até cair em uma poça a meus pés. Saí dele e o chutei para o lado. As mãos de Wes foram para minha cintura e deslizaram lentamente pelas minhas costelas. Arrepios eriçaram minha pele. Suas mãos grandes subiram para meus seios, que ele segurou com reverência. Ofegante, fechei os olhos e apertei suas mãos.

— Senti falta deles. São os peitos mais bonitos que eu já vi. — Ele deu pequenos beijos ao longo do meu ombro. — Os mais bonitos que eu já toquei. — Ele os apertou, estabelecendo um ritmo que me fez começar a empurrar o quadril para trás, como se estivesse no piloto automático. — Muito sensíveis ao toque — ele murmurou contra minha nuca.

— Só ao seu toque — sussurrei, esfregando a cabeça em seu peitoral.

— É mesmo? — ele murmurou novamente.

Concentrei-me no toque de seus dedos, suave como uma pluma, em uma delicada massagem nos meus seios e ao redor dos mamilos. O calor se espalhou, uma sensação lenta e fervilhante que começava na ponta dos mamilos, passando pelo peito para se aninhar com força no centro das minhas pernas. Ele voltou a falar, me surpreendendo ao me lembrar de uma das melhores noites da minha vida.

— Regra número um — começou, e eu abri um largo sorriso, incapaz de conter a pura felicidade daquilo que eu esperava que ele estivesse prestes a fazer. — Vamos fazer uma quantidade insana de sexo durante os próximos três dias.

Três dias? Ele apertou meus mamilos com força, me fazendo parar de raciocinar. Gritei, me lembrando daquele sentimento, eufórica por estar em seus braços assim, depois de tanto tempo. Qualquer medo ou ansiedade foi completamente destruído por esse homem. O toque do único homem de quem eu precisava, por quem eu

ansiava e que eu queria mais que qualquer outro. O espaço entre minhas pernas se suavizou e apertou. Eu precisava dele ali, bem ali. Me conduzindo ao êxtase.

— Eu lembro dessa regra — falei, sem fôlego, me reclinando mais em sua direção, esfregando a bunda em sua grossa ereção. Ah, doce mãe de todas as coisas boas, como eu senti falta daquele comprimento de aço. Mesmo que já tivéssemos transado mais cedo, tínhamos um bom tempo para compensar.

Wes riu e reagiu, apertando meus mamilos do jeito certo. Faíscas de prazer percorreram meus seios, numa ligação direta com o clitóris, que doía e pulsava para ser tocado.

— Regra número dois — ele continuou. — Nós vamos ser monogâmicos.

Desta vez eu ri, só que ele retaliou, passando as unhas ao longo dos picos muito sensibilizados. Gemi e cambaleei em seus braços.

— Eu lembro dessa também — falei. — Só que da primeira vez durou um mês. Quanto tempo agora? — Meu coração se apertou. Eu não tinha certeza se ele estava sentindo a mesma tensão e expectativa que eu. Ele não sabia que as coisas tinham mudado para mim, que minha opinião prévia sobre nós dois tinha voado pela janela.

Wes beliscou meus mamilos, alongando-os de tal forma que o prazer e a dor se uniram em uma sinfonia de calor e necessidade.

— Indefinidamente. — Sua voz estava rouca, um resmungo áspero contra minha coluna. Seus dentes se arrastaram em meu ombro, até que ele os afundou exatamente no mesmo ponto que Aaron. Eu esperava ser levada de volta até lá. Em vez disso, meu corpo estremeceu sob suas mãos capazes, destruindo qualquer pensamento, exceto o meu desejo por ele. Meu Wes.

— Isso significa que você cortou os laços com a sua outra amiga? — Fechei os olhos à espera, prendendo a respiração, com muito medo para ter esperança de ouvir o que eu queria. No passado, nunca consegui o que queria de um homem por quem me apaixonei. Nunca. Parecia ser parte do meu código genético. Eu tinha o gene "sacaneie-a-Mia" fincado no coração. Com Wes, eu queria tanto que ele afastasse o medo do desconhecido, o que me permitiria confiar em um homem novamente. Confiar *nele*. Destravar meu coração, abri-lo e deixar Wes entrar.

— Eu terminei aquela amizade quando transei com você por telefone.

Tinha se passado um mês inteiro desde que transamos por mensagem. Puta merda, ele estava falando sério. Arrepios correram ao longo da minha coluna enquanto eu ansiava que ele me preenchesse.

— Regra número três: nós *sempre* vamos dormir na mesma cama. Não queremos

confundir isto com algo que não é.

Rebolei contra seu membro até que ele gemeu, colocando uma mão em meu quadril e se esfregando no meu traseiro.

— Ãhã. E... hum... o que é desta vez? — Ficou difícil terminar a conversa, pois ele foi ficando mais duro que uma tora atrás de mim. Minha calcinha estava encharcada com o desejo que ele tinha construído.

Ele se afastou um pouco e eu quis chorar. Tentei protestar, mas ele me segurou rápido, inclinando minha cabeça para o lado e se aconchegando na curva do meu pescoço. Foi quando fez o meu mundo entrar em erupção.

— Linda. Você e eu... é o paraíso. De agora em diante, não importa aonde você vá, o que precise fazer pelo resto do ano, este paraíso vai estar esperando por você de braços abertos.

Paraíso. Wes não mentiu. Nosso tempo juntos, o mês que tivemos, o reencontro em Chicago, todos os telefonemas, mensagens e tudo o mais, eram parte do pacote. Um lugar aonde eu poderia ir e ser eu mesma, viver a vida, ser feliz

— E a regra número quatro? — As palavras saíram reverentes e sem fôlego. Era isso, a pergunta final. Mais de seis meses antes, nós estávamos de pé, desse mesmo jeito, e ele tinha definido as regras. A número quatro era "nunca se apaixonar". Meu coração estava na garganta. Arqueei como um gato. Suas mãos apertaram e acariciaram meus seios com uma adoração que eu não tinha há muito tempo. Ainda assim, ele não respondeu. Preocupação, pânico e desejo se acumularam dentro da minha alma e eu me virei, abraçando-o pelo pescoço, meus dedos puxando seu cabelo e seu rosto na direção do meu. Seus olhos eram tão verdes... ofeguei com a beleza e a graça de Weston Channing.

Um sorriso adorável surgiu em sua expressão, e eu o abracei forte.

— Foda-se a regra número quatro. Eu quebrei essa regra seis meses atrás, quando me apaixonei por você.

Lágrimas encheram tanto meus olhos que eles ficaram embaçados. Engoli instintivamente o nó na garganta.

— Wes, eu...

— Eu sei, linda. Alguma coisa mudou em você. Desde a minha visita, em março, os nossos telefonemas, mensagens, a merda com a Gi...

Coloquei um dedo sobre os lábios carnudos que eu queria devorar e marcar com mordidas e beijos escaldantes. A última coisa que eu queria ouvir daquela boca gostosa era o nome dela, logo agora que eu estava prestes a confessar o meu amor por ele.

— Agora não. Agora somos só você e eu. — Minha voz tremeu. Ele assentiu.

— Me diz o que eu quero ouvir, Mia. O que eu *preciso* ouvir. Eu *mereço*. — Sua voz não exigia nada além de honestidade.

Querer. Precisar. Merecer.

E ele merecia. Todas aquelas coisas eram verdadeiras. Finalmente, após seis meses de fuga, tentando negar, querendo negar, deixei tudo fluir. Pela primeira vez na vida eu sentia que tinha algo meu. Uma coisa boa, doce e toda minha.

Meu paraíso.

Olhando em seus olhos verdes sem fim, correndo os dedos através das camadas do cabelo loiro-escuro bagunçado e acariciando com os lábios sua mandíbula com a barba por fazer, me inclinei perto o suficiente para que ele ouvisse o meu sussurro:

— Eu te amo, Wes.

Seus braços se apertaram dolorosamente ao redor do meu corpo quase nu enquanto eu dizia aquelas palavras. Eu podia sentir a tensão o deixando em poderosas rajadas de energia.

— Não vou deixar você fugir desta vez. — Suas palavras saíram duras, embora eu soubesse que a aspereza era impulsionada pelo intenso sentimento que havia ali.

— Eu te amo. — Beijei sua bochecha e os braços afrouxaram um pouco. — Eu te amo. — Beijei sua testa e ele suspirou. — Eu te amo. — Beijei seus lábios e ele os abriu.

Em poucos segundos, minhas costas colidiram com a cama e seu corpo pairou sobre o meu.

— Você me ama? — Ele precisava que eu admitisse aquilo olho no olho, de coração para coração.

— Amo.

Seu rosto inteiro irrompeu em um sorriso lindo, de fazer a terra tremer.

— Vou te amar com tanta força, linda. Depois desta noite, baby, você vai ter dificuldade para andar.

Sorri e gritei quando ele arrancou minha calcinha e pegou num mamilo. Quando conseguiu me fazer me contorcer e ficar ofegante, quase gozando apenas com suas carícias no seio, ele beijou meu corpo todo.

— Abra bem as pernas, baby. Eu vou provar o paraíso.

Obedeci, afastando as coxas e revelando tudo para ele: meu amor, meu corpo... provando, naquele momento, que eu era toda sua e queria ser tomada.

Seus olhos brilhavam, e ele passou os dedos pelo meu sexo.

— Tão molhadinha. Eu amo o jeito como você reage a mim. Como o seu corpo

reage, tornando mais fácil para mim tomá-lo. Mas antes eu preciso saborear o seu mel. Como eu sonhei em colocar a boca em você e chupar até te deixar seca... e depois começar tudo de novo. Segure nos lençóis, linda, porque eu estou com sede.

— Seu safado — falei, antes de ele separar mais minhas pernas, abrindo os lábios do meu sexo com os polegares e colocando a boca em mim. Ele emitiu um som que era a mistura de um gemido e um grunhido, então sua língua afundou ali. Muito profundamente. Gemi, agarrando os lençóis, e o deixei me levar. Acho que demorou dois segundos e meio para eu gozar em seu rosto. Ele fez ruídos carnais, como se estivesse em um banquete. Depois se sentou, lambeu os lábios e limpou a boca com o antebraço. Colocou o pau em minha entrada e me penetrou, indo até o fim.

Estremeci. Meu corpo estava tenso feito um tambor por causa do primeiro orgasmo, e já a caminho do próximo.

— Caramba, Wes, você vai ser o meu fim — falei, sem fôlego, perdendo a capacidade cognitiva enquanto ele metia com força. Envolvi as pernas em seu quadril.

— Linda, eu quero ser o seu fim, o seu começo e tudo o que houver no meio. Agora cala a boca. Estou fazendo amor com a minha mulher.

A parte de "fazer amor" amoleceu meu coração. Depois disso, Wes passou a noite fazendo amor com a sua mulher... várias vezes. Embora eu o tenha convencido, no meio dela, de que a sua mulher precisava de uma boa trepada. Ele prontamente me colocou de quatro, bateu na minha bunda e me comeu até que eu estivesse gritando em êxtase.

8



As ondas quebravam contra a prancha, a água batia no meu rosto, e eu não poderia estar mais feliz. Wes e seus músculos tonificados remaram para longe como uma máquina, com a intenção de pegar a onda. Em uma fração de segundo, ele estava de pé, cortando a água. Segui seu exemplo e, pasme, peguei minha própria onda, só que muito menor. Ainda assim, me senti incrível. Juntos, nós dois surfamos em direção à praia.

Enfiei a prancha na areia enquanto Wes vinha surfando até a beira da água. Ele colocou a prancha embaixo do braço musculoso e veio em minha direção. Sua mão deslizou em minha nuca e seus lábios cobriram os meus. Línguas e dentes rangeram enquanto o beijo se tornava mais indecente. A mão que não estava em mim soltou a prancha na areia e segurou meu traseiro coberto de neoprene, apertando num ritmo constante. Com um grunhido, ele se afastou e sacudiu o cabelo, fazendo gotas salgadas voarem. A água pingava daquele peito musculoso enquanto ele abria o zíper e deixava a parte de cima da roupa de borracha cair em volta do corpo bronzeado. Eu queria pular em cima dele enquanto observava como era gostoso. *Meu Wes*, lembrei.

— Alguém parece gostar do que está vendo. Continue assim, linda, e o seu traseiro vai bater na areia e o meu pau vai afundar em você.

Emoções, calafrios e sinos ressoaram ao meu redor quando respondi à promessa inebriante, nem um pouco alarmada com o plano. Mais que isso: eu estava pronta para dar os próximos passos e conferir se aquele aviso se concretizaria.

Wes sorriu como um menino quando ganha uma garota. Definitivamente ele havia ganhado essa garota aqui.

— Você está de folga hoje, né?

Assenti.

— Sim, eu disse ao Anton que precisava de mais um dia, mas amanhã tenho que ensaiar. Vamos gravar o clipe no dia seguinte.

Wes passou um braço em volta dos meus ombros.

— Então você é toda minha. — Em vez de admitir quanto aquilo era verdade, que eu realmente era dele, apenas sorri, muito feliz por estar acomodada na curva do seu braço enquanto caminhávamos pela areia.

— Vamos voltar para o apartamento? — Nem pensei em bancar a tímida; minha intenção era clara. Estive longe de Wes, aproveitando os prazeres da carne com Tai e Alec depois de deixá-lo, mas não era a mesma coisa. Amor nunca esteve envolvido. Com os outros caras, foi divertido. Significativo, sim, uma parte da minha jornada, com certeza. Com Wes, porém, era... mais.

Ele pegou sua prancha e depois a minha. De fato, o cavalheirismo não estava morto. Voltamos para a tenda na praia e guardamos pranchas e trajes de banho. Vesti o short de brim, a camiseta regata e calcei os tênis Converse. Ele estava de bermuda cargo, mocassim e camiseta, e apertou minha mão quando terminei de prender o cabelo em um coque alto bagunçado.

Wes havia alugado um Jeep aberto, 4 x 4. Ele pôs o carro em movimento, com uma mão na minha coxa nua, como se estivesse me lembrando de que ainda estava lá. Me deu um grande sorriso e se concentrou na Ocean Drive. Decidi que era melhor absorver o sol e o calor de Miami e aproveitar o fato de ser jovem e estar apaixonada. Não era um sentimento novo, mas era a primeira vez em muito tempo que eu tinha alguma fé ou desejo de que aquele sentimento me preenchesse, rugindo em minhas veias e envolvendo meu coração.

Dirigimos até um caminho que levava a uma enorme mansão.

— Onde estamos? — perguntei quando ele saiu do carro, deu a volta e abriu minha porta. Peguei sua mão e desci, erguendo os óculos de sol para observar os jardins exuberantes, assim como a arquitetura histórica do edifício.

— Villa Vizcaya. Fazia tempo que eu queria vir aqui. Fiz umas pesquisas sobre este lugar e acho que pode ser perfeito para um filme em que estou trabalhando.

Ele segurou minha mão e nós entramos. Assim que resolvemos as exigências turísticas com a equipe, tivemos autorização para percorrer a casa e os jardins. Wes me levou por todas as salas. Eu mal pude absorver tudo. As coleções de arte e os quartos eram absurdamente suntuosos, adequados para um rei viver ali. Quem saberia que aquele tipo de lugar existia, além dos domínios dos exorbitantemente ricos e famosos? Então, a ficha caiu. Merda. Wes *era* rico e famoso. Eu não conseguia lembrar se ele era só milionário ou bilionário. Não que isso importasse

para mim. Dinheiro só era bom para proporcionar o necessário para viver e um pouco mais para se divertir. Eu não precisava de uma quantidade colossal para ser feliz. Só o suficiente para pagar a dívida do pops e seguir em frente com a minha vida.

Wes não falou por um longo tempo, e nós observamos a opulência e a história, prestando atenção nos detalhes que os designers haviam colocado em algo tão único. Cada quarto na mansão era especial à sua maneira, estabelecendo o fundamento da vida em família. A propriedade havia sido doada para o condado de Miami quando os donos morreram, e era muito bem cuidada. O espaço rendia dinheiro ao município e era um local onde as pessoas se casavam, filmes eram gravados e a população se deslumbrava com a riqueza extrema dos proprietários anteriores. Havia uma vibração mágica e irreal, como só os lugares de extrema opulência têm. Como um castelo teria, eu imaginava.

— Você me levaria a um castelo? — Eu estava passeando pelo corredor. A coleção de arte do Vizcaya era de valor inestimável. Algumas obras datavam do Renascimento.

Ele ergueu o queixo, fechou os olhos e então os abriu, como se estivesse apagando algo de sua visão.

— Claro. Tem alguns castelos incríveis na Alemanha. Nós podemos planejar uma viagem.

Simples assim. *Nós podemos planejar uma viagem. Para a Alemanha*. Era assim que um por cento da população vivia. O mais longe que eu já tinha ido era o Havaí. Jamais ganhara dinheiro suficiente para pagar passagens internacionais.

— Não é supercaro? — Tentei esconder a ansiedade que senti com o simples "podemos planejar uma viagem".

Ele encolheu os ombros.

— Não para mim. É uma mixaria, linda.

Uma mixaria. Fazer uma viagem para a Alemanha era uma mixaria para alguém com a conta bancária de Wes. Merda. Mais cedo ou mais tarde nós teríamos de conversar sobre sua riqueza ultrajante e a minha falta dela. Suzi, minha moto esportiva, era a coisa mais cara que eu tinha, e nem chegava perto do preço de um Honda Civic usado.

Respirei fundo e apertei sua mão com mais força. E bem ali prometi a mim mesma não permitir que o dinheiro ficasse entre nós. Se ele quisesse gastar com uma viagem à Alemanha, saberia o que podia pagar e o que não podia. Castrar o meu

homem não era absolutamente algo que eu faria, mas eu queria ter uma conversa a respeito quando tudo aquilo acabasse.

Passamos por um conjunto de portas francesas, e esculturas intricadas de gramado e vegetação se estenderam à nossa frente.

— Esta é a antiga propriedade do empresário James Deering, da Deering-McCormick International Harvester — Wes finalmente falou.

Aquilo não significava nada para mim, mas escutei e assenti. Ele obviamente curtia a história do lugar, e, tive de admitir, me senti como se tivesse entrado no livro *O jardim secreto*, o que era uma sensação muito legal.

Wes parou na frente de uma escadaria que levava para um dos muitos jardins.

— A propriedade Vizcaya inclui os jardins renascentistas italianos, um bosque de paisagem nativa, além das dependências das vilas históricas originais em torno do complexo. Magnífico, não é? — ele perguntou enquanto caminhávamos lado a lado.

Os jardins eram definitivamente mágicos, e o condado devia gastar uma fortuna para mantê-los. Tudo era aparado com capricho, em detalhes impecáveis. A maioria eram intrincados desenhos que lembravam labirintos, bem como rendas campestres. Wes apontou para uma área.

— A paisagem e a arquitetura foram influenciadas por modelos renascentistas do Vêneto e da Toscana, e projetadas no estilo revival mediterrâneo, com elementos barrocos. Paul Chalfin foi o diretor de design — ele explicou.

Respirei fundo e senti muitos aromas florais combinados com o de grama recém-cortada.

— É realmente lindo.

De mãos dadas, caminhamos bastante até encontrar uma estranha cachoeira. Havia uma série de degraus dos dois lados, com vasos gigantes em cada nível de inclinação. A água caía sobre o centro da pedra e o concreto. Musgo e minerais coloriam os blocos de um laranja vibrante e de verde conforme a água deslizava para cada nível.

Wes me posicionou naquele pano de fundo, deu alguns passos para trás e levantou o celular. Sorri e ele tirou uma foto.

— Quero me lembrar disso, linda — ele murmurou enquanto me segurava em seus braços e beijava o ponto logo abaixo da minha orelha. A excitação alcançou meus nervos, trazendo a sensação vertiginosa de volta à superfície. Abri um largo sorriso, e, antes que eu pudesse impedi-lo, Wes fez uma selfie de nós dois.

— Eu quero essa foto! — anunciei, e ele me abraçou enquanto continuávamos a caminhada, só que dessa vez nossos corpos se tocavam do ombro ao quadril. Eu não

poderia ter desejado nada melhor.

Paramos em frente a uma estrutura retangular.

— Está vendo isto? — ele apontou, animado.

— Hum, sim. É enorme.

— Foi destaque no *Homem de Ferro 3*! Tire uma foto minha aqui na frente.

Eu ri, peguei seu celular e ele ergueu os braços para a frente, numa pose de super-herói. Tirei a foto.

— Você é tão bobo! — Sorri e ele me puxou mais uma vez para seus braços.

— E você adora. — Seus olhos verdes brilharam, e seu rosto se suavizou em uma expressão de serenidade e alegria. Aquele era o rosto que eu queria olhar para sempre.

— Eu te amo — falei.

Ele respirou fundo.

— O que essas palavras fazem comigo... Meu Deus, Mia, eu não consigo nem descrever. Só sei que tenho muita sorte de ouvi-las. Sinto que esperei a vida inteira para ouvir isso.

Bati em seu peito de brincadeira.

— Você só me conhece há seis meses. — Saí do seu abraço, balançando os quadris de um lado para o outro, fazendo um showzinho, tentando desesperadamente aliviar o momento intenso. — Vamos. Ainda temos um milhão de quilômetros de grama para percorrer.

Ele me alcançou quando peguei o ritmo.

— Você é inacreditável.

Dei uma batida em seu quadril e ele cambaleou.

— É melhor você acreditar! É tudo real.

Wes estendeu a mão para mim de novo e me puxou para perto.

— E toda minha. — Então ele me beijou. Não foi um beijo suave. Nem forte. Foi um beijo completamente demolidor, prolongado e do tipo que inicia o sexo, que me fez ofegar, gemer em sua boca, agarrar seu cabelo e puxá-lo para perto. Eu queria mais e não importava onde estávamos. Só importava o que ele me desse. Naquele momento.

— Eu quero você... — sussurrei entre lambidas e chupadas doces e entorpecentes naquela boca suculenta.

Ele sorriu, e eu pude sentir seu sorriso contra meus dentes, sua mão presa no meu cabelo.

— Eu sei — ele sussurrou e me puxou, apertando minha mão. — Vem. Como

você disse, temos um milhão de quilômetros de grama para percorrer, e eu quero te levar de volta pra te devorar.

Segui, um pouco atordoada e um pouco irritada pelo fato de a brincadeira ter acabado, mas igualmente antecipando mais brincadeiras para quando chegássemos em casa.

— Onde é a saída?

Ele inclinou a cabeça para trás e riu, um som profundo, gutural, que eu adorava. Wes dava boas risadas. Claro, ele era bom em tudo.

— Em breve, baby. Esperar pela festa, linda, torna tudo mais intenso. Nós temos a noite toda pela frente.

Mordiscando os lábios, zombei:

— Mas um de nós tem que trabalhar amanhã e quer que o seu homem a deixe esgotada hoje à noite. Não a arrastando por caminhos intermináveis e vegetações encantadoras, e sim invadindo o jardim dela. — Mexi as sobrancelhas sugestivamente.

— Sua pervertida!

— Isso mesmo. Não há descanso para os pervertidos. Então vamos lá, me deixe cansada. — Sorri e ele me carregou no colo e me girou. Foi divertido. Foi leve. Éramos Wes e eu.



No instante em que as portas do elevador se fecharam, ele estava em cima de mim. Suas mãos passeavam por todo o meu corpo, sua língua em minha boca. Reivindicando, consumindo, devorando. O corrimão do elevador bateu em minhas costas e eu gemi e estremeci. As mãos de Wes tatearam atrás de mim até encontrar a barra de ferro, então deslizaram pela minha bunda para, prontamente, me levantar. Fiquei feliz com aquilo, por duas razões: primeiro, o corrimão não estava mais fazendo um buraco em minha coluna, e, segundo, isso deixou seu pau exatamente onde eu queria, pressionando com força o meu clitóris. Era selvagem, depravado e exatamente o que eu precisava.

As portas se abriram, o que deveria ter interrompido a exibição muito pública e evidente de afeto, mas não percebemos até que o som de risos tirou Wes da névoa em que estava. Ele se afastou dos meu lábios e se deu conta das duas pessoas que

estavam ali: Anton, segurando a porta do elevador aberta, e Heather, com a mão na boca para tentar conter o riso.

— *Lucita*... — A voz de Anton estava repleta de humor. Então ele olhou para Wes. — Suponho que você seja o homem da vida dela. — Sua voz era suave e muito doce. Seus olhos dançaram com alegria, e os lábios franziram em um bico. — Que bom que você finalmente apareceu. Pelo menos você pode encostar nela.

Ele observou a cena diante de si, nem um pouco desconcertado. Era como se ele visse aquele tipo de coisa todos os dias. Conhecendo Anton e sua queda por mulheres — uma grande quantidade delas, na cama ou fora dela —, dava para entender por que aquilo não o incomodava.

Heather acenou histericamente, meio metro atrás de Anton. Wes fez um barulho desconfortável no fundo da garganta, que soou como uma mistura de rosnado e de namorado irritado. Eu ri e desenrolei as pernas de sua cintura. Ele me deixou descer, mas não me permitiu ir muito longe, provavelmente porque estava duro. E por duro eu quero dizer uma enorme ereção, pronta para entrar em ação. Fiz beicinho, sentindo falta dele contra mim, tanto quanto acho que ele sentiu a minha.

Os olhos de Wes se estreitaram para meu cliente ao estender a mão, e saímos do elevador. Anton apertou a mão estendida.

— A Mia não disse que você vinha, mas imagino que, depois que aquele *cabrón* a atacou no mês passado, você precisava ver a sua garota. Você tem o meu respeito, cara. Um respeito insano. — Ele deu um tapinha nas costas de Wes.

— O quê? Que cara? A Mia foi atacada?

Anton virou o rosto. A merda estava prestes a bater no ventilador. Tentei fazer sinais com a mão, levantar placas luminosas, acenar, mas nada o impediu. Ele agarrou Wes pelo ombro.

— Ah, fica frio. O segredo está seguro comigo. Mas o lance de não tocar é uma merda, cara. Ela é linda, e os homens querem colocar as mãos nela, mesmo que de uma forma amigável, sabe? Bem... — ele sorriu apontando para o elevador — você com certeza sabe. — Deu uma piscadinha. — Aquele canalha que tocou nela sem autorização a mandou para o hospital. Você deve ter ficado *loco*, hein?

Wes ficou paralisado, seus olhos se estreitaram e suas mãos se transformaram em punhos esbranquiçados. Ele lançou um olhar em minha direção.

— Você foi atacada? Um homem te mandou para o hospital? A porra de um cliente? — O jeito calmo como ele perguntou foi muito assustador, pois estava cheio de veneno. — Mia. Me responde.

Fiquei imóvel, com lágrimas nos olhos.

— Não foi tão ruim assim — sussurrei.

— Esse cara também tentou encostar em você sem autorização? — ele apontou o polegar por cima do ombro, na direção de Anton, obviamente interpretando de maneira errada o que ele quis dizer.

Meus olhos se arregalaram e eu abri a boca para falar, mas meu rosto demonstrou que havia algo errado, então Wes se virou e segurou Anton pelo pescoço.

— Você encostou nela, porra? — Wes bateu o corpo dele uma vez contra a parede. Anton se recuperou rapidamente e colocou as mãos nos antebraços de Wes. Eu temia que ele fosse começar uma briga, mas não o fez. Anton ficou imóvel e permitiu que Wes o segurasse com firmeza. Os braços do meu namorado tremiam com o esforço. — Eu fiz uma pergunta — ele gritou.

— Não. — Uma única palavra, os olhos duros nos de Wes, desafiando-o a não acreditar naquilo.

Coloquei as mãos nas costas de Wes, sem saber o que fazer. Não queria piorar tudo. Lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Wes, baby, o Anton estava tentando me ajudar a superar o que aconteceu. Por favor, solte-o. Vamos conversar. Você e eu. Ele não me machucou.

— Que história é aquela de você não poder tocar na Mia? Por que merda você disse aquilo? — ele gritou no rosto de Anton.

Mais uma vez, Anton mostrou a paciência de um santo, o que era estranho, pois eu sabia que ele praticava boxe e treinava feito louco. Provavelmente poderia derrubar Wes, ou pelo menos destruir aquele corredor tentando.

— Quando ela chegou, não suportava nem um simples abraço. Foi bem ruim, cara.

Caí de joelhos.

Não. Não. Não. Não.

Não era para Wes saber. Eu não queria que isso arruinasse tudo. Era muito recente, muito profundo. Agora ele perceberia que eu estava arruinada. Que não era boa o suficiente para ele. Não tive tempo o bastante com ele.

Heather gritou algo que não pude ouvir através do ruído ensurdecedor em minha mente. Fui erguida no colo, aconchegada nos únicos braços em que queria estar novamente. Wes.

— Linda, desculpa. Está tudo bem, baby. Está tudo bem. — Eu tremia contra seu peito. De alguma forma ele entrou em meu apartamento e se sentou no sofá

comigo enrolada em seu colo. Me abraçou por um longo tempo enquanto eu chorava. Me acalmou, acariciou meu cabelo, sussurrou palavras doces para mim. Finalmente, morrendo de sede, ele me fez tomar alguns goles de água de um copo que apareceu do nada.

— Vamos deixar vocês sozinhos. Desculpa, meu chapa. Eu não sabia. *Puñeta! Lo siento*.

— Se precisar de alguma coisa, deixei nossos cartões no balcão. Eu entro em contato mais tarde. Cuide da nossa garota — disse Heather.

Nossa garota. Eles achavam que eu era a garota deles, mas a única coisa que eu queria ser era a garota de Wes. Cheirei o pescoço dele, apreciando o perfume do oceano, desejando que estivéssemos em sua casa, em Malibu, e não em Miami, em um apartamento estranho, ainda que fosse bom.

— Ei, você está bem? — Ele ergueu meu queixo e enxugou as lágrimas restantes quando assenti. — Está com fome? — Balancei a cabeça. — Com sede? — Mesma resposta. — Do que você precisa?

— Eu preciso que você me ame.

— Mia, eu te amei desde o momento em que você tirou o capacete na praia. Merda, talvez tenha acontecido até antes, quando a minha mãe me mostrou suas fotos no site. Eu sabia que precisava ter você. E não só na minha cama. — Ele me apertou. — Ainda que eu ame isso também. — E sorriu maliciosamente. — Com você, Mia, sempre foi mais. Tudo o que se refere a você me atrai. O seu corpo me deixa fraco de desejo. O seu amor pela vida e por coisas novas me faz querer colocar o mundo a seus pés, só para te ver sorrir. Vou te amar hoje, amanhã e todos os dias depois disso.

— Prove.

Ele gemeu e suspirou.

— Linda, nós precisamos conversar.

— Prove — repeti, minha voz quase implorando.

Ele passou a mão pelo cabelo loiro-escuro e pelo rosto.

— Que foda — resmungou.

— Exatamente. Me fode.

Ele balançou a cabeça.

— Hoje, não. Hoje eu vou te adorar.

9



Vai e volta. Vai e volta. Para abruptamente. Puxa o cabelo. Faz careta. Murmura palavrões. Vira. Repete.

Observei Wes andar pela sala, queimando a sola dos sapatos no processo. Ele parou de repente, apertou as mãos em punhos e me encarou.

— Eu vou matar esse cara. Vou *acabar* com ele. Sua carreira política — ele fez um gesto com a mão, como se estivesse cortando alguma coisa — já era. Ele vai pagar com sangue!

— Ele já pagou. — Olhei para cima quando a sala, que estava fria, esquentou. Os olhos de Wes estavam escuros como breu, com apenas um anel verde translúcido em torno. — O Mason deu uma surra nele — murmurei, as palavras se arrastando para fora. Engolindo a bola que havia se formado como papel machê em minha garganta, tentei falar, mas seu olhar me manteve em silêncio.

As sobrancelhas de Wes se estreitaram tão severamente que rugas se formaram em cima do nariz.

— Mason? Quem caralhos é Mason?

Pisquei com o tom grave da sua voz.

— Hum... O Mace é um ex-cliente... — Os olhos de Wes me encararam, desprovidos de sentimento, depois se arregalaram. — Amigo — consertei.

Ele voltou a andar de um lado para o outro.

— Não posso acreditar nisso. A minha namorada é atacada por um filho da puta — ele se virou e continuou andando —, vai parar no hospital, e eu não fico sabendo de merda nenhuma. Meu Deus, Mia! Isso é tão absurdo. — Provavelmente não era um bom momento para salientar que não havíamos determinado oficialmente o status do nosso relacionamento até ontem. Achei que o comentário não ia cair bem. Ele parou, os olhos fechados, a mandíbula apertada. — Não sei o que fazer.

Eu me levantei e segurei suas mãos, colocando-as entre nós e acariciando-as até que a tensão se dissipasse.

— Lindo, não tem nada que você possa fazer.

Ele mordeu o lábio com tanta força que me preocupei que pudesse machucar a carne macia até tirar sangue.

— Mia, eu estou louco da vida. — Sua voz era crua e dolorosa. — Eu preciso fazer alguma coisa. — Seus olhos se abriram e encontraram os meus.

— Não. Você precisa se concentrar em *mim*. Me ajudar. Isso é o que você pode fazer. Acabou.

E tinha acabado. Eu havia passado a última hora contando os mínimos detalhes do que acontecera, os momentos que antecederam o ataque e as consequências dele. Em meio a tudo isso, Wes segurou minha mão, se sentou pacientemente enquanto eu contava mais uma vez a experiência terrível, acariciou minhas costas, enxugou minhas lágrimas e muito mais. Ele escutou e só reagiu mais tarde. Quando contei a ele uma versão aceitável do que Aaron tinha feito comigo naquela noite e antes disso, na vez em que me tocou enquanto eu dormia... foi aí que Wes começou a andar de um lado para o outro. E a xingar. Em seguida, veio a raiva.

Wes balançou a cabeça e agarrou os cabelos pela enésima vez.

— Acabou nada. Tem um maldito buraco nas minhas entranhas. Linda, a única coisa capaz de consertar isso é eu acabar com aquele filho da puta. Você não entende? — Seus olhos brilhavam enquanto suas mãos tremiam. — Ele machucou a mulher que eu amo. Muito. Ele precisa sentir a mesma dor.

— Como eu disse, ele vai sentir. Ele está sendo obrigado a ir a um terapeuta, ao AA e muito mais. Baby, se isso chegar aos jornais ou alguém descobrir o que aconteceu, as consequências vão atingir outras pessoas além do Aaron. Centenas, talvez milhares em outros países. Warren, o pai dele, vai ter que encerrar o projeto filantrópico. Os investidores jamais apoiariam um homem cujo filho é um alcoólatra e predador sexual. Por favor, tente entender.

E ele voltou a andar de um lado para o outro. Eu sabia, por sua postura, que ele entendia. Nós já havíamos conversado sobre aquilo. Contei sobre o projeto de Warren, o trabalho que ele estava fazendo, as contribuições que estavam entrando. Tudo aquilo poderia ser interrompido caso algo tão hediondo viesse a público. Weston sabia. Ele concordou, porque, se se visse naquelas circunstâncias, retiraria o financiamento.

— Wes, tem também a questão da repercussão negativa... — tentei abordar o assunto delicado do meu trabalho e de como o resto do mundo iria me ver.

Seus olhos se estreitaram, e ele se encostou na beirada da poltrona à minha frente.

— Repercussão negativa?

Assenti.

— Sim. Em relação a você, ao Alec, ao Mason, ao Tony e ao Hector, aos D'Amico, ao Tai e ao Anton. É muita coisa para arriscar em busca de justiça pelo que ele fez.

— Linda, você está me deixando confuso. Quem são todas essas pessoas?

E foi isso que fez toda a situação ficar real. Real demais. O tipo de realidade que faz os casais ficarem mais fortes ou os separa para sempre. Não tive escolha.

— Wes, você sabe que eu sou uma acompanhante. O público em geral acha que isso significa que eu sou uma prostituta cara, e, em alguns casos, essa informação poderia ser considerada correta. — Ele bufou e soltou um longo suspiro. — Além disso, admitir que eu sou uma acompanhante significa que quem pode me pagar geralmente são pessoas públicas.

— Não estou entendendo. Explique — ele falou de uma forma que achei bastante implacável. Ele queria ir por aquele caminho? Eu o levaria.

Dei de ombros.

— Você pediu.

Contando nos dedos de uma das mãos, enumerei:

— Além do Warren e da sua ajuda aos pobres do terceiro mundo, os clientes anteriores foram os D'Amico. Eu fiz a campanha "A beleza vem em todos os tamanhos". A notícia de que eles contrataram uma acompanhante para estrelar a campanha pode destruir tudo o que eles construíram.

Wes apontou para mim.

— Eu vi a campanha. Fiquei muito orgulhoso de você, linda. Você estava ótima. Incrível mesmo. — Sorri com o elogio. Me fez sentir fantástica saber que Wes estava orgulhoso do trabalho que eu tinha feito. — Próximo?

— Mason Murphy. — Os olhos de Wes se arregalaram em reconhecimento. — Sim, o famoso jogador do Boston Red Sox. Fui contratada para fingir que era namorada dele e melhorar sua imagem. No fim, funcionou superbem, e ele encontrou sua alma gêmea, a relações-públicas dele.

Wes se moveu até o bar, do outro lado da sala. Ergueu a garrafa de uísque e eu assenti. Precisava de uma bebida. Ele pegou dois copos e encheu com três dedos do líquido âmbar. Sim, seria uma noite daquelas. Um verdadeiro confessionário. Eu só esperava que ele não me crucificasse por meus pecados.

Ele me entregou o copo e eu tomei um gole. O líquido queimou minha garganta, deixando um sabor espesso que fez arder minha língua e aquecer meu estômago.

— Você foi pra cama com ele? — Ele se sentou na poltrona à minha frente. Estávamos separados por uma longa mesa de vidro. A distância que ele colocou entre nós, intencional ou não, não me passou despercebida. Não importava. Aquilo precisava acontecer.

— Não, não fui. Não que ele não tenha tentado. — Sorri e ele franziu a testa. Certo, vamos em frente. — E antes dele teve o Tony Fasano.

Ele inclinou a cabeça.

— O cara do restaurante?

Aquilo me fez sorrir.

— Sim.

— Para que ele te contratou? — Desta vez, quando ele falou, soou um pouco mais leve, um pouco menos carregado daquele tom nervoso.

— Para ser sua noiva. — Eu ri e Wes se encolheu. — Mas a melhor parte é *por que* ele me contratou. — Sorri.

Isso deve ter dado alívio a Wes, porque ele abriu um sorriso hesitante em troca.

— Por quê?

— Não posso acreditar que você não lembra do que conversamos em março. Não lembra que ficou na casa deles? Tudo bem, eles não foram explícitos no bar, e nós bebemos um pouco demais, mas... Sério que você não lembra de nada sobre o Tony e o Hector?

Wes encolheu os ombros.

— Não, não mesmo. Eu lembro de conhecê-los e de beber demais com dois caras legais. Mas o que eu mais lembro é da sua boca, de te pegar contra a parede, daquele banho incrível e de fazer sexo animal a noite toda com a mulher mais sexy do mundo.

— Sexo animal? — ri.

Ele assentiu.

— E aí, qual é o grande motivo pelo qual ele te contratou para ser noiva dele? — perguntou, me trazendo de volta ao tópico em questão.

Sentei em cima de um pé e me ajeitei, apoiando o copo no braço da poltrona.

— Para explicar isso, vou ter que montar a cena.

Os lábios de Wes se levantaram em um breve sorriso, e eu achei que era uma pequena vitória.

— Certo, manda. — Ele se reclinou e tomou um gole do uísque.

Eu adorava observar seu pescoço e o movimento do pomo de adão. Tudo em Wes me interessava, especialmente agora que estávamos juntos.

Tomara que juntos por mais tempo depois dessa conversa.

— Quando cheguei em Chicago, o empregado da casa colocou minha mala num quarto. Era enorme, muito maior do que eu esperava, embora o Tony vivesse em uma cobertura de luxo na cidade.

Wes não disse nada. Apenas esperou que eu continuasse.

— Quando o cara me deixou lá com a bagagem, ouvi o chuveiro ligado. Você não pode imaginar como eu surtei ao saber que estava num quarto, provavelmente o quarto principal, e um cara que eu não conhecia, um estranho, estava no chuveiro.

Para uma garota, ouvir isso seria engraçado. Para Wes... nem tanto. Sua mandíbula se apertou e se moveu, enquanto me apressei em continuar.

— Então a porta se abriu e um cara enorme apareceu enrolado numa toalha, e foi aí que as coisas ficaram realmente interessantes... — Tentei levantar para dar ênfase, mas Wes só parecia irritado.

— Mal posso esperar para saber — ele disse.

Revirei os olhos.

— Bom, eu estava ali parada, como um peixe fora d'água, sem saber o que dizer, quando, de trás dele, sai outro cara com uma toalha enrolada na cintura e abraça meu cliente. Tipo, os dois pelados se abraçando. Eles tinham tomado banho... juntos.

Foi quando Wes abriu um enorme e radiante sorriso de dentes brancos e brilhantes.

— Ele é gay!

— Você não lê os jornais? Não presta atenção na coluna de fofocas?

Ele umedeceu os lábios perfeitos e inclinou o queixo.

— De jeito nenhum. Eu evito essa merda como a peste. Quase nunca é baseada na verdade, e geralmente acaba ferindo a pessoa de quem estão falando.

Revirei os olhos, mas continuei:

— O Tony é gay. Namora sério um advogado incrível chamado Hector Chavez. Na verdade, durante o mês que passei lá, eu me aproximei muito do Tony e do Hector. Mais do Hector que do Tony, por razões óbvias. — Pisquei.

— Óbvias — ele murmurou.

Tamborilei os dedos na perna e tomei um gole.

— E antes do Tony foi o Alec. — Relembrar meu tempo com Alec colocava

aquele buraco de volta em meu estômago. Dei um pedaço de mim para Alec naquele mês. Uma parte que eu nunca quis de volta. A verdade era que eu amava aquele francês safado e curtia muito estar em sua cama. Não mais que com Wes, mas ele estava no topo da lista de pessoas excelentes para transar, assim como Tai.

— E o Alec era o artista — ele resmungou. Como ele sabia, eu não conseguia lembrar. É possível que eu tenha mencionado Alec e nosso tempo juntos, mas Wes não estava deixando nada escapar.

Franzindo os lábios, olhei ao longe, depois para o meu copo meio cheio, e tomei outro grande gole de uísque.

— Você teve um relacionamento sexual com ele — Wes falou, mas não de forma acusatória, o que eu esperava que significasse que estava tudo bem.

Assenti.

Ele deu de ombros e olhou para o sol poente.

— Mas foi casual, como a Gina.

A simples menção do nome da vadia fez o alerta de ciúme disparar e o monstro de olhos verdes pôr a cabeça para fora.

— O Alec foi especial. Ele significa alguma coisa para mim. — Eu me coloquei na defensiva, sem perceber que estava mostrando minhas cartas de uma maneira com a qual não estava preparada para lidar.

Wes se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos, juntando as mãos sob o queixo.

— É mesmo? Especial como?

Lágrimas se formaram no canto dos meus olhos.

— O Alec me fez sentir bonita.

— E eu não faço? — ele desafiou.

Meus pelos se arrepiaram.

— Sim, mas ele me fez entender que a Mia que ninguém via, a mesma que eu fui com você, mas que não era com o resto do mundo, podia aparecer. Ele me obrigou a tirar a máscara e deixar o mundo entrar. Eu aprendi uma lição muito valiosa com o Alec.

— Que foi...? — Seu tom era ferido e assustado.

— Amar a mim mesma.

Wes fechou os olhos, inspirou, soltou a respiração e relaxou.

— Mia, você tem todos os motivos do mundo para se amar.

— Eu não acreditava nisso. Não antes do Alec. Não antes de a arte dele me fazer ver o que todo mundo via. Que, mesmo estando quebrada, mesmo tendo

dificuldades na vida, tendo virado uma acompanhante porque o meu pai alcoólatra e viciado em jogo não teve a capacidade de cuidar das próprias dívidas, que eu — bati em meu peito —, Mia Saunders, garçonete de Las Vegas, merecia mais. Merecia felicidade. Merecia amor.

— E eu não te dou isso? — Sua voz falhou quando ele perguntou.

— Você dá, mas, naquele momento, o Alec também deu. E de certa forma ainda dá.

Os olhos de Wes endureceram, depois a tristeza maculou suas feições.

— Ele te ama.

Assenti e ele fechou os olhos. Expliquei rapidamente:

— O Alec acredita que você ama a pessoa que está com você pelo tempo que estiverem juntos. Que não há problema em ter uma parte da pessoa com você e levá-la consigo pelo resto da vida.

— Ele te quer de volta?

Havia ciúme no meu normalmente descontraído surfista-que-fazia-filmes.

— Não. Não desse jeito. O Alec ama todas as mulheres com quem se relaciona, ou não estaria com ela. Provavelmente todos os dias corações se quebram em alguma parte do mundo porque ele está amando alguém neste exato momento.

— Comigo não é assim, Mia. Eu sou um homem de uma mulher só quando me comprometo, e estou comprometido com *você*. Com *a gente*. Para que isso funcione, você tem que se comprometer também. — Ele limpou a garganta. — E temos que deixar toda essa história no passado. Porque é isso que é, baby. História.

Pensei brevemente em Gina, mas não sabia por quanto tempo ele ficou transando com ela e fazendo amor comigo. Só sabia que agora ele não estava com ela, e acreditava nele.

— Então você só transou com um cara desde que estivemos juntos? — Seu olhar era incrédulo. E ele tinha razão.

Fechando os olhos, me preparei.

— Não. Eu fiquei com o Tai Niko, o modelo que trabalhou comigo no Havaí.

— No Havaí? Em maio?

— Sim.

— Um caso de uma noite só? — Havia tanta coisa nessa pergunta.

Minha voz tremeu.

— Não — admiti, porque eu podia ser muitas coisas, mas não mentirosa. Eu não começaria meu primeiro relacionamento de verdade em anos com base em mentiras.

— Porra! — Ele se levantou e começou a andar, puxando o cabelo e xingando. Aquela parecia sua forma padrão de responder.

— Você não entende, Wes. Foi só diversão! Ele já está com outra pessoa. Alguém com quem vai se casar! — gritei, para deixar claro meu ponto de vista. Wes era importante demais para não superarmos aquilo.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. Seu ombro caiu mais uma vez.

— Merda, linda, você está me matando. Você passou um mês no paraíso amando outro cara?

Ele usou a palavra "paraíso" para me torturar. Jogar limpo estava fora de questão.

— E você passou a merda dos últimos sabe-se lá quantos meses trepando com a Gina DeLuca, a maldita queridinha da América, arrasadora de corações e mulher mais sexy do mundo, e eu tenho que aceitar isso numa boa?

Como um tiro de canhão, ele recuou vários passos e apertou a mesa lateral atrás de si.

— Mia, ela não significa nada pra mim! — Ele pôs a mão no peito. — Nada! — reiterou.

— Acho difícil de acreditar. Você transou com ela "casualmente" durante meses. — Fiz um gesto de aspas no ar para a palavra *casualmente*. — Não acha que ela acredita ser algo mais?

Ele negou.

— Ela não acredita. Eu juro.

— Tá bom, diga isso a si mesmo até se tornar verdade. Pelo menos eu posso dizer que passei um tempo com o Alec e o Tai e segui em frente. Estou numa situação diferente. Eu. Amo. Você! Eu nunca disse essas palavras, dessa forma, pra eles. Posso amar os dois como amigos, como pessoas de quem eu gosto e que gostam de mim, mas não estou *apaixonada* por eles. É uma diferença monumental. Eu *nunca* fui apaixonada por eles. Você pode dizer o mesmo sobre a Gina? Hein? — Minha voz soava alta, e eu soube que tinha perdido a razão quando me levantei e joguei o copo na parede. Ele nem quebrou. Não tive nenhuma satisfação. Droga de Anton e seu apreço por copos.

Gemi e caí para trás no sofá, segurando a cabeça entre as mãos.

— É por isso que eu não me apaixono — falei as palavras em voz alta e as repeti em silêncio várias vezes, como um mantra.

Sem aviso, Wes me puxou pela mão, se virou e sentou no sofá, me levando junto, de forma que meus joelhos ficaram ao lado de seus quadris, encaixada nele.

— Nunca se arrependa de me amar. Isso me machucaria mais do que qualquer coisa que você possa dizer ou fazer. — Ele segurou minhas bochechas. — Isso é tudo? Terminou? Dois caras, um agressor e alguns novos amigos?

Umedeci os lábios e assenti.

— Tudo bem, linda. — Ele engoliu em seco e admitiu as próprias verdades. — Para mim, foi só a Gina, de vez em quando. Nós podemos superar isso. — As palavras fizeram meu coração cantar. Como uma canção de ninar antes de dormir, eu me acalmei. Estar com ele assim, em seu colo, suas mãos me acariciando, tornou tudo fácil.

Nós podemos superar isso.

Meus olhos se encheram de lágrimas novamente. Seus polegares as enxugaram quando elas caíram.

— Não, baby. De agora em diante, somos só você e eu. Colocamos tudo para fora e acabou. Eu sei o que preciso saber e você sabe que o lance com a Gina terminou. T-E-R-M-I-N-O-U — ele repetiu, soletrando. — A única coisa que resta é isso. Você e eu. Agora nós podemos seguir em frente.

Assenti e apoiei a cabeça em seu pescoço, inalando aquele cheiro de oceano e de Wes que eu adorava.

— Eu te amo — falei as palavras para que ele pudesse ouvi-las e saber que eu precisava ouvi-las de volta.

— Eu também te amo, linda. Eu e você. Só eu e você.

10



O toque do celular me acordou do melhor sonho. Wes e eu estávamos passeando em castelos na Alemanha, de mãos dadas, como um casal loucamente apaixonado. Até que o ruído começou. Assim que parou, começou novamente.

Wes se inclinou sobre mim, agarrou o objeto ofensivo e atendeu. Merda. Não. Péssima ideia. Poderia ser qualquer um. Se fosse um dos meus ex-clientes, amigo ou não, poderia dar errado. Muito errado, rápido demais.

Ele bocejou.

— Sim, sim. Certo, só um segundo. É a sra. Milan.

Revirei os olhos. Tia Millie.

Peguei o telefone e tampei o alto-falante com a mão.

— Ela é minha tia. A propósito, o nome dela é Millie, não Milan.

— Sério?

— Pensei que tivesse te contado.

— Com certeza eu lembraria. — Ele se inclinou e beijou meu ombro. — Vou fazer um café antes que você tenha que ir para o estúdio.

Apertei seu braço, segurei sua nuca e o beijei docemente. Ele sorriu e se afastou.

Levei o celular ao ouvido.

— Tia Millie, que raios faria você me ligar tão cedo? Quer dizer, deve ser absurdamente cedo para você.

Ouvi seus dedos teclando ao fundo.

— Sim, sim, eu não fui dormir ainda. Você ignorou as minhas ligações a semana toda, e eu precisava lhe dar os detalhes do próximo cliente, já que saio em férias amanhã. Este é... Não sei. Tem algo estranho aqui. — Tia Millie nunca falou de outra forma que não fosse cem por cento segura.

— Como assim? O que tem de estranho? O cara é um esquisitão?

Ela suspirou.

— Não, não. Na verdade, ele é bem limpo no papel. Vem insistindo em reservá-la assim que você estivesse disponível, checando a cada duas semanas para ver se houve algum cancelamento. Coisa que não aconteceu, é claro.

— Certo. Então ele me quer de verdade. Ele disse por quê?

— Aparentemente, ele precisa que você finja ser a irmã dele, desaparecida há muito tempo. Algo sobre os negócios da família pararem nas mãos erradas caso ele não apareça com a irmã para os investidores, blá-blá-blá. O nome dela apareceu por acaso em um acordo de negócios, mas ele nunca a conheceu. Eles não conseguiram entender direito o nome rabiscado no papel. Pode ser Mia Saunders ou Mia Sanders, talvez Sonders, com "o", mas você tem a mesma data de nascimento da moça e o seu nome é Mia Saunders. Então, é por isso que ele quis você.

Mordisquei o lábio.

— Que estranho. Você checou o cara?

Millie deu um suspiro exagerado, que pareceu estrangular meu coração no processo.

— Você acha que eu arriscaria a sua segurança?

O riso chegou à ponta da minha língua, especialmente após o fiasco com Aaron, mas ela não sabia muito sobre aquilo. Basicamente nada. Eu tinha escondido muito bem aquele acontecimento.

— Eu sei que você tem o meu bem-estar em mente, tia. Desculpa.

Ela estalou a língua e tudo ficou bem novamente. Moleza.

— Ele foi exaustivamente analisado. Jovem, apenas trinta anos, e é o leme de uma das principais empresas de petróleo com sede no Texas.

— Uau. Muitos petrodólares, certo?

Tia Millie murmurou:

— Com certeza. Não sei de todos os detalhes, além do fato de ele estar muito ansioso para conhecê-la. E você vai adorar isso: ele não é um coroa papa-anjo. É um caubói gostoso, que mora em um rancho e tudo! — Ela fez uma pausa. — Ainda não recebi o adicional de vinte e cinco mil do nosso Latin Lov-ah. Suponho que você não tenha se divertido tanto quanto achou que fosse.

— Millie, isso não é da sua conta, mas não, não me diverti. E nem vou.

— Você pode mudar de ideia quando eu mandar a foto do caubói. Eu nunca tive interesse em caubóis, mas alguma coisa nele me é familiar, me chama a atenção de um jeito que eu não sentia há muito tempo. Talvez seja por isso que eu estou achando alguma coisa estranha, porque o cara me passa uma sensação de déjà-vu.

Bem, não importa. O seu voo de Miami para Dallas vai ser reservado amanhã. Você quer ficar alguns dias em Miami, em Dallas, ou quer passar em casa antes de ir para o Texas?

Casa.

Aquele pensamento me fez abrir um sorriso enorme. Tão grande que, quando Wes entrou no quarto com uma xícara de café, parou no caminho e uma sobrancelha se ergueu em uma pergunta silenciosa.

— O quê? — ele murmurou, mas balancei a cabeça, sorrindo feito louca.

— Millie, eu gostaria de ficar em Malibu antes de atender o próximo cliente em Dallas. Vou decolar do aeroporto de Los Angeles.

Wes inclinou levemente o quadril, e o abdome ondulou com o movimento, o que me fez querer arrancar sua cueca boxer e chupar seu pau. Com força.

— Certo, boneca, vou fazer os arranjos. É bom que você esteja voltando pra casa por um tempo. Vamos marcar um almoço.

— Vamos sim. Te amo.

— Sim, querida. Também te amo.

Millie desligou e eu me virei para o meu homem.

— Depois dessa semana, vou passar seis dias em Malibu. Será que eu consigo um lugar para ficar?

Com o rosto absolutamente inexpressivo, Wes respondeu:

— Você tem um apartamento em Los Angeles.

Eu me encolhi. Meu apartamento. Eu precisava esvaziar aquele lugar e colocar minhas coisas em um depósito. Na verdade, talvez eu devesse acrescentar isso a minha lista de coisas a fazer enquanto estivesse em L.A. Não havia razão para pagar o aluguel de um lugar em que eu não punha os pés havia sete meses.

— Lindo, eu pensei que... — Fui cortada por Wes me empurrando na cama.

— Te peguei! — Ele me beijou profunda e tão completamente que esqueci que deveria levantar e me preparar para o ensaio. — Te enganei direitinho. — Ele esfregou o nariz no meu e deu inúmeros beijinhos molhados em meu pescoço. — Claro que eu quero você comigo. Meus pais estavam enchendo meu saco para eu conseguir você de volta.

— Me conseguir de volta? Você nunca me teve, em primeiro lugar.

Ele sentou e colocou as mãos em minhas costelas, empurrando a barra da camisola e levantando-a centímetro por centímetro.

— Eu tive você. — Balancei a cabeça. — Você foi minha desde o começo. — Outro balançar. — Não? — Em vez de tirar minha camisola, pegando meus seios

carentes e doloridos, ele começou a me fazer cócegas. Seus dedos se encaixaram na área sensível entre as costelas, causando fortes risadas. — Admita que você era minha! — ele exigiu. Era difícil ouvir com as gargalhadas que explodiam do meu corpo. Balancei a cabeça e tentei segurar seus dedos. Eu não conseguia respirar. Meu corpo já não era meu, mas, droga, ele estava certo. Eu fui dele desde o início.

— Tudo bem, tudo bem — implorei.

— Não é o suficiente. — Ele puxou minhas mãos para cima da cabeça. — Diga as palavras.

Levei cerca de vinte respirações profundas para tentar me acalmar da sensação de seus dedos me apertando os nervos. Então olhei em seus olhos e, de alguma forma, soube que a resposta que eu desse seria muito importante para ele.

— Eu sou sua desde janeiro, Wes. — Ofeguei, a voz repleta de emoção. — Eu não queria acreditar. Tentei muito negar. Enfiei isso em um armário, numa prateleira alta, onde ninguém poderia encontrar. Nem eu mesma. Muito menos você. Mas essas coisas têm um jeito de se libertar. E estou feliz por ela ter conseguido.

Uma única lágrima escorreu pela lateral do meu rosto. Wes se inclinou e a lambeu.

— Eu amo o sabor das suas lágrimas. E sabe de uma coisa?

— O quê? — falei, enxugando as bochechas enquanto seu olhar estava focado apenas em mim.

— Eu também sou seu, linda. Desde janeiro.

O ensaio do dia anterior foi brutal. O fato de Wes estar lá assistindo, rosnando e fuzilando Anton com os olhos a cada vez que ele girava o corpo contra o meu e colocava as mãos em meus quadris, não ajudou muito. O papel de sedutora no clipe era para encantar o homem, fazê-lo sangrar de desejo por ela. Agora, segura de mim, o amor de Wes me deu a confiança de que eu precisava para suportar o toque de outro homem. Na verdade, eu estava pegando fogo. Brilhando. Maria estava fora de si, e a felicidade continuou em cada etapa enquanto filmávamos.

— É isso aí, corta!

As câmeras pararam de gravar. As mãos de Anton estavam segurando meus quadris, seu rosto perto da minha barriga, em uma pose muito sugestiva. Ele

levantou como se não estivesse passando o nariz em meu joelho, sobre as meias sete oitavos, e subindo o vestido minúsculo com os dentes. No entanto, quando falaram "corta", ele parou. Voltou a relaxar e a ser o Anton amigável, que fazia questão de manter distância. O plano funcionou, porque o medo do seu toque e a ansiedade que senti pela maior parte do mês haviam se dissipado quase totalmente.

Maria estava certa. Conversar com Gin por telefone e falar sobre isso com Wes — duas pessoas que me conheciam como ninguém — tinha me ajudado a superar. Descobri que não era apenas o toque de outro homem que desencadeava uma reação. A culpa me levava aos flashbacks, à ansiedade e ao medo que surgiam em minha experiência com Anton. No fim, precisei aceitar que eu tinha feito a escolha certa. Quando aceitei isso, entendendo que estava protegendo todos os outros com a decisão que eu havia tomado, eu fui salva. Jamais poderia viver com a consciência de que milhares de pessoas que precisavam de cuidados também sofreriam as consequências.

Saí do set para a área onde a estilista estava. Ela levantou o último look. Aquele seria o maior teste de todos. Uma designer que Anton conhecia fez a roupa — se é que poderia ser chamada assim. Essencialmente, peças de tecido muito fino foram costuradas como uma colcha de retalhos, tornando-a fácil de rasgar. O maquiador e a estilista me arrumavam enquanto Wes ficava quieto ao meu lado. Como um homem que fazia filmes e lidava com atores diariamente, era de imaginar que ele seria compreensivo, aceitaria o fato de que eu estava interpretando uma personagem e não pensaria muito naquilo. Totalmente errado. Ele ficou em silêncio, um profissional sólido e de respeito na indústria, mas eu sabia o que isso lhe custava. O jeito como ele mantinha sua postura, a linha fina dos lábios, a forma como seus olhos passavam pelas partes nuas da minha pele, que Anton havia tocado. Todos aqueles sinais indicavam que Wes não estava lidando bem com aquilo.

— Você sabe que pode voltar para o apartamento. Vamos filmar a última cena e depois podemos jantar com todo mundo. — Tentei mais uma vez fazê-lo sair, sem querer realmente que ele fosse.

Wes balançou a cabeça.

— Linda, eu estou aqui. Faça o seu trabalho e vamos seguir em frente.

Seu tom de voz era sério, sem emoção. Tentei uma tática diferente.

— Estou muito feliz por você ter ficado. Tornou tudo mais fácil. — Pisquei, afastando a sensação das lágrimas.

Ele veio até mim, levantou meu queixo, se inclinou para a frente e me beijou de leve. O maquiador gemeu e xingou. Sorri contra a boca de Wes.

— Você vai me colocar em apuros.

Finalmente ele sorriu e balançou as sobrancelhas.

— Eu gosto de colocar você em apuros. Tenho certeza de que existem muitas formas de fazermos isso.

Rindo, eu o empurrei, olhei para o maquiador me desculpando e soprei um beijo para Wes. Ele lambeu os lábios e acariciou o inferior com o polegar. Adorei aquilo. Sexy demais.

— Preste atenção, *hermana*. A cena final vai ser fodástica. Está pronta?

Wes ficaria louco quando visse o que tinha sido planejado para o final.

— Pronta como nunca — confirmei, mas queria acrescentar: "Para uma mulher prestes a ficar nua numa sala cheia de dançarinos, a equipe, Anton e meu namorado". Considerei contar a Wes uma versão resumida do que aconteceria na cena, mas decidi que não. Se pudéssemos gravar uma vez só, a coisa toda sairia de forma natural e ele não teria outra escolha a não ser aceitar.

Todo mundo sabe que é mais fácil pedir perdão que permissão. Aquele era, com certeza, um desses momentos.

A estilista me acompanhou até o novo palco, ajeitando a bainha e falando sobre os pedaços de tecido, glitter e pedras. Quando digo pedras, quero dizer strass ofuscante com o fundo plano e o topo multicolorido. Meus mamilos estavam cobertos de pedras, coladas de um jeito que cobrisse as aréolas, mas o resto dos seios ficaria de fora. Um fio-dental minúsculo, novamente feito de pedras brilhantes e uma fileira de diamantes em cada alça, cobria meu sexo totalmente depilado. Outra coisa que Wes ainda não sabia, já que tínhamos feito aquela parte terrível no banheiro enquanto ele almoçava. Tudo isso estava escondido sob o pedaço de tecido que não podia ser chamado de vestido. Especialmente quando eu sabia que seria rasgado em alguns segundos, logo que as câmeras começassem a gravar.

Cuidadosamente, subi no pedestal. A batida pesada da música de Anton nos rodeava. A iluminação piscava, dando um efeito estroboscópico e tornando difícil enxergar sem pestanejar. A máquina de vento me atingiu, fazendo meu cabelo se movimentar de forma selvagem e livre. Os cachos soltos, balançando na corrente de ar, davam o resultado apelativo que eu esperava e Anton e sua equipe desejavam.

Wes ficou na escuridão à minha frente. Eu podia ver seu rosto, principalmente aqueles olhos verdes. Seus braços estavam cruzados, e seu olhar, focado em mim. A sala ficou longe. Dançarinos se misturavam ao meu redor enquanto eu remexia os ombros, balançava os quadris, inspirava e expirava como Maria me ensinou a fazer

para conseguir ofegar daquela forma que afetava os homens. Palavras dela, não minhas.

O personagem de Anton apareceu atrás de mim. Senti sua mão subir na lateral do meu corpo. Fechei e abri os olhos, sem enxergar nada além de Wes, e o que vi ricocheteou por minha coluna e caiu pesadamente em meu estômago. Luxúria. Necessidade carnal tão forte que endureceu meus mamilos, fazendo as pedras beliscarem de um jeito bom. No meio de uma cena, com uma centena de pessoas ao redor, Wes acendeu meu corpo como uma tocha. Anton continuou dançando a minha volta, me tocando, cantando com o playback, implorando. De vez em quando ele encostava em uma peça da roupa, rasgando um pedaço. Eu dava solavancos, conforme as instruções, como se estivessem arrancando pedaços da minha armadura. Acho que aquele era o significado oculto da cena: ele removendo a armadura da sedutora para que ela fosse sua.

Os dançarinos, vestidos com faixas de tecido preto com buracos que mostravam sua pele reluzente de glitter, giravam ao meu redor como fantasmas. A metáfora na coreografia que Maria criou, com base nas sugestões de Heather, era realmente única. Conforme a música foi crescendo, os dançarinos se aglomeraram ao meu redor. As câmeras estavam em todos os ângulos. Com o forte impulso dos quadris de Anton à minha frente, cada bailarino arrancou um pedaço da minha roupa, e o resto foi ao chão, me deixando apenas com a lingerie de pedras. Anton caiu de joelhos. Eu agi de maneira confiante e poderosa, realmente entrando no papel. Quando ele ergueu as mãos, como em oração, implorando para ser meu, segurei seu rosto com uma das mãos, coloquei a outra em seu peito e a câmera deu zoom. Com movimentos medidos, franzi os lábios e murmurei as últimas palavras da canção, em perfeita sincronia com a voz feminina da trilha sonora:

— Me esquece.

Então, quando as câmeras se afastaram, cruzei um braço sobre os seios, empurrei Anton para trás e posicionei a outra mão sobre meu sexo. Fechei os olhos, inclinei a cabeça para o lado e para baixo. A luz se apagou.

— Corta, corta. Acabamos! — o diretor gritou. Um roupão foi jogado sobre meus ombros e eu estava nos braços de Anton.

— *Lucita*, você foi genial! — Beijou meu rosto, testa, têmpora, cabelo e, finalmente, segurando minhas bochechas, olhou profundamente em meus olhos, sua intenção clara. Ele se inclinou e me beijou suavemente nos lábios. O mero sussurro de um beijo, mas foi o suficiente. A melhor parte foi o fato de que não houve absolutamente nenhum medo, nenhum flashback, apenas o conforto de um

amigo me parabenizando. Ele segurou meu braço, então o soltou de repente, e um sorriso surgiu em suas feições.

— Acho que já chega de você tocar a minha namorada, né, meu chapa? — Wes falou, em um tom monótono.

Anton se virou e puxou Wes em um daqueles abraços de homem, com tapas fortes nas costas.

— Você faz bem para ela, meu chapa. Agora vamos comemorar!

Um braço sobre meus ombros e outro em minha cintura me aninhavam entre eles, apesar da advertência anterior de Wes. Anton não pareceu se importar. Ele vivia o momento e ignorou a atitude irritada de Wes. Isso, por si só, fazia de Anton um cara especial. Ele vivia a vida no presente, gostava de seus amigos, de seu trabalho e celebrava sempre que podia.

Heather e Maria nos encontraram no meio do set, com abraços e uma garrafa de champanhe Cristal.

— Que ostentação — observei secamente, mas bebi o líquido impressionante, deixando o néctar dourado borbulhar e dançar em minha língua.

— Você foi incrível! — Heather me puxou para um abraço apertado.

— Tive uma ótima professora. — Sorri para Maria, incapaz de conter o entusiasmo.

Com o clipe sendo reproduzido no mundo todo, eu sabia que pessoas em todos os lugares me veriam. Não havia como descrever a sensação. Fantástico. Maravilhoso. Inacreditável. Era tudo isso e muito mais. Junte a isso ter Wes e três novos amigos — o mundo que eu conhecia estava bombando!

Malas prontas, a TV com o volume baixo no telejornal, relatando os acontecimentos na região de Miami. Fechei a última mala, cheia das roupas que Heather e Anton haviam escolhido para mim. Eu as levaria para a Califórnia e as colocaria num depósito, com todas as coisas que eu precisava embalar e tirar do apartamento minúsculo que eu tinha alugado.

Pensei na última semana em Miami. Como no Havaí, foi um dos melhores momentos da minha vida. A visita de Wes, nossa nova relação e o compromisso um com o outro foram os destaques. Ele tinha ido embora no dia seguinte ao término das gravações. Disse que faria o máximo para tirar folga quando eu estivesse em

Malibu, mas provavelmente teria que trabalhar um pouco. Principalmente em seu escritório em casa. Para mim, só importava estar com ele. Descansando para o próximo trabalho.

Dallas, no Texas, e um magnata do petróleo. Eu não sabia muito sobre ele além do fato de querer que eu fingisse ser sua irmã desaparecida havia muito tempo. A irmã que ele nunca conheceu. Aparentemente, meu visual não importava, apenas meu nome e a data de nascimento, que eram iguais aos dela. Levei alguns dias para perceber que Millie não tinha mencionado o nome dele. Descobri que era Maxwell Cunningham. Fiz uma pesquisa rápida sobre o caubói. Ele era dono de cinquenta e um por cento da Cunningham Óleo e Gás, uma das vinte e cinco maiores indústrias de petróleo do mundo. Para um homem de apenas trinta anos, era um grande feito. No entanto, durante a pesquisa, eu soube que ele tinha herdado sua parte da empresa havia só um ano. Não descobri a quem pertenciam os outros quarenta e nove por cento, mas eu sabia que, na maioria das megacorporações, as ações menores eram compradas por investidores. De qualquer forma, ele estava me pagando para me passar por sua irmã, Mia Saunders. Era bem estranho. Quando vi a foto dele, senti como se já o conhecesse. Aquilo me fez pensar se ele esteve em algum dos bailes chiques que frequentei ao longo dos últimos seis meses.

Sabendo que em breve minhas dúvidas seriam sanadas, fui até a bolsa e peguei meus artigos de papelaria.

Anton,

Como se agradece a alguém por ajudá-la a lidar com um trauma? Não é como se eu pudesse ir à Hallmark e escolher um cartão que diga: "Ei, você me ajudou a voltar do precipício. Obrigada, amigo!" Haha.

Sinceramente, você teve cuidado e respeito comigo, da forma como um amigo de verdade faria. Dividir sua história comigo, me permitindo compartilhar a minha experiência com você, me salvou de tantas formas que eu nem consigo expressar. Estou muito feliz por você ter resolvido as questões de trabalho e seu relacionamento pessoal com a Heather. Ela é um anjo e tem uma ética profissional incrível. Você nunca vai conseguir pagar o que ela vale, porque nem você tem todo esse dinheiro. Apenas se certifique de retribuir a ela com elogios e gratidão pelo trabalho bem feito. Até mesmo empresárias fodonas precisam de um tapinha nas costas de vez em quando. Especialmente quando ele é dado pelo melhor amigo.

A experiência do clipe é algo que eu nunca vou esquecer, mas a lembrança mais querida para mim é o nosso passeio de moto. Foi simplesmente maravilhoso. Obrigada por compartilhar seus brinquedos comigo.☺

Eu sei que essa música vai arrasar. Vou comprar no minuto em que for lançada.

Até a próxima.

Sua Lucita,
Mia

Heather,

Conhecer você foi um presente. Espero que você saiba que, não importa onde eu esteja, sempre serei sua amiga. Ligue, mande mensagens, fale comigo sempre que quiser, e eu vou fazer o mesmo. Por quê? Porque é isso que amigas fazem! Estou louca para saber todos os apuros em que o Anton vai te colocar. Também estou feliz por vocês terem resolvido as coisas. Melhores amigos, daqueles para a vida inteira, sempre encontram um jeito de se acertar.

Boa sorte no novo cargo!

Sua amiga,
Mia

Depois disso, peguei minhas malas, deixei a chave do apartamento em cima da mesa, fechei a porta e saí. Anton e Heather achavam que me encontrariam dali a duas horas para me levar ao aeroporto, mas despedidas não são para mim. Eu preferia voar ao pôr do sol para o meu próximo destino, sabendo que a próxima aventura estava virando a esquina.

Eu havia retomado o controle da minha vida e me sentia bem com as decisões que tinha tomado, com o lugar onde estava e com o que o futuro me reservava. As possibilidades eram infinitas, especialmente quando eu imaginava meu surfista que faz filmes usando calção de banho, com areia nos pés e nos tornozelos, acenando para mim do Pacífico.

Hora de ir para casa... pelo menos por um tempo.

Não perca o próximo passo da jornada de Mia.

A *garota* do CALENDÁRIO

AGOSTO

Conheça a seguir o primeiro capítulo.

1



No momento em que saí para o sol da Califórnia, esbarrei em um corpo, fui levantada do chão e voei em um círculo estonteante. Lábios úmidos encontraram os meus. A luz do sol, o mar e o cheiro do meu homem permearam o ar ao meu redor. Conforto, alegria e alívio dominaram minhas emoções enquanto eu sugava o lábio inferior de Wes como uma sanguessuga — querendo mais, precisando que ele me marcasse dos pés à cabeça.

Me envolva em você. Eu só conseguia pensar nisso enquanto Wes virava meu rosto de um lado para o outro, aprofundando o beijo, me reivindicando muito além do que a decência permitia.

— Arranjem um quarto! — a voz de um garoto soou, rompendo nossa bolha feliz de boas-vindas. Deslizei o nariz contra o dele, saboreando seu cheiro, a forma como os cílios se fecharam, como se ele também estivesse tendo problemas com a ideia esmagadora que éramos nós dois. Wes e Mia. Um relacionamento.

— Oi, lindo — falei baixinho, minha voz camuflando quanto havia sentido sua falta.

Os dedos de Wes se entrelaçaram em meus cabelos, segurando minha nuca de leve.

— Minha garota — ele sussurrou em reverência antes de me beijar com doçura mais uma vez. Esse beijo foi menos quente que o primeiro, mas não menos significativo. — Vamos. Quero te levar pra casa. A Judi preparou um banquete para a sua volta.

— Sério? Você contou para ela que eu vinha? — Sorri e apertei a mão dele.

Ele puxou meu braço, me levando para a limusine.

— Claro. Eu tinha que contar que a minha *namorada* iria ficar uma semana em casa. Eu precisava ter certeza de que ela estaria preparada.

— Muito gentil da sua parte, sr. Channing... — Coloquei um pé dentro da limusine, balançando o traseiro o máximo que consegui. Como abelha em uma flor, o olhar dele foi descaradamente atraído para o meu bumbum. Rebolei até dizer chega e sorri quando seus olhos encontraram os meus. — ... Terceiro — sussurrei e pisquei.

Ele riu e bateu na minha bunda com força. Eu ia ter que esfregar aquela marca por um bom tempo.

— Entre, linda. Estamos perdendo tempo, e eu quero te comer antes de te alimentar.

Wes entrou na limusine com elegância. Ele era uma coisa de tão lindo. Alto, longilíneo, magro nos lugares certos. Os músculos abdominais e peitorais definidos eram ligeiramente visíveis através do tecido fino da camisa polo. Ele usava uma bermuda cargo condizente com o surfista que era, não com o ricaço roteirista da alta sociedade que eu sabia que ele podia ser, pelo menos quando necessário. Seus pés estavam enfiados em um par de tênis Vans.

No instante em que o motorista arrancou, Wes subiu o vidro interno e me atacou. Houve um momento em que eu não tive certeza de que ele faria alguma coisa, mas deveria ter adivinhado. Estávamos muito ávidos. Tinha se passado uma semana desde que nos vimos pela última vez. Num piscar de olhos, Wes me tinha no colo, com as pernas ao redor das dele, as mãos grandes na minha bunda, esfregando-a, acariciando-a e apertando-a de um jeito delicioso.

— Você vai realizar o meu sonho e me deixar transar com você aqui? — Seus olhos verdes estavam em chamas, uma bola de fogo de luxúria.

Balancei a cabeça e pressionei a pélvis, me esfregando em seu eixo rígido. Movimentando os quadris para a frente e para trás, criei um ritmo que nos deixou ofegantes.

— Não, não. *Eu* vou transar com você. — Um sorriso que provavelmente combinava com o meu deslizou em seus lábios.

As mãos de Wes ergueram minha saia curta e rodada, depois foram até a parte de trás da calcinha, segurando minha bunda inteiramente.

— Linda, eu sou todo seu. Do jeito que você quiser. Desde que a sua boceta apertada esteja engolindo o meu pau, eu realizo todos os seus desejos.

Ouvir Wes falar em "pau" foi o mesmo que tocar meu clitóris com ferro em brasa. Ele estremeceu e latejou, querendo atenção.

Sem esperar muito, me afastei de suas coxas, tirei a calcinha, fiquei de joelhos na limusine e abaixei sua bermuda. Seu pau saltou, livre. Passei a mão na base e apertei.

Wes gemeu, fechou os olhos e sua cabeça caiu para trás, no assento de couro. Uma gota perolada do líquido pré-ejaculatório apareceu na ponta, me parecendo boa demais para deixar passar. Wes olhou para baixo assim que lambi a ponta do seu membro.

— Puta merda! — Ele cerrou os dentes, e eu segurei suas pernas abertas. Olhei em seu rosto e vi um homem prestes a perder a sanidade. Em questão de segundos eu seria puxada para cima, e ele me colocaria sentada em seu pau. Eu sabia. Ele sabia. Wes gostava de estar no controle. Toda vez que eu tentava tomar as rédeas, ele tentava — como o cavalheiro que era — deixar. No entanto, no segundo em que meus lábios engoliam seu membro, eu tinha pouco ou nenhum tempo antes que seu controle se esvaísse. Não me entenda mal. Wes amava minha boca, adorava que eu o chupasse, mas geralmente só estaria interessado em sexo oral depois de me comer até dizer chega. Meu homem esperava intimidade primeiro; sexo safado, só depois.

Segurando firme ao redor da base, chupei a cabeça, girando a língua sobre a fenda e sorvendo o líquido que estava se formando ali. No momento em que seus quadris se ergueram, eu o levei até a garganta. Quando seu comprimento atingiu o fundo, fiz um movimento de sucção na ponta grande. Como eu havia previsto, Wes perdeu a cabeça. Sua mão envolveu meu pescoço e ele fez movimentos fortes de vaivém em minha boca, perdendo a capacidade de comunicação coerente.

— Vou foder a sua boca quente. — Ele meteu, sua mão me segurando no lugar. — Ah, isso. — Eu o senti se afastar alguns centímetros. — Tome tudo. — Enfiou novamente, como se estivesse com raiva de mim por chupar seu pau. — Que delícia... — Cerrou os dentes e recuou novamente. — Mais uma vez, baby. — Ele enfiou com força e eu relaxei a mandíbula, respirando pelo nariz. Ele parou em um lugar de prazer suspenso. — Me leve lá no fundo. Caramba, Mia. Eu te amo. — Ele puxou de volta e desta vez tirou tudo. Curvando-se, alcançou meus braços e me puxou para cima, me colocando mais uma vez em seu colo. Com minhas pernas e meu sexo abertos, ele encaixou o pau em mim. — Agora tome o que é seu, linda.

E foi o que eu fiz. Com força e profundamente, do jeito que eu tinha imaginado a semana toda. Seguindo seu caminho, ele deslizou um polegar talentoso entre nossos corpos e me tocou em movimentos circulares. Engoli em seco. Ele continuou circulando. Prendendo a respiração, entrei no ritmo e o aprofundei dentro de mim, até não ter certeza de onde ele terminava e eu começava. O tempo parou. Tudo o que nos rodeava era calor, prazer e beijos de derreter os ossos. Wes segurou meus ombros, me pressionando de encontro ao seu membro, ao mesmo tempo em que afundava em mim. Gritei em sua boca, mas ele engoliu o som. O orgasmo me

atingiu. Eu estava totalmente despreparada para a pressão escaldante que me consumiu todos os nervos e poros enquanto ele continuava a meter em mim.

Quando parei de me mover, perdida em nós dois, ele se inclinou para a frente, colocou a mão em minhas costas, apoiou um joelho no chão e me deitou para trás. Eu era apenas sensações, os nervos disparando em todas as direções, me levando à beira do precipício novamente.

— Wes... baby — foi tudo o que eu consegui dizer. Ele respondeu pressionando as mãos atrás das minhas coxas, empurrando meus joelhos em direção ao peito e entrando mais alguns centímetros em mim. Era possível e impossível ao mesmo tempo. Um grito saiu da minha boca, mas ele não tentou abafar desta vez, apenas manteve o ritmo brutal. Seus quadris continuaram se movendo descontroladamente, seu pau roçando minha carne de um jeito delicioso.

— Como senti falta dessa boceta. Eu amo a sua boceta, baby. Quero morrer aqui. Um dia, quando a gente tiver noventa anos, eu vou morrer comendo você. Exatamente. Desse. Jeito. — Ele girou os quadris e se inclinou, pressionando seu peso e o pau profundamente em mim, que podia senti-lo no umbigo. — Quero ver você gozar — ele rosnou entredentes.

— Eu já gozei, lindo — eu o lembrei do orgasmo de fazer a terra tremer que me levou ao chão. Caramba, o homem era uma máquina, movendo os quadris, me possuindo em lentas estocadas.

— Não, eu preciso mais uma vez. Eu quero a sua boceta apertando forte o meu pau. Quero gozar com a sua boceta me prendendo. Juntos, linda. — Ele me beijou, puxou meu lábio inferior com os dentes e começou tudo de novo. Sabendo exatamente do que eu precisava, deslizou a mão mais uma vez, girou o polegar mágico e me deu longas e lentas estocadas, até os músculos do meu núcleo estarem comprimidos e minha virilha, minhas pernas e tudo o mais fazerem exatamente o que ele disse: apertarem. — É isso aí. Ah, Mia. Tão bom. — Ele pressionou fundo, seu pau firmemente plantado dentro de mim, e se permitiu a liberação. Meu sexo o sugou até ele secar. Quando os tremores acabaram, ele caiu em cima de mim, rolando para o lado e me levando consigo.

Um sorriso bobo apareceu em seu rosto enquanto o que parecia uma sensação de paz o dominou.

— Melhor agora? — perguntei, com uma risadinha.

Ele abriu os olhos e ergueu a mão para minha bochecha, acariciando-a.

— Eu estou sempre melhor quando estou com você.

— Eu também.

— Meu bem! — Judi me recebeu de braços abertos. Corri até ela e a abracei. Ela se afastou e se concentrou em mim, seus olhos me avaliando. — Estou muito contente em vê-la. — O sotaque britânico fazia as palavras soarem como açúcar, especiarias e tudo de bom.

Eu sorri.

— Estou feliz por estar aqui, Judi. — Inalei o cheiro delicioso de alho, cebolas grelhadas e pimentões. — O que tem para o jantar? O cheiro está delicioso. — Minha boca se encheu de água. Eu só tinha comido uma barra de granola no voo de seis horas entre Miami e Malibu. Depois da brincadeira na limusine, eu precisava de alguma coisa substancial. Não tinha como me manter de pé, com o apetite insaciável de Wes por mim, se não me enchesse de carboidratos.

Os olhos de Judi brilharam enquanto ela caminhava de volta para a cozinha.

— Comidinha caseira. Algo para você se lembrar de casa. — Ela olhou para Wes e revirou os olhos. — Costeletas de porco, legumes grelhados, cuscuz com parmesão e pão de alho quentinho. O que você acha?

— Divino. — Ela me conquistou nas costeletas de porco. Eu tinha comido fora na maior parte do mês. Anton e Heather não costumavam fazer refeições em casa, principalmente porque não tinham tempo de fazer compras, e, como estavam sempre viajando, nunca chegaram a contratar um cozinheiro, apesar de Anton ter dinheiro suficiente para isso. Ele deveria pensar em contratar um nutricionista para ajudá-lo a manter aquele corpo. Anton se exercitava muito. Se adotasse uma dieta mais saudável, não precisaria se esforçar tanto. Fiz uma anotação mental para falar sobre isso com Heather na próxima vez em que mandasse uma mensagem. Agora que ela era oficialmente a empresária dele, precisaria de mais tempo para se concentrar em suas atividades e não no que ele iria querer no café da manhã, almoço e jantar.

Judi me levou ao balcão da cozinha.

— Venha, venha. — Ela deu um tapinha no banco alto com encosto. — Me conte o que você fez nesses seis meses.

Contar o que eu tinha feito? Hum. A versão resumida serviria.

— Bem, eu estive em vários lugares. Seattle, Chicago, Boston, Nova York, Washington, Havaí e Miami.

Ela assentiu e mexeu o molho que estava aquecendo na frigideira.

— E conheceu alguém interessante? — Judi inclinou o pescoço, mas seus olhos focaram os meus.

Sorri.

— Eu conheci um monte de gente, Judi. Fiz vários amigos.

— E o meu menino? Ele é seu amigo? — perguntou, daquele jeito maternal que só alguém que tivesse sido babá antes de trabalhar em sua casa faria.

Inclinando-me para a frente, apoiei o cotovelo no balcão e o queixo na mão.

— Eu acho que você sabe que o Wes é mais que um amigo pra mim.

Seus olhos se arregalaram e uma mão foi para o peito.

— Eu? Não sei de nada. Conte as boas-novas para esta velha.

Eu ri, pensando no sexo selvagem que tínhamos feito no carro alguns minutos atrás, mas parei quando seus olhos encararam os meus.

— Desculpe. Hum... — Segurei uma mecha de cabelo e a enrolei nos dedos. — Acho que podemos dizer que o Wes e eu chegamos a um acordo. Nós estamos juntos.

— Juntos. — Seu tom era acusatório, e eu não entendi por quê. Em seguida, ela bufou alto. O que aconteceu entre aquele monte de abraços com direito a jantar especial e essa demonstração de aborrecimento?

— Algum problema com o fato de nós estarmos juntos? — perguntei, hesitante.

Ela negou.

— Não, não. Eu lhe dei essa impressão?

— Hum, você está um pouco estranha, Judi. Eu falei alguma coisa que te ofendeu?

Ela se inclinou e acariciou minha mão, que estava sobre o balcão.

— Não, meu bem. É que eu sei que, quando você foi embora, o meu garoto sentiu muito a sua falta. Depois disso, aquela mulher esnobe andou aparecendo aqui e eu fiquei preocupada.

Ah, agora eu entendi.

— A Gina. Tudo bem. Eu sei tudo sobre ela.

— E não se importa? — Ela estreitou os olhos.

Pensei cuidadosamente na melhor forma de responder. Nem todo mundo entenderia o nosso relacionamento. Merda, nem eu mesma entendia na maior parte do tempo, e definitivamente não agora, quando ainda era tão recente.

Umedecendo os lábios, respirei fundo.

— O Wes e eu sempre tivemos sentimentos um pelo outro. — Ela assentiu,

como se essa informação não fosse de todo surpreendente. — Nós mantivemos contato durante todo esse tempo, mas não estávamos em um relacionamento sério. Ele estava livre para fazer o que quisesse, e eu também. Agora que entramos em um acordo sobre o que está acontecendo, estamos vendo como as coisas ficam e curtindo o presente. Faz sentido para você?

Ela encolheu os ombros.

— Não é da minha conta, mas eu gosto de ver o sorriso no rosto do meu garoto quando ele está com você. Ele planejou um monte de coisas, a semana toda, para a sua chegada. Queria que você tivesse roupas novas, coisas que ele colocou no armário *dele*, aliás. — Ela abriu um daqueles sorrisos repletos de sabedoria que só as mulheres com jeito de mãe conseguem ter. Do tipo que diz que sabe alguma coisa de que você não faz ideia ou que tem um conhecimento incrível para transmitir.

Acabei rindo com suas palavras.

— Então ele me mudou para o quarto dele, é?

Seu sorriso estava radiante.

— Sim, e eu recebi instruções para acompanhá-la ao seu apartamento amanhã, com alguns ajudantes, e embalar todas as suas coisas. Ele quer que você traga tudo para cá.

— Hum... O quê? — Balançar a cabeça não me ajudou a assimilar mais rápido o que ela estava dizendo. — Ele quer que eu encaixote tudo no meu apartamento e me mude pra cá? Pra sempre?

As sobrancelhas dela se estreitaram.

— Isso não é óbvio?

Bati no balcão. Uma pontada de dor atingiu minha mão. Segurei a palma dolorida e a esfreguei.

— Parece que o *lorde* Channing e eu vamos precisar ter uma conversinha mais tarde. Não faça esses planos para amanhã.

Judi acariciou minha mão novamente.

— Ah, meu bem, você não sabe mesmo com quem está lidando. O compromisso já está marcado para amanhã com os carregadores. Vou estar preparada para liderar o grupo às dez.

Desta vez fui eu que estreitei o olhar.

— Estou dizendo que isso não vai acontecer.

Judi riu.

— Tudo bem, querida. Continue acreditando nisso.

— Por que não? É o meu apartamento. Eu digo o que vai acontecer e,

definitivamente, digo para onde vou me mudar. — Apontei o dedo para o granito. — E não vai ser pra cá.

É claro que eu adoraria morar ali. Ter meu jantar pronto e servido, refeições deliciosas todas as noites. Sentar na varanda para ver o mar ou o lado oposto, que dava para as colinas. Dormir na nuvem de felicidade que era a cama de Wes. Mas eu não faria isso porque o meu namorado estava exigindo. De jeito nenhum.

Judi parou de mexer a panela, baixou o fogo e nivelou seu olhar com o meu. Apoiou os cotovelos no balcão e se inclinou para a frente.

— Meu bem, eu estou com o Weston há um bom tempo. Desde que ele era pequeno. Existem pouquíssimas coisas que ele não consegue quando decide que quer. Seria bom você aprender isso agora. Se é você que ele quer, é você que ele vai ter. Ou vai morrer tentando.

Quando pensei a respeito, e eu realmente pensei, até que era bom ser cobiçada dessa forma. No entanto, eu não era nem me tornaria posse de um homem rico. Se ele achava que eu iria me mudar sem discussão, estava enganado.

— Bem, o meu querido namorado vai ter que me pedir — falei, me levantando, com a determinação que tentava ao máximo sentir.

— Pedir o quê? — Wes voltava do escritório, aonde tinha ido checar alguma coisa de trabalho antes do jantar.

— A Judi disse que você quer que ela traga todas as minhas coisas pra cá. — Apoiei o peso em uma perna e coloquei a mão no quadril. Usei minha expressão supersséria de "nada-vai-passar-por-mim", aperfeiçoada ao longo dos anos.

Wes franziu o cenho e depois deu de ombros.

— Você não quer ficar comigo?

Bom, quando ele falou desse jeito, não tive outra resposta além de:

— Sim, claro.

— E não vai querer morar aqui algum dia? — Sua cabeça se inclinou para o lado, num gesto não defensivo.

— Bem... Sim — respondi, sem conseguir entender aonde ele queria chegar.

— Certo. — Ele se aproximou, me prendendo, colocando os longos braços em cada lado do balcão atrás de mim. Abaixou bem o rosto para que eu pudesse olhar diretamente em seus olhos. Verde-com-verde. Sua respiração soprou em meus lábios e fez outras partes do meu corpo começarem a prestar muita atenção. — Mia, linda, você quer trazer as suas coisas pra minha casa e fazer com que ela seja sua também?

Umedeci os lábios e o encarei, notando a forma como as linhas finas ao redor dos olhos e dos lábios o faziam parecer especial. Bonito. Mais que perfeito. Respirei

fundo e ele esperou, tranquilo, pela minha resposta. Eu era completamente impotente diante do seu charme.

— Tudo bem. Eu me mudo pra cá.

Ele abriu um sorriso de derreter calcinhas, e eu quase desmaiei.

— Te amo. — Quando ele terminava qualquer frase com *isso*, conseguia o que queria. Sério. Eu precisava começar a me preparar para os "eu te amo" futuros e o efeito daquilo em minha mente.

— Te amo — respondi.

Ele me beijou, o mais leve toque, antes de se afastar, então bateu palmas.

— Muito bem, isso está resolvido. O jantar está pronto, Judi? Tudo preparado?

Eu me virei e me sentei novamente.

Judi abriu um sorriso afetado enquanto servia o jantar.

— Tudo perfeito, meu querido. — Ela olhou em minha direção e piscou. Eu queria odiá-la por estar certa, mas não podia. O amor que ela tinha por Wes vinha do tempo de convivência e, no fim das contas, ela o conhecia melhor que eu.

Por enquanto... mas não por muito tempo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Julho

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/a-garota-do-calendario-julho-598730ed600321.html

Skoob da autora
https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan

Site da autora
http://www.audreycarlan.com/

Goodreads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora
https://www.facebook.com/AudreyCarlan/

Twitter da autora
https://twitter.com/audreycarlan

Vídeo sobre a série no Youtube
https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw

Instagram da autora
https://www.instagram.com/audreycarlan/